

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO — UNEMAT
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA –
MESTRADO/DOCTORADO**

DANIELE ANGÉLICA BORGES FOLETTO

**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM CONTEXTO DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
A PARTIR DE SÉRIES TELEVISIVAS**

Cáceres — MT

2021

DANIELE ANGÉLICA BORGES FOLETTTO

**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM CONTEXTO DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
A PARTIR DE SÉRIES TELEVISIVAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da Professora Dra. Cristiane Schmidt.

Cáceres — MT

2021

FOLETTTO, Daniele Angélica Borges.

F663e Expressões Idiomáticas em Contexto de Ensino de Língua Inglesa a Partir de Séries Televisivas / Daniele Angélica Borges Foletto – Cáceres, 2021.

143 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu
(Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem,
Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.
Orientador: Cristiane Schmidt

1. Sociolinguística Educacional. 2. Expressões Idiomáticas. 3. Ensino de Língua Inglesa. I. Daniele Angélica Borges Foletto.
II. Expressões Idiomáticas em Contexto de Ensino de Língua Inglesa a Partir de Séries Televisivas.

CDU 81'27:811.111

DANIELE ANGÉLICA BORGES FOLETTTO

**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM CONTEXTO DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
A PARTIR DE SÉRIES TELEVISIVAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em: 18/02/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Schmidt

Orientadora/ Presidente

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística/UNEMAT

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza

Avaliador/Membro Interno

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística/UNEMAT

Profa. Dra. Neide Araújo Castilho Teno

Avaliadora/Membra Externa

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras/UEMS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, especialmente ao meu pequeno João Renato que por inúmeras vezes, ainda tão pequeno, compreendeu que a mamãe precisava estudar e não podia brincar com ele. Ao meu esposo Luiz Paulo que sempre apoiou a continuidade dos meus estudos. Aos meus pais simplesmente maravilhosos que sempre me auxiliaram e me incentivaram a alcançar meus objetivos, e a minha irmã caçula Priscila que foi minha inspiração. E a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer ao nosso bondoso e misericordioso Deus, nosso Criador que recentemente aprendi que seu nome é Jeová.

Agradeço a minha família, meu filho, esposo e meus pais por todo apoio e compreensão nas horas dedicadas a este trabalho, sem eles não teria conseguido.

Quero agradecer especialmente a minha irmã Priscila Borges Coutinho, minha maior incentivadora, motivadora e que contribuiu muito durante a construção e o desenvolvimento das ideias que permeiam o texto.

Aos acadêmicos do curso de Letras da turma 2017/2, para a qual tive o prazer de ministrar a disciplina de Linguística Geral, no ano de 2018 e que me apoiaram e me impulsionaram a buscar o sonho do mestrado.

Aos meus residentes pedagógicos pelo carinho e incentivo.

À professora Barbara Gallardo por sempre torcer por mim.

A toda a equipe da Escola Estadual Professora Jada Torres, em especial ao diretor Magno e à secretária Edilene.

Aos colegas mestrandos e doutorandos que tive o prazer de conviver por pouco tempo, mas que foi muito significativa e rica a experiência das aulas presenciais em 2019.

Aos professores do curso do PPGL pelos ensinamentos e apontamentos durante as disciplinas.

Ao professor Antônio Carlos Santana por toda sua contribuição com seu vasto conhecimento.

E, claro, minha eterna gratidão a minha ilustríssima, querida e zelosa orientadora Cristiane Schmidt pelo apoio, carinho, atenção, conversas de incentivo e dedicação desde o início até o presente momento.

RESUMO

A natureza da língua está em constante processo de mudança, por estar condicionada aos usos dos falantes nos diferentes contextos de interação sociocultural. Entre as inúmeras línguas naturais mais usadas na atualidade, destaca-se a língua inglesa, por ter o *status* de língua comum entre as diferentes nações, além de ser o idioma usado em relações diplomáticas. Tratando-se do ensino de língua estrangeira, depreende-se que as novas tecnologias, como os seriados televisivos, se configuram em materiais autênticos e inovadores, pois possibilitam o contato com a língua e a cultura a serem apreendidas. A partir do exposto, o presente estudo tem como objetivo central investigar em que medida algumas expressões idiomáticas do inglês veiculadas em séries televisivas podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa e suas variações linguístico-culturais numa escola pública do Mato Grosso. A pesquisa, para tanto, fundamenta-se nas obras de autores clássicos dos Estudos Sociolinguísticos como William Labov, Luis-Jean Calvet, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Magda Soares e Marcos Bagno, que procuram relacionar a língua com o ensino — a vertente conhecida como Sociolinguística Educacional. Entre os procedimentos metodológicos adotados para a coleta de dados constam entrevistas remotas feitas com alguns alunos do 9º ano do Ensino Fundamental — aprendizes de inglês e colaboradores deste estudo — por meio do aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*. A partir da discussão dos dados se reconhece a possibilidade do aprendizado da língua inglesa, bem como se constatou o uso de variantes de expressões idiomáticas dentro e fora do ambiente escolar, considerando as diferenças linguísticas e socioculturais contidas nos episódios apresentados em sala de aula.

Palavras-chave: Sociolinguística Educacional; Expressões Idiomáticas; Séries Televisivas; Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa.

ABSTRACT

The nature of the language is in a constant changing process, as it is conditioned to the uses of speakers in different contexts of socio-cultural interaction. Among the innumerable natural languages most used today, the English language stands out, for having the status of a common language among different nations, in addition it is the language used in diplomatic relations. In the case of foreign language teaching, it seems that new technologies, such as television series are configured as authentic and innovative materials, as they allow contact with the language and culture to be learned. Based on the above, the present study has as central objective of investigating whether and to what extent some idioms of English broadcast in television series can assist in the process of teaching and learning English language and its linguistic-cultural variations in a public school in Mato Grosso. The research, therefore, is based on the works of classic authors of Sociolinguistic Studies, such as William Labov, Luis-Jean Calvet, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Magda Soares and Marcos Bagno, who seek to relate language to teaching — the strand known as Educational Sociolinguistics. Among the methodological procedures adopted for data collection, there are remote interviews with some 9th grade students — English learners and collaborators in this study — through the WhatsApp instant messaging application. From the data discussion, the possibility of learning the English language is recognized, as well as the use of variants of idiomatic expressions inside and outside the school environment, considering the linguistic and socio-cultural differences contained in the episodes presented in the classroom.

Keywords: Educational Sociolinguistics; Idiomatic expressions; Television Series; English Language Teaching and Learning.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Expressões idiomáticas presentes na série *Desventuras em Série*78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Marca de embalagem	38
Figura 2: Marca de embalagem	38
Figura 3: Nome de loja	39
Figura 4: Nome de loja	40
Figura 5: Atividade sobre a série	72
Figura 6: Amostra de Conversa 1	74
Figura 7: Amostra de Conversa 2.....	74
Figura 8: Amostra de Conversa 3	75
Figura 9: Amostra de Conversa 4	75
Figura 10: Amostra de Conversa 5	76
Figura 11: Amostra de Conversa 6	76
Figura 12: Amostra de Conversa 7	77
Figura 13: Amostra de Conversa 8	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: O perfil dos colaboradores	70
Tabela 2: Respostas da questão 4 dos colaboradores.....	87
Tabela 3: Respostas da questão 5 dos colaboradores	88
Tabela 4: Respostas da questão 6 dos colaboradores	90
Tabela 5: Respostas da questão 7 dos colaboradores	92
Tabela 6: Respostas da questão 8 dos colaboradores	94
Tabela 7: Respostas da questão 10 dos colaboradores	97
Tabela 8: Respostas da questão 11 dos colaboradores	98
Tabela 9: Respostas da questão 12 dos colaboradores	100
Tabela 10: Respostas da questão 13 dos colaboradores	101
Tabela 11: Respostas da questão 14 dos colaboradores	103
Tabela 12: Respostas da questão 15 dos colaboradores	106

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – A SOCIOLINGUÍSTICA NO CONTEXTO DE ENSINO	20
1.1 A Sociolinguística: percurso e perspectivas.....	20
1.2 Sociolinguística Educacional: ‘no chão da escola’	25
CAPÍTULO 2 - LÍNGUAS E CULTURAS ESTRANGEIRAS	32
2.1 Língua Estrangeira: situando a área no ensino brasileiro	32
2.2 A Língua Inglesa: ‘a língua do outro’	34
2.3 Expressões Idiomáticas: ‘a cultura do outro’	41
CAPÍTULO 3 - TECNOLOGIAS E ENSINO DE LÍNGUA	47
3.1 Aprender a Língua por meio de Ferramentas Digitais: um caminho possível?	47
3.2 Um vislumbre acerca do momento histórico de Pandemia de Coronavírus e as Tecnologias	51
3.3 As Séries Televisivas Inglesas	56
CAPÍTULO 4 – CAMINHOS METODOLÓGICOS	60
4.1 Apectos Metodológicos.....	60
4.2 Estudo de Caso: a escola no estado de MT.....	62
4.3 Coleta de Dados	66
4.3.1 Contato e ‘Sondagem’	66
4.3.2 Entrevista.....	67
4.3.3 Perfil dos Colaboradores.....	69
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	73
5.1 O Projeto Piloto: Expressões Idiomáticas	73
5.2 Discussão dos Dados: a perspectiva dos Colaboradores	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109

REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	117
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	117
ANEXO B – BIRDS OF PREY (AND THE FANTABULOUS EMANCIPATION OF ONE HARLEY QUINN).....	123
ANEXO C – YES! TOUCH.....	124
ANEXO D – TOP CHARME.....	125
ANEXO E – KING TÊNIS	126
ANEXO F – CHAMPION SMARTWATCH.....	127
ANEXO G – FOTO NEW COLOR	128
ANEXO H – MR. MÚSCULO	129
ANEXO I – SALON LINE.....	130
ANEXO J – VEJA POWE FUSION/GOLD	131
ANEXO K – YPÊ PINK	132
ANEXO L – SAF-INSTANT	133
ANEXO M – FREE WAY	134
ANEXO N – OFF FAMILY	135
ANEXO O – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	136
ANEXO P – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	138
ANEXO Q – TERMO DE ASSENTIMENTO	140

1 INTRODUÇÃO

A língua está em constante processo de evolução, sendo alterada continuamente pelos seus falantes, nos diferentes contextos de interação sociocultural, ou seja, ela é de natureza dinâmica, viva e sujeita às variações, bem como mudanças, sendo condicionada aos usos dos falantes em sociedade.

William Labov, renomado sociolinguista americano, conhecido como o principal nome da Sociolinguística Variacionista, constatou que a linguagem é heterogênea e existem muitos modos de falar. Segundo Labov (2008 [1972], p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social, pois comunica necessidades, ideias e emoções”. Uma nação apresenta diversos traços de identificação e a língua é um deles. Esta pode variar em certos fatores, tais como o tempo, o espaço e o nível cultural. Todas as pessoas podem variar a linguagem de diferentes maneiras, tudo depende com quem e onde se está falando, pois, esses dois fatores determinam nosso grau de monitoramento.

Ao mesmo tempo, devemos levar em consideração que cada falante é bilíngue dentro do seu próprio idioma, que em seus lares as pessoas utilizam uma variação e com seus colegas de escola, de vizinhança, de igreja, para citar alguns exemplos, comunicam-se fazendo uso de marcas distintas referentes ao grupo social em questão.

Para Labov:

Os procedimentos da linguística descritiva se baseiam na concepção da língua como um conjunto estruturado de normas sociais. Nessa perspectiva, a língua é vista pelos sociólogos como uma das formas do comportamento social, transmitida como herança social, que só pode ser analisada no contexto social, no qual está inserida (LABOV, 2008 [1972], p. 140).¹

Dentre as inúmeras línguas naturais usadas na atualidade, destaca-se que a língua inglesa é apontada como língua comum entre os povos de diversas partes do globo terrestre, já que é o idioma que os países utilizam para se relacionar diplomaticamente ou em tempos de guerra.

¹ LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008 [1972].

No processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa nos deparamos com diversas formas de se falar inglês, pois temos pessoas de várias nacionalidades utilizando esta língua.

Tratando-se do ensino de língua e, especificamente, de língua estrangeira no contexto da escola pública em âmbitos estadual e regional, depreende-se que o uso de seriados em sala e o contato com um material autêntico e inovador possibilitam a exibição da língua e da cultura dos falantes de um determinado idioma. O estudante não aprende apenas uma nova língua, mas também amplia seu conhecimento de mundo por meio de uma língua contextualizada possibilitando, assim, compreender a forma de agir e pensar de uma determinada sociedade que use a língua estrangeira para se comunicar.

A nossa pesquisa, portanto, pretende nortear-se nas obras de autores clássicos dos Estudos Sociolinguísticos como William Labov, Luis-Jean Calvet entre outros autores, assim como Stella Maris Bortoni-Ricardo, Magda Soares, Marcos Bagno, que procuram relacionar a língua com o ensino — a vertente teórica conhecida como **Sociolinguística Educacional**.

O inglês, num panorama internacional, é a língua oficial em muitos países do “primeiro mundo”, sendo vista como uma língua de prestígio. E isto pode ser algo positivo, no sentido de que o aprendiz quer também fazer parte deste contexto de superioridade; ou algo negativo, onde o aprendiz se configura em posição inferior e não se sente capaz ou motivado o suficiente para aprender essa língua, pois existe o mito de pensar que não se enquadra neste cenário.

Sendo assim, o aprendizado se torna mais concreto quando o professor faz uso das abordagens e métodos que alcancem esses aprendizes e, deste modo, conseguem motivar e inspirar no processo de ensino e aprendizagem do idioma.

Para falar de língua é necessário destacar a sua indissociabilidade com a cultura e a sociedade. Dessa forma, em consonância com Stuart Hall (2004) e Rajagopalan (2003), estando em contato com a língua e a cultura do outro compreendemos a nossa própria língua e cultura. Quando se entende a cultura do outro podemos nos tornar mais tolerantes com o próximo e, assim, evita-se determinados conflitos e conhecemos a cultura quando nos permitimos a aprender o idioma.

A partir do exposto, a **problematização** insere-se na crença de que praticamente tudo o que é produzido nos Estados Unidos da América tem um valor,

ou um peso maior, ou até mesmo mais credibilidade e qualidade. Assim também é vista, por uma parcela significativa, a Língua Inglesa. Pode-se dizer que a Língua Inglesa é considerada pelas classes sociais menos favorecidas economicamente, como algo inalcançável, muito difícil de se adquirir/aprender, como se somente a elite da sociedade fosse privilegiada com o conhecimento e o domínio do idioma.

Sabemos que cursos de idiomas não possuem preços acessíveis para todas as camadas sociais e que na educação básica formal os professores enfrentam desafios constantes no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Nos contextos institucionalizados temos, em média, trinta alunos em cada sala de aula. No ensino fundamental os estudantes iniciam sua caminhada de aprendizado da Língua Inglesa no 6º ano, com apenas duas aulas semanais e quando são promovidos para o ensino médio essa realidade se transforma e então passam a ter apenas uma aula de língua inglesa por semana.

Esses fatores somados com a indisciplina, a falta de interesse dos alunos e a falta de incentivo da família prejudicam demasiadamente o andamento das aulas de Língua Inglesa, e também de outras disciplinas, mas veem o inglês como algo fora de suas realidades. Porém, ela não é menos importante que as outras disciplinas em espaços formais da educação básica, posto que ainda podemos citar inúmeras oportunidades e benefícios que o domínio desse idioma proporciona ao seu falante.

Além disso, a Língua Inglesa ocupa um papel significativo no campo das tecnologias de comunicação e informação. No entanto, não é difícil nos depararmos com um problema recorrente nas escolas públicas no estado de Mato Grosso em relação ao ensino-aprendizagem da Língua Inglesa como língua estrangeira, em que nem sempre os professores estão devidamente preparados, tem-se poucas aulas no currículo, além dos alunos estarem, muitas vezes, desinteressados. Somam-se a essa situação a falta de oferta de formação continuada aos professores de línguas estrangeiras nos municípios mato-grossenses.

Nesse sentido, para que uma aula de língua estrangeira seja significativa é necessário que por parte do professor haja uma etapa de preparação dessa aula, pensando em toda e qualquer possibilidade de erros e acertos, e também tendo diversos planos auxiliares. Também é fundamental que o professor considere as diversas situações que possam inviabilizar seu trabalho pedagógico, como por exemplo, uma queda de energia na escola, quando o planejamento da aula e sua

aplicação envolvem a utilização de equipamentos eletrônicos, tornando-se, nesse caso, indispensável o plano B.

Como as aulas de inglês em determinados espaços formais de ensino lamentavelmente são designadas como enfadonhas por uma parcela significativa de alunos, ou sem utilidade, já que não conseguem associar a magnitude do conhecimento de um outro idioma com seus contextos, muitos demonstram resistência ao se exporem em relação a sua pronúncia. Dessa maneira, pensamos em uma forma de trabalhar expressões idiomáticas em Inglês, mediante a inserção de alguns seriados que chamam a atenção do público jovem, aprendiz de língua inglesa e usuário de diferentes Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

O estudo por essa **temática** pauta-se no entendimento de Barton e Lee (2015), os quais apontam a linguagem como algo central nas mudanças contemporâneas. Ainda, essa perspectiva teórica e pedagógica toma por base o crescente interesse dos estudantes por séries televisivas que veiculam a língua e a cultura inglesa, sendo que, para tanto, selecionamos títulos, assuntos e enredos que se amoldassem ao contexto escolar, considerando o público-alvo, os conhecimentos linguísticos e temas de interesse dos interlocutores.

Considerando isso, podemos perceber que os recursos tecnológicos e midiáticos podem ser elementos que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa no contexto escolar. Especificamente, com a popularidade das séries na TV, na *Netflix*, na *Globo Play* e outros canais, os estudantes confirmam seu entusiasmo por meio de conversas com os colegas, professores, funcionários da escola e esporadicamente assistindo em seus *smartphones* na hora do intervalo, ou quando não estão em sala de aula, assistem a esses programas até escondidos.

Para tanto, as **Expressões Idiomáticas** — objeto do presente estudo — na compreensão da Língua Inglesa ganham no aspecto lexical em que o estudante vai aprender o como, quando e onde utilizá-la e ainda relacionar sua tradução ao equivalente em sua língua materna.

Em contato com a série televisiva, a desconstrução de determinados conceitos, que pelos estudantes são vistos como algo inútil, passa, então, a fazer sentido, pois quando junto de uma cultura distinta da sua passa a respeitar as diferenças e a compreender com mais apreço os seus próprios costumes.

Com o uso da língua em interações sociais a apropriação da Língua Inglesa por meio das expressões idiomáticas, os estudantes conseguem relacioná-las às suas

práticas sociais. E com a série que trabalhamos vamos também apresentar aspectos culturais da sociedade norte americana, hábitos, costumes e tradições que são pertinentes às expressões idiomáticas. Pelos personagens da série é possível identificar a variação/dialeto, e assim conseguem relacionar seu próprio em língua materna com a língua inglesa e compreender que não há sotaque certo ou errado, apenas sotaques diferentes, desenvolvendo assim uma consciência linguística.

Este estudo pode também explorar outros meios além da série televisiva em questão e aprofundar a compreensão beneficiando-se de vídeos referentes ao mesmo assunto. Podemos usar o celular dos estudantes como meio de promoção do saber posto que, eles se reconhecem utilizando o dispositivo em suas rotinas dentro e fora do âmbito escolar. Em conformidade com Damke, não podemos falar em língua sem que ela esteja ligada a identidade do próprio falante.

Uma vez que o telefone celular nas mãos dos alunos compete de forma desigual com os professores, somos convidados, para não dizer forçados, a reinventar nossas aulas, pois proibir o uso dos aparelhos gera revolta, angústia e os desmotivam a buscar conhecimento com o professor.

Considerando o exposto, entre os **objetivos** que norteiam o presente estudo constam:

A) Objetivo Geral:

Investigar em que medida algumas expressões idiomáticas do inglês veiculadas em séries televisivas podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa e suas variações linguísticas e culturais numa escola pública do Mato Grosso.

B) Objetivos Específicos:

(I) Analisar aspectos culturais e sociais inerentes nas expressões idiomáticas da língua inglesa presentes na série *Desventuras em Série*;

(II) Compreender as traduções literais de expressões inglesas e respectivas traduções em língua portuguesa;

(III) Verificar a utilização de expressões idiomáticas em contextos de interação sociocultural;

(IV) Investigar em que medida elementos conteudísticos das séries influenciam no modo de vida e no comportamento dos aprendizes de Língua Inglesa.

E nesse sentido embrenharemos nos estudos das Expressões Idiomáticas presentes nas falas dos personagens da série em questão, na medida que

investigaremos sua origem, sua tradução literal e ou equivalente em língua portuguesa, e o grau de cristalização que essa expressão possui. No caso, se podemos flexionar seu verbo, se é possível alterar o gênero, transformá-la em negação, afirmação ou interrogação sem transfigurar seu sentido original.

Para tanto, as **questões norteadoras** deste estudo são:

– Qual a origem das expressões idiomáticas presentes na série investigada, bem como a tradução literal e/ou sua equivalência em língua materna?

– Em que medida é possível flexionar o verbo ou alterar o gênero de tais expressões idiomáticas e permitir que sejam transformadas sem que elas percam sua essência semântica?

– E ainda, quais elementos sociais e culturais podem ser identificados e apreendidos nas expressões idiomáticas estudadas pelos participantes desta pesquisa?

As **motivações** pela escolha da temática depreendem de questões de ordem pessoal e profissional. Nesse sentido, o desenvolvimento deste trabalho é devido ao grande interesse relacionado a Língua Inglesa e uma experiência que tive ao ter a oportunidade de fazer um intercâmbio cultural para os EUA e conviver diariamente com uma família estadunidense e concluir o Ensino Médio em uma escola pública do Estado da Carolina do Norte.

Sempre tive interesse em conhecer outras culturas e outros idiomas, mas as condições financeiras da época não me permitiam. Cursei inglês em uma escola de idiomas aos 12 anos, no ano seguinte, tive que interromper meus estudos por questões de ordem financeira familiar. Foi então que comecei a trabalhar como secretária no período noturno desta escola de idiomas em troca da continuação do meu curso de Inglês, e em consequência do meu esforço e interesse fui convidada a acelerar meus estudos.

Logo ao acaso fez-se necessário que eu assumisse brevemente o papel da professora de Inglês das crianças, e partir desse momento continuo exercendo a docência até a atualidade. Dois anos depois foi quando o intercambio aconteceu nos anos 2000/2001. Quando voltei do exterior continuei a ministrar aulas em cursos de Inglês e iniciei a faculdade de Letras, pois a carreira docente sempre me atraiu. E em 2009 consegui viajar novamente para os EUA e fazer um curso de Inglês para estrangeiros por 15 dias na Cattawba Valley Community College, também no estado da Carolina do Norte.

Em janeiro de 2013 pude participar de um programa do Governo Federal Brasileiro juntamente com o Governo Federal dos Estados Unidos ofertado aos professores de Inglês da rede pública brasileira que proporcionou 56 dias de estudos no estado de Illinois, onde aprendemos sobre a cultura estadunidense e técnicas de ensino do idioma.

De outra parte, a motivação pela temática surgiu devido ao trabalho pedagógico já desenvolvido na Escola Estadual Professora Jada Torres, situada no município de Tangará da Serra, no estado do Mato Grosso, no período de 2016 a 2018, na época sem maiores pretensões, mas com grande potencial de um estudo investigativo. Nossa clientela estudantil não consegue associar a língua inglesa ao seu ambiente, dificultando assim a fruição das aulas mais “tradicionais”, nas quais o professor faz uso do quadro, livro didático e dicionário apenas.

Assim afirmam Rosa, Schmidt e Souza (2018, p. 4) que “Fugindo das amarras tradicionais e dialogando criticamente com outros níveis na sociedade, de forma visual, audiovisual e ainda cibernética, temos a Sociolinguística e suas variações trazidas por esses novos clientes do ensino público”.

É importante ressaltar que não são todos os alunos que acatam instantaneamente esse tipo de metodologia, alguns apresentam certa resistência no início, mas, quando há diálogo, o professor consegue trazer vertentes relevantes ao cotidiano. Como exemplo destacamos a relação entre as expressões dos jogos de vídeo game, de aplicativos do celular, das músicas com as séries em questão, logo surge um interesse que se estende além desses parâmetros, ao se permear pelas questões culturais e cotidianas que os seriados apresentam e, conseqüentemente, possibilitando chamar a atenção do telespectador.

A partir dessas delineações iniciais, o presente trabalho está estruturado da seguinte forma:

Na primeira seção, consta a Introdução da dissertação, contendo a temática investigada, os objetivos, a justificativa e a problemática que move este trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado “A Sociolinguística no contexto do ensino”, trazemos uma síntese sobre a Sociolinguística para o objeto de estudo, assim como a sua contribuição para a nossa sociedade e para a nossa pesquisa.

No segundo capítulo, intitulado “Línguas e culturas estrangeiras” evidenciamos o trajeto da língua estrangeira dentro da grade educacional brasileira e a relevância

da cultura estrangeira assim como a sua língua e as contribuições na formação acadêmica dos indivíduos.

Em “Tecnologias e ensino de língua”, terceiro capítulo, trilhamos um caminho revelando a relevância do uso das tecnologias neste momento de Pandemia do Coronavírus (Covid-19) que vem assolando todo o globo terrestre, e apresentaremos os aspectos relevantes da série televisiva chamada *Desventuras em Série*.

Posteriormente, em ‘Caminhos Metodológicos’, no quarto capítulo, constam os procedimentos metodológicos adotados para a coleta de dados. Também tecemos uma síntese da estória de *Desventuras em Série* e apontamos os aspectos sociolinguísticos e didáticos da obra. Nessa seção descrevemos a instituição escolar – *locus* da pesquisa – e apresentamos o perfil dos colaboradores, com base nas informações obtidas nas entrevistas feitas com alguns alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

No quinto capítulo, intitulado “Análise e Discussão de Dados”, apresentamos um projeto piloto sobre como as expressões idiomáticas contidas nas falas dos personagens da série *Desventuras em Série* contribuem para o aprendizado da língua inglesa e da cultura do seu povo, assim como um esquadramento sobre as expressões idiomáticas. Ainda detalhamos, descrevemos e analisamos as respostas obtidas, principalmente com as entrevistas conduzidas com esses aprendizes de língua inglesa, considerando a perspectiva deles sobre o objeto de estudo.

Ao fim constam as “Considerações Finais” em que tecemos algumas conclusões acerca da nossa percepção construída durante a pesquisa realizada.

CAPÍTULO 1 – A SOCIOLINGUÍSTICA NO CONTEXTO DE ENSINO

1.1 A Sociolinguística: percurso e perspectivas

Podemos definir a Sociolinguística como uma ciência que nasceu para quebrar paradigmas, desconstruir conceitos e destruir preconceitos em relação aos fenômenos linguísticos. A Sociolinguística nos é ofertada como um bálsamo que conduz ao alívio. Usando essa metáfora, podemos dizer que essa ciência amplia os horizontes da comunicação e nos convida a conhecer as várias formas de falar, levando em consideração o ambiente e a cultura de uma sociedade ou dos participantes dela.

Uma vez que língua e sociedade não se desprendem, e a sociedade é constituída a partir de culturas, temos a tríade de língua, sociedade e cultura que constituem a sociolinguística que é a ciência que estuda o comportamento linguísticos de uma sociedade.

Bem antes da Linguística ser definida como ciência tem-se registrado no livro intitulado *Bíblia Sagrada* que um homem chamado Jesus Cristo fazia o uso da linguagem e dos termos que o povo, para quem pregava, era capaz de compreender nas mais diversas situações. Ele adequava sua fala para que as pessoas, desde o grau mais elevado em conhecimento na esfera social da época, até os esmoleiros, camponeses e pessoas sem instrução erudita fossem capazes de compreender a mensagem que ele apostolava.

Conforme citado por Macedo-Karim (2012), a constituição da Sociolinguística como área da Linguística teve como marco a publicação dos trabalhos apresentados em um congresso realizado em 1964 na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), organizada por William Bright (1966). O organizador apresentou os trabalhos sob o título *Sociolinguistics* e escreveu um texto introdutório, *The dimensions of Sociolinguistic*, em que define e caracteriza essa área de estudo.

A perspectiva da Sociolinguística seria demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção. A diversidade é a palavra-chave dessa área de estudo. Segundo Bright, é possível relacionar um conjunto de dimensões ao condicionamento da diversidade linguística. O condicionamento linguístico se refere aos vários fatores socialmente definidos com os quais se supõe que a

variação linguística esteja relacionada. O número dos fatores pode variar em cada caso, mas alguns desses fatores parecem ocorrer na maioria dos casos de diversidade linguística, como os que se referem às dimensões de emissor, receptor e do contexto. Assim, geralmente são considerados nos estudos dessa área: (1) a identidade social do emissor ou falante; (2) a identidade social do receptor ou ouvinte; (3) o contexto (BRIGHT, 1974, apud MACEDO-KARIM, 2012, p. 41).

A Sociolinguística, para Faraco (1991) e outros teóricos, constitui-se como uma forma de escape para o ensino altamente estrutural. Segundo Antunes (2007), essa ciência possui como enfoque a diversidade linguística a partir do contexto em que a língua é externada. Essa autonomia de não se prender a uma única variedade é que permite um estudo aprofundado da maioria das manifestações e diferenças que uma língua falada por uma comunidade pode ter.

No entendimento de Schmidt (2017) a origem da Sociolinguística, ao conceber a língua a partir de uma perspectiva social, reconhece que todo sistema linguístico tem uma estrutura e normas, que “requerem a compreensão e a aceitação, uma vez que são necessárias para qualquer sistema linguístico. O que, no entanto, os estudos sociolinguísticos enfatizam é, justamente, a conciliação das regras com o uso social” (SCHMIDT, 2017, p. 75). A descrição do funcionamento de uma língua requer o entendimento dos elementos linguísticos (a estrutura/o sistema e suas regularidades — a homogeneidade linguística) com os extralinguísticos (os usos sociais e suas variações — a heterogeneidade linguística).

Assim, no entendimento dessa teoria, a língua opera com elementos dicotômicos, como a homogeneidade e a diversidade; a estaticidade e o dinamismo; a regularidade e a variação, ou seja, “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas” (MOLLICA, 2003, p. 9).

Nesse sentido, Lucchesi destaca que:

Portanto, não foi apenas com a concepção de língua como sistema heterogêneo que a sociolinguística promoveu a sua ruptura epistemológica com o estruturalismo, foi preciso que esse modelo produzisse todo um aparato metodológico que se articulasse com essa concepção de língua. É com esse arcabouço teórico-metodológico que a sociolinguística vai, a partir da década de 1960, reorientar em grande parte da pesquisa linguística, colocando-se como modelo alternativo na disputa pela hegemonia do seio da ciência da linguagem (LUCCHESI, 2004, p. 203-204).

Quando levado para a sala de aula, um professor em posse dessas informações, conseguirá levar em consideração a heterogeneidade que os discentes e seus falares possuem. Todavia, mesmo que a ênfase na Sociolinguística exista há alguns anos no meio acadêmico, isso ainda não influenciou totalmente o ambiente escolar.

É que a língua é a manifestação concreta da faculdade humana da linguagem, isto é, da faculdade humana de simbolizar. Sendo assim, é pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e como os outros homens. A linguagem sempre se realiza dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular, logo língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra (BENVENISTE, 1963, p. 27).

Para Calvet (2002), o objeto de investigação da Sociolinguística é a língua e sua relação com a sociedade, mesmo que a posição dominante consiste em manter como duas entidades distintas. Ao seu ver não são ciências separadas, visto que o objeto é o único, especificamente, o objeto de estudo da Sociolinguística não é apenas a língua, mas a comunidade sob o aspecto linguístico, visto estarem indissoluvelmente entrelaçadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra.

William Labov, renomado sociolinguista americano, conhecido como o principal nome da Sociolinguística Variacionista, constatou que a linguagem é heterogênea e existem muitos modos de falar. Segundo Labov (1972; 2008, p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social, pois comunica necessidades, ideais e emoções”. Uma nação apresenta diversos traços de identificação e a língua é um deles, já que ela pode variar em certos fatores, tais como o tempo, o espaço e nível cultural. Todas as pessoas podem variar a linguagem de diferentes maneiras, tudo depende com quem e onde se está comunicando, pois, esses dois fatores determinam nosso grau de monitoramento.

Monitorar-se é escolher a fala que se adequa a melhor situação, por exemplo, quando estamos com os amigos utilizamos muito a gíria, pois ela é uma forma mais descontraída de falar diferentemente de quando estamos no ambiente de trabalho, no espaço escolar, etc. Temos também outros fatores linguísticos tais como as redes sociais, nas quais as pessoas se comportam de acordo com as quais elas interagem na/pela/via *internet*.

Isso também é perceptível no contexto do trabalho, em que de acordo com a profissão, percebe-se os usos linguísticos distintos associados aos fatores socioeconômicos e culturais, como por exemplo, falantes que possuem um nível de renda maior e não falam da mesma maneira que pessoas de nível de renda inferior ou vice-versa. Desse modo, a língua é um sistema que nunca está completo, está sempre se renovando, se reestruturando, oferecendo aos seus falantes tudo o que é necessário para que ocorra a interação social e cultural. Os diferentes modos de falar estão diretamente ligados a fatores sociais como o lugar de origem, a idade, a classe social, o sexo, o nível de escolaridade, entre outros.

De acordo com Schleicher, cada língua é o produto de um complexo de substâncias naturais do cérebro e no aparelho fonador. Estudar uma língua é, portanto, uma abordagem indireta a este complexo de matérias. Desta maneira, foi ele levado a adiantar que a diversidade das línguas depende da multiplicidade dos cérebros e órgãos fonadores dos homens, de acordo com as suas raças.

Tarallo (1999, p. 5-6) sugere a ideia de caos linguístico dentro de uma sociedade, é nesse caos que a língua acontece, e nós ao enfrentarmos esse desafio analisamos, processamos e sistematizamos o universo aparentemente caótico da língua falada da qual participamos que é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. Ele ainda nos motiva a analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala e reitera:

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. E variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de 'variável linguística' (TARALLO, 1999. p. 7).

No ambiente formal de ensino podemos identificar várias formas de falar dos educandos, em que cada um possui sua maneira única de se comunicar dentro de um determinado grupo. Assim, é possível constatar que os estudantes se dirigem aos professores de um modo distinto ao que se referem entre seus pares e ficam livres para conversar com o mínimo ou nenhum grau de monitoramento.

Segundo LABOV, a teoria da deficiência linguística parte da ideia preconceituosa e falsamente científica segundo a qual podem existir variedades linguísticas melhores que outras. Para ele os estudos de Antropologia e Linguística mostram que todas as culturas e todas as línguas são igualmente válidas, sendo inaceitável se falar em culturas

ou línguas superiores. O mesmo vale para as variedades de uma mesma língua usadas em uma mesma sociedade, como o nosso Português padrão e o Português popular. Um não é melhor do que o outro, já que os dois são adequados ao meio em que se utilizam. A linguagem das classes desfavorecidas é diferente, e não deficitária, em relação à linguagem padrão, usada pelas classes dominantes (SAMPAIO, 2009, p. 3).

Quando Bortoni-Ricardo (2005) afirma que o falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações, notamos esse comportamento nos estudantes ao se dirigirem aos colegas e aos professores ou funcionários da instituição de ensino.

Assim como ocorre em língua materna, ao se comunicarem em uma língua estrangeira, no caso, em língua inglesa, marcas linguísticas características da fala de cada um também afluem ao fazerem uso dessa língua e é neste momento que os educandos se sentem, muitas vezes constrangidos quando convidados à prática da oralidade.

Precisamos reforçar constantemente a prática da oralidade com elogios e incentivos como pequenos mimos pois, conforme Oliveira (2014):

Os exemplos mais conhecidos de reforçamento positivo são os elogios que o professor faz aos alunos quando pronunciam adequadamente as palavras ou quando fornecem respostas corretas às perguntas. Em cursos de Inglês para crianças, é comum encontrarmos professores que costumam também colocar adesivos nos textos escritos pelos alunos, elogiando-os (OLIVEIRA, 2014, p. 29).

Segundo Félix (1998), os materiais vão se tornando mais interessantes, em termos do que consideramos ideal para um bom ensino de língua, à medida que a tecnologia vai se desenvolvendo. Ela descreve a progressão de interatividade proporcionada pela tecnologia da *Web* na seguinte sequência: livros didáticos eletrônicos; som e vídeo (numa extensão menor); exercícios com *feedback online*; tarefas interativas; mecanismos que permitem a comunicação direta com o professor e com outras pessoas.

De acordo com Schmidt (2017), o aluno precisa fazer exercício de linguagem considerando o caráter social da língua, precisamente, o uso social da língua como fator de interação entre falantes, na qualidade de aprendizes e usuários de língua estrangeira. Logo, língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra, pois sua língua está intimamente ligada à sua cultura.

O conceito de abordagem intercultural surge a partir dos pilares da relação entre língua e cultura na interação e vem ganhando força no contexto contemporâneo, marcado pela globalização, pela rápida troca de informações, pelo intercâmbio cultural e pela mobilidade social (SCHMIDT, 2017, p. 97).

Essa abordagem intercultural que temos por meio da série televisiva permite que o aprendizado flua mais naturalmente, pois os alunos conseguem visualizar como a língua inglesa funciona e em quais situações as expressões idiomáticas são empregadas. Podemos assim problematizar a situação, pesquisar a respeito dessas expressões, averiguar suas origens, comparar com as expressões idiomáticas que temos no Brasil, na região Centro-Oeste, fazer traduções literais e equivalentes.

Segundo Berutto (1979, p. 133), a língua reflete a organização sociocultural e as condições linguísticas de um país. O autor afirma que dispomos de um índice de interpretação e valoração dos fatos sociais e também históricos, devido ao comportamento linguístico que se desenvolve, com ampla margem, pouco sujeito a controle. No entanto, perfeitamente observável, ou seja, o lado linguístico do uso pode ser investigado com um refinamento e um rigor indiscutível pela precisão metodológica da Sociolinguística.

Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar (BAGNO, 2005, p. 124).

Considerando as especificidades de cada idioma, com o processo ensino/aprendizagem por meio das expressões idiomáticas contidas nas falas dos personagens da série televisiva *Desventuras em Série*, é possível aprofundar o estudo da língua inglesa, dado que os aprendizes conferem na prática como essas expressões são empregadas pelos atores em variados contextos.

1.2 Sociolinguística Educacional: ‘no chão da escola’

Sabemos que nosso país está passando por grandes dificuldades na área da educação, tanto nas escolas urbanas quanto nas escolas rurais. São os mais variados

tipos de problemas como violência, estrutura física precária, professores desatualizados, falta de merenda, entre outros. Certamente é desafiador para o professor ter um papel tão essencial na formação de cidadãos e tendo de superar todas essas dificuldades ou, na medida do possível, driblá-las. Apenas alfabetizar o aluno, ensiná-lo a decodificar letras e símbolos, já não é mais o suficiente, ele tem de estar preparado para contribuir de modo positivo com a sociedade na qual ele está inserido.

Com a expansão territorial migratória e a grande população de pessoas de várias nacionalidades e etnias na década de 1970 dos Estados Unidos e com um público heterogêneo a ser atendido nas escolas, surge a Sociolinguística Educacional com o objetivo de valorizar essa diversidade linguística e cultural que os frequentadores da escola possuíam.

Considerando o contexto histórico de valorização da etnicidade, a concentração de população negra nos guetos das cidades americanas e o agravamento da pobreza naquele país e dadas as premissas que lhe eram subjacentes, era natural que a sociolinguística, no início dos anos 70, se voltasse para uma reflexão sobre a relação entre os usos da língua na comunidade e o ensino da língua na escola (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 115).

A Sociolinguística Educacional no contexto brasileiro tem como uma de suas exponentes e divulgadoras a pesquisadora e doutora Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2009). Inicialmente, essa vertente dedicou-se e começou a ganhar visibilidade, sobretudo, centrando-se em pesquisas voltadas a retratar fielmente a realidade linguística brasileira, com especial interesse na descrição do Português Brasileiro.

Numa de suas obras mais conhecidas, intitulada “Nós chegemu na escola e agora?”, Bortoni-Ricardo recupera um fragmento textual publicado anteriormente:

No Brasil, ainda não se conferiu a devida atenção à influência da diversidade linguística no processo educacional. A Ciência Linguística vem, timidamente, apontando estratégias que visam a aumentar a produtividade da educação e a preservar os direitos do educando. Essa contribuição será tanto mais efetiva se fundamentada na convicção de que a situação sociolinguística brasileira apresenta peculiaridades que a distinguem da de outros países. As atividades científicas na área não se podem restringir, portanto, a uma simples importação. É indispensável o desenvolvimento de um aparato teórico-

metodológico adequado à realidade nacional (BORTONI-RICARDO, 2005 [1981], p. 19).

Com a divulgação dos resultados dessas pesquisas iniciais, e na tentativa de atingir um público maior, bem como de transformar esses resultados em instrumental pedagógico, estabelece-se uma subárea da Sociolinguística que veio para “denominar todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 128). Trata-se da Sociolinguística Educacional que visa interferir nas práticas de educação sociolinguística, ou seja, nos processos de ensino e aprendizagem da língua portuguesa nos espaços educacionais.

A Sociolinguística Educacional nos permite conhecer os vários modos de falar dos nossos estudantes, ensiná-los a reconhecer essas variantes e auxiliá-los a adequar sua fala de acordo com a situação. E o ambiente escolar proporciona o contato com as mais variadas formas de se expressar, é o recinto oportuno para se promover o respeito e fomentar a aprovação das diferenças.

Para que a competência comunicativa efetivamente ocorra, é necessário, portanto, promover uma mudança no foco de ensino de língua materna, de modo a desenvolver no aluno a consciência de que o “português são muitos” e, por isso mesmo, ele deve ser multidialetal em seu próprio idioma, haja vista a diversidade de usos que se pode fazer dele (CYRANKA; OLIVEIRA, 2014, p. 2).

O acesso à educação é direito de toda criança, e cada criança carrega consigo uma carga linguística decorrente da sua vivência anterior ao ambiente escolar, e na escola ela se depara com modos de falar diferentes dos quais ela está ambientada e assim pode ocasionar um tipo de estranhamento que a faz se sentir deslocada dentro do seu próprio idioma. “A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Cabe ao professor se aproximar deste estudante de modo que o faça se sentir à vontade para se comunicar e se expressar de forma natural, auxiliando-o a fazer uso da norma padrão quando necessário for.

É com a Sociolinguística Educacional, sobretudo, que descobrimos que não existe um ‘único falar certo’ ou o ‘falar errado’, e sim modos distintos de se comunicar.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), o que se convém denominar de erro, na modalidade oral se traduz em uma inadequação da escolha utilizada pelo falante em relação ao que o seu interlocutor esperava ouvir.

Trazendo esse aporte teórico para a pesquisa, reiteramos que a mesma se desenvolve numa escola periférica, que atende uma parcela significativa da população dos bairros mais carentes e menos desenvolvidos do município de Tangará de Serra, no Mato Grosso. E notamos que uma porção expressiva dos responsáveis pelos educandos enaltecem e elogiam o conhecimento transferido dos professores para seus filhos.

Os pais desses alunos, mesmo sem se expressarem fazendo uso de um modo considerado de mais prestígio pela sociedade, reconhecem a importância do uso da norma padrão em situações formais e, frequentemente, comentam sobre o fato de seus filhos estarem sendo instruídos para terem melhores oportunidades sociais que seus genitores.

Isso demonstra quão prestigioso e influente é a interação do professor com seus alunos; em contrapartida, algumas vezes presenciamos uma fração de educadores da rede pública apenas cumprirem seus horários, desempenhando seus papéis com pouca dedicação, pois sabem que não serão demitidos e nem melhor remunerados se se dedicarem mais ao labor. Logo, podemos inferir que, geralmente, as pessoas com melhores condições socioeconômicas têm uma educação de qualidade em detrimento às pessoas menos favorecidas.

Cada vez mais vemos ameaçada a democracia educacional criando-se um fosso entre a educação das elites e das classes populares, pois as primeiras nunca se privaram da aprendizagem de LE, nas escolas particulares ou nos institutos de idiomas (PAIVA, 2003, p. 60).

Viver em sociedade praticamente impõe ao indivíduo se atualizar de acordo com as tecnologias disponíveis e que estão ao seu alcance econômico. Mas devido a eles não possuírem um grau de instrução acadêmica suficiente para ajudarem seus filhos com os deveres de casa, nós professores ficamos limitados em relação à complexidade das atividades destinadas a serem realizadas com a família, pois alguns desses deveres envolve pesquisa midiática, traduções entre outros. “A língua foi, portanto, desde a origem, o instrumento do poder e é sempre marcada pela divisão da sociedade em classes sociais” (CALVET, 2001, p. 18-19).

Sucedem na sala de aula que esferas distintas se encontram, realidades que incertamente idealizaríamos se manifestam no comportamento dos estudantes que carregam consigo um volume cultural adquirido fora da escola. [...] no cotidiano de nossas salas de aula, precisamos estar atentos para outros mundos — como os construídos longe dos grandes centros urbanos, se quisermos nos contrapor à exclusão de muitos e à cidadania de poucos, buscando contribuir para a construção de uma sociedade efetivamente mais democrática (KNIJNIK, 1996, p. 143).

É no ambiente formal de educação básica que os estudantes diferenciam e reconhecem as variedades linguísticas existentes na sociedade, e nesse âmbito que eles adquirem o conhecimento necessário para começarem a adaptar seu repertório linguístico para as diversas situações sociais.

Como podemos conferir no trecho de um artigo *online* de Bortoni-Ricardo (2004)²:

O que a sociedade tacha de erro na fala das pessoas a Sociolinguística considera tão-somente uma questão de inadequação da forma utilizada às expectativas do ouvinte. Essas, por sua vez, decorrem das imagens que os interlocutores fazem uns dos outros, dos papéis sociais que estejam desempenhando e das normas e crenças vigentes na comunidade de fala. Em outras palavras, diante de um enunciado que a cultura dominante rejeita por conter um erro, a Sociolinguística analisa a variante ali empregada, avalia o prestígio a ela associado e mostra em que circunstância aquela variante é adequada considerando-se as normas vigentes. O erro na língua oral é, pois, um fato social. Ele não decorre da transgressão de um sistema de regras da estrutura da língua e se explica, simplesmente, pela (in)adequação de certas formas a certos usos. Por ser um fato social, só se corporifica quando a sociedade o percebe como um pecado no domínio das etiquetas sociais. A teoria sociolinguística substituiu a noção tradicional de erro pela noção de diferenças entre variedades e estilos. Um erro, como fato social, ocorre quando o falante não encaixa uma determinada variante ao contexto que é o seu habitat natural na ecologia sociolinguística de uma comunidade de fala (BORTONI-RICARDO, 2004, s.p.).

Dentro desta perspectiva a pesquisa se torna expressiva, tendo em vista que as expressões idiomáticas em língua inglesa dispõem de elementos inerentes da cultura de países que têm como idioma oficial a língua inglesa. No tocante à série televisiva *Desventuras em Série*, mediante a qual iremos expor nosso objeto de

² Disponível em: http://www.sbpnet.org.br/livro/56ra/banco_conf_simp/textos/StellaRicardo.htm. Acesso em: 28 abr. 2020.

estudo, trata-se de expressões oriundas do inglês estadunidense das quais os personagens principais que são a Violet, a irmã mais velha, o Klaus, o irmão do meio, e a Sunny, a caçula, têm uma pronúncia livre de influência estrangeira diferentemente do vilão Conde Olaf que, quando interpreta seus personagens, altera além da voz, o seu modo de falar em todos os aspectos, como velocidade, sotaque, entonação e como se expressar.

A linguagem tem poder de transformação social e a escola tem a função de apresentar e ensinar a norma padrão sem menosprezar a variedade que o aluno utiliza. Num país tão vasto como é o nosso, verificam-se vários índices de pertencimento devido a colonização, demonstrando grandes contrastes linguísticos na mesma região. A gramática da língua portuguesa é a mesma em qualquer lugar, mas quando falada possui suas peculiaridades, assim como da língua Inglesa.

Com certeza a escola favorece para o crescimento intelectual de cada um, servindo como espaço de construção de conhecimentos, muito além do ato de alfabetização, e reportando o indivíduo ao contato direto com a construção do saber e seus pontos de questionamento e variáveis. A função do professor também é destaque no aprimoramento desse ensino, sendo este um ativador e fomentador (ROSA, SANTANA, SCHMIDT, 2018, p. 5).

Assim, constatamos que as línguas mudam incessantemente, e a definição do “certo”, do “agradável” também. Na sociedade da aprendizagem podemos dispor de novas formas de aprender e de nos relacionarmos com o conhecimento; logo, a aprendizagem ocorre nos mais diversos contextos, sejam eles formais ou informais e é um processo que se prolonga ao longo da vida porque o mundo global é bastante competitivo e o que hoje pode ser atual e relevante, amanhã poderá estar descontextualizado e obsoleto.

Nesse sentido, aprender inglês com as expressões idiomáticas, vem ao encontro de lacunas a serem preenchidas no processo de ensino e aprendizagem de uma cultura estrangeira. Além disso podem auxiliar aos aprendizes a constatar os valores da sua cultura local, que é o modo se comunicam e se relacionam no seu convívio social, visto que, as séries televisivas vêm se demonstrando cada vez mais populares e acessíveis ao público de todas as faixas etárias, mas nota-se um interesse maior entre os jovens.

Tendo em vista essa realidade constatada, defendo a importância de o professor-pesquisador refletir sobre o uso dos recursos pedagógicos, visando uma autonomia teórico-metodológica. Sobretudo, que ele possa ter condições de refletir sobre o que as pessoas fazem como usuários falantes de idiomas, ao agirem e interagirem nos diversos contextos socioculturais (SCHMIDT, 2017, p. 97).

Por esse motivo, reiteramos que utilizar mídias em sala de aula pode ser um recurso de significativo estímulo durante as aulas de Inglês, e também de outras disciplinas desde que empregadas oportunamente e com o devido propósito.

CAPÍTULO 2 - LÍNGUAS E CULTURAS ESTRANGEIRAS

2.1 Língua Estrangeira: situando a área no ensino brasileiro

No artigo de Lima (2017)³, ao abordar sobre o início do inglês no Brasil, ele pontua que em 22 de junho de 1809 o ensino de inglês se tornou oficial. Foi nesta data que D. João VI assinou um decreto determinando que fossem criadas no sistema educacional brasileiro as cadeiras de ensino de francês e inglês. Até esse período, o Latim e o Grego eram ensinados nas escolas.

Após todo um percurso histórico envolvendo questões econômicas, sociais e políticas, a língua inglesa se consolidou como língua estrangeira nas escolas do nosso país. As capitais do Rio de Janeiro e São Paulo foram os principais locais para se ensinar inglês naqueles tempos. Afinal, eram cidades que negociavam com quase todo mundo.

Merece destaque na história da institucionalização da língua inglesa no Brasil, o fato de esse idioma ela não ser a língua de prestígio durante muito tempo. Até meados de 1930, a língua estrangeira que mais ensinada no contexto brasileiro era o francês, sendo o inglês apenas um extra no currículo das escolas. Após o cenário mudar e termos uma guerra mundial, o papel da língua inglesa modificou e passou a ser a língua comum entre todos os países envolvidos nesse conflito, sendo essencial para a comunicação.

Os Estados Unidos e a Inglaterra notaram que o Brasil era um importante aliado e, em 1931, o Príncipe de Gales, Edward, viajou para nosso país com o intuito de estreitar ainda mais as relações entre Reino Unido e Brasil. Mas, o poderio econômico americano já vinha crescendo e os brasileiros avançaram economicamente com os estadunidenses.

O latim que era o idioma ensinado na época nas escolas públicas e privadas, foi substituído pela língua inglesa, após a Reforma Francisco Campos. Essa reforma do ensino secundário foi oficializada pelo Decreto nº 18.890, de 18 de abril de 1931, sendo ajustada e consolidada pelo Decreto nº 21.2141, de 4 de abril de 1932 (BICUDO, 1942, p. 9-51; MORAES, 2000, p. 216-232) no currículo escolar. E

³Denilso de Lima (2017) "Como começou o ensino de inglês no Brasil?". Disponível em: <https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2017/03/como-comecou-o-ensino-de-ingles-no-brasil.html>. Acesso em: 23 jun. 2020.

atualmente, a língua inglesa é amplamente ensinada como língua estrangeira nas escolas Brasileiras, tendo um enfoque linguístico multicultural, uma vez que, essa língua se tornou a língua da comunicação global, com falantes de diversas nacionalidades e culturas distintas.

Na legislação atual, temos a Base Nacional Comum Curricular (2019), que ao abordar o processo de ensino e a aprendizagem de língua estrangeira, infere que:

Ensinar inglês com essa finalidade tem, para o currículo, três implicações importantes. A primeira é que esse caráter formativo obriga a rever as relações entre língua, território e cultura, na medida em que os falantes de inglês já não se encontram apenas nos países em que essa é a língua oficial (BRASIL, 2019, p. 241).

Quando se trata de aprender uma língua estrangeira, é comum a uma grande parcela de pessoas se remeterem ao aprendizado da língua inglesa primeiramente, depois ao espanhol, por estarmos cercados geograficamente de países que têm como uma das línguas oficiais, o espanhol.

Falar das razões pelas quais os brasileiros estudam inglês parece ser a mesma coisa de falar algo óbvio. Afinal. O ato de estudar a língua inglesa é tão divulgado por meio de anúncios publicitários e pelo currículo escolar que já tomou contorno de senso comum, que já se neutralizou na mente dos brasileiros. Evidência disso é o fato de muitos pais com bons recursos financeiros se perguntarem quando colocarão seus filhos para estudar uma língua estrangeira, e.g.: japonês, alemão, ioruba ou árabe, nem se seus filhos devem estudar inglês. Eles se perguntam quando seus filhos começarão a estudar inglês [...] Tal pensamento não é casual: ele resulta de um processo intenso de construção de valores ideológicos por parte das agências governamentais britânicas e estadunidenses. É um processo histórico atrelado ao imperialismo econômico da Inglaterra e dos Estados Unidos (OLIVEIRA, 2014, p. 60, grifos do autor).

Mas por que o interesse preliminar em dominar a língua inglesa ao invés da Língua Espanhola? Pesquisas realizadas pela mídia, como por exemplo o programa Pé na Rua da TV Cultura de 25/5/2009⁴ voltado para o público jovem, apresentado por dois jovens despojados que entrevistam pessoas, de forma bem descontraída, na avenida Paulista na capital de São Paulo, demonstrou que o interesse e a necessidade

⁴ Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/28981_pe-na-rua-o-ingles-nosso-de-cada-dia-parte-i.html. Acesso em: 9 fev. 2020.

de se dominar a língua inglesa deriva-se da imposição do mercado de trabalho e a aspiração de ingressar em um curso superior.

De acordo com o *site* estudante.org.br⁵, o inglês é essencial para o mercado de trabalho, pois é a língua mais falada no mundo. O idioma é cobrado em vagas de todas as áreas profissionais, por isso é essencial que a pessoa tenha conhecimentos linguísticos elementares e comece a aprimorar esses conhecimentos. No *ranking* dos idiomas mais populares do mundo, o espanhol segue logo atrás do inglês. A língua espanhola é falada em mais 44 países, incluindo os que fazem fronteira com o nosso e integram o Mercosul, bloco econômico do qual o Brasil faz parte.

Devido a esse bloco, grande parte da indústria nacional, principalmente a de manufaturados, depende direta ou indiretamente destes países e, por isso, é tão importante aprender esse idioma. Ter a fluência no espanhol pode permitir um trabalho em grandes empresas brasileiras e multinacionais, seja qual for seu campo de atuação.

Depreendemos que um indivíduo que tenha habilidades, especialmente da leitura e compreensão textual, em uma língua estrangeira poderá ter acesso, com mais facilidade, às oportunidades de ascensão nas universidades como as provas de proficiência em língua estrangeira exigidas no nível de Pós-graduação, como no Mestrado/Doutorado.

De forma geral, na atualidade, a língua inglesa é usada em diversos espaços, independentemente de a conhecermos ou não. Podemos citar numerosos exemplos, como quando uma loja está liquidando seu estoque e escreve na vitrine *Sale 70% off*, (*oferta 70% de desconto*), *New collection* (*nova coleção*) quando uma coleção de roupas está sendo exposta na vitrine, *Kids* em lojas para crianças, *outlet* quando todo o estoque está com um preço baixo, *Store* para completar o nome do estabelecimento comercial, *Express* que indica a agilidade e rapidez do serviço oferecido e *top* para indicar superioridade, somente para exemplificar⁶.

2.2 A Língua Inglesa: ‘a língua do outro’

⁵ Para mais informações: CONHEÇA OS IDIOMAS MAIS COBRADOS NO MERCADO DE TRABALHO, 2018. Disponível em: <https://estudante.org.br/blog/08-06-2018-12-06-1528471554/conheca-os-idiomas-mais-cobrados-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 09 fev. 2020.

⁶ Ver imagens dos exemplos na seção de anexos.

Desde o início do século XX a língua inglesa vem propagando seu número de falantes num contexto internacional, sendo que ela se tornou a língua dos negócios, a língua da tecnologia, a língua das viagens e, subsequentemente, das relações internacionais. Atualmente, a língua inglesa está presente em quase todos os setores da nossa sociedade, auxiliando e otimizando os trabalhos a serem executados devido a sua praticidade.

Podemos brevemente revisitar o poderio econômico da Inglaterra nos séculos XVIII, XIX e XX, alavancado pela Revolução Industrial e, a consequente expansão do colonialismo britânico. Este verdadeiro império de influência política e econômica, que atingiu seu ápice na primeira metade do século XX, quando chegou a ficar conhecido como "*the empire where the sun never sets*" (o império onde o sol nunca se põe) devido à sua vasta abrangência geográfica, provocou uma igualmente vasta disseminação da língua inglesa.

Posteriormente, o poderio político-militar do EUA, a partir da segunda guerra mundial e a marcante influência econômica e cultural resultante, acabaram por deslocar o francês como língua predominante nos meios diplomáticos e solidificar o inglês na posição de padrão das comunicações internacionais. Simultaneamente, ocorre um rápido desenvolvimento do transporte aéreo e das tecnologias de telecomunicação. Surgem os conceitos de *information superhighway* e *global village* para caracterizar um mundo no qual uma linguagem comum de comunicação é imprescindível.

Uma língua para ser considerada como uma língua viva, é preciso que haja pelo menos mil falantes (cf. SCHMIDT, 2019), logo podemos concluir que esta é uma língua extraordinariamente viva e em constante transformação, uma vez que, milhões de falantes, de todas as partes do mundo, a utilizam de modo peculiar agregando a ela marcas culturais de suas respectivas nações, regiões, comunidades.

Uma das particularidades que favorecem o aprendizado da língua inglesa como língua estrangeira, está na formação de suas estruturas simples, como a conjugação dos tempos verbais. Podemos exemplificar com o verbo *to dance* que significa dançar, se conjugarmos ele no tempo presente, para todos os pronomes ele ficaria praticamente imutável, *I dance, He dances, She dances, It dances, We dance, You dance, They dance*, percebemos que o verbo não se altera, o mesmo acontece com o tempo passado, que o verbo ficaria *danced*. A língua inglesa torna-se fácil de se aprender, é claro, com o método adequado a cada um. É por isso que existem tantas

escolas de Idiomas espalhadas pelo mundo, cada uma com um método e uma filosofia de aprendizado diferenciada, para que assim cada indivíduo procure se enquadrar em um método que mais lhe convenha.

De acordo com Labov, que se dedicou em pesquisar as variedades linguísticas da língua inglesa em um determinado local nos EUA onde chamavam de Inglês Vernáculo Preto, destacou a importância das variedades, e salientou ainda que elas não corrompem o Inglês Padrão, pois possuíam regras linguísticas e sociolinguísticas complexas e organizadas como o sistema de outras variedades do Inglês ou de outras línguas.

Diferentes línguas podem ser dois códigos de comunicação totalmente diferentes; ou, em alguns casos, até mesmo concepções diferentes de interação humana como resultado de profundas diferenças culturais. Felizmente as diferenças entre português e inglês não são tão profundas. Devido às origens comuns - a cultura grega, o Império Romano e seu idioma, e a religião Cristã - todas as culturas europeias e suas línguas podem ser consideradas muito próximas no contexto amplo das línguas do mundo.

Além das origens comuns que diminuem diferenças culturais, semelhanças linguísticas entre a língua inglesa e portuguesa ocorrem predominantemente no plano de vocabulário, quando na forma escrita. Estruturação de frases e, especialmente pronúncia, apresentam profundos contrastes, sendo assim, necessária a interação com um professor preparado para atender as especificidades dos aprendizes.

Por isso, a importância de se propor a discussão do ensino de línguas sob um viés sociocultural, em que se propõe uma reflexão sobre a língua aprendida a partir da língua materna dos aprendizes. Esta discussão possibilita a interrelação entre a língua e a cultura dos nativos e não nativos (HOGETOP, 2018, p. 3).

Ainda afirma Oliveira (2014, p. 66) que o professor precisa ficar atento às necessidades linguísticas dos seus alunos para que possa ajudá-los. Portanto, é interessante, no primeiro dia de aula, conversar com os alunos para perguntar-lhes quais são suas necessidades, perguntar porque eles estão estudando inglês.

No ambiente formal de educação regular, os estudantes têm a obrigatoriedade e não a opção de cursarem a língua inglesa como disciplina optativa, deste modo, cabe ao professor encarregado de ministrar as aulas, dispor dos artifícios pedagógicos

mais atrativos para conquistar e provocar o interesse do alunado para o conteúdo a ser explanado.

E para que o professor de inglês consiga desenvolver e explorar ao máximo seu potencial, é importante que haja investimento na formação continuada deste profissional, uma vez que, o capital cultural de seus alunos não foi devidamente expandido pela família, cabendo a ele, tornar próspero o capital cultural do seu aprendiz.

A ação do privilégio cultural só é percebida, na maior parte das vezes, sob suas formas mais grosseiras, isto é, como recomendações ou relações, ajuda no trabalho escolar ou ensino suplementar, informação sobre o sistema de ensino e as perspectivas profissionais. Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito (BOURDIEU, 2018. p. 45 - 46).

Com o advento da *Internet* e das novas tecnologias digitais, viajar virtualmente e de modo instantâneo, para quem tem acesso ao dispositivo, fez-se possível para quem desejar informar-se acerca da cultura do outro, seja por meio da tela do computador ou da TV, como pela tela do celular. A tecnologia é uma ferramenta de grande importância, pois a mesma já existe dentro das escolas, e é preciso que essa tecnologia se transforme em instrumento pedagógico, e o professor é visto como uma “chave” para que isso aconteça.

O professor de língua inglesa tem a seu favor o fato de que o inglês é o idioma utilizado nas tecnologias, seria uma excelente estratégia apresentar os manuais de produtos eletrônicos, os escritos nos próprios aparelhos, palavras como *on*, *off*, *play*, *set up*, as teclas do teclado de um computador ou de um *notebook* apenas para começar a instigar a curiosidade dos pupilos e, logo em seguida, as expressões idiomáticas que são referências significativas de uma cultura.

Sob o mesmo panorama poderíamos explorar as embalagens de produtos comercializados em supermercados, e ou ainda observar as vitrines e as fachadas das lojas da cidade ou de um *shopping*. A própria palavra *shopping* nos remete ao uso

natural da língua inglesa na nossa fala, levando para uma perspectiva autêntica, evidenciando o emprego da língua inglesa em outros contextos sociais.

Seguem alguns exemplos ilustrando essa situação (Figuras 1-4):

Figura 1: Marca de embalagem



Fonte: Autora (2020).

Figura 2: Marca de embalagem



Fonte: Autora (2020).

Constatamos a presença de palavras estrangeiras configurando as marcas dos produtos nas embalagens das Figuras 1 e 2: *POP GUM* (chiclete que estoura) e *lollipop* (pirulito), assim como a palavra inglesa *Coconut* (côco) e *hard filled candy* (bala dura recheada).

A partir do exposto, reiteramos a relevância da língua inglesa nos contextos sociais nos quais o indivíduo coaduna, exercendo assim sua criticidade em relação ao que o cerca. Porém, esse cidadão carece de possuir algum conhecimento referente à língua inglesa, conhecimento esse fornecido pela escola, para que assim possa se posicionar diante dos fatos sociais e da cultura.

Ao entender a língua como uma prática social de construção de sentidos, no momento em que se ensina língua também se ensina formas de entender e construir o mundo, implicando desenvolver atitudes respeitadas em relação aos sentidos de outras pessoas e culturas (SCHMIDT, 2017, p. 34).

Figura 3: Nome de loja



Fonte: Autora (2020).

Figura 4: Nome de loja



Fonte: Autora (2020).

Nas figuras 3 e 4 notamos como o estrangeirismo se faz presente nas fachadas dos pontos comerciais. Na figura acima temos a logomarca *Sunglass hut* (cabana dos óculos de sol) e *THE BODY SHOP* (a loja do corpo). Nessa mesma ilustração, temos a palavra em inglês *sale* que significa oferta, promoção, liquidação ou preço baixo.

E justamente essa palavra *sale*, que nos saltou aos olhos durante a procura por exemplos ilustrativos. Ao adentrar em uma loja, a vendedora perguntou se poderia ajudar, disse que estávamos selecionando e fotografando palavras escritas em Inglês. A atendente prontamente disse para ficarmos à vontade e que ao lado tinha uma arara como roupas que estavam *on sale*, algo que soou um tanto estranho, já que estamos no Brasil e o ideal seria que ela dissesse que as roupas estavam na promoção, ou em oferta.

Imediatamente com polidez e civilidade a questioneei sobre a forma dela falar, e perguntei o porquê d'ela dizer *on sale*. A vendedora por sua vez, disse que foi

orientada pela sua gerente a dizer *on sale* para os clientes da loja. Diante disso perguntei se ela sabia o significado de *on sale*, ou apenas *sale*, e ela sabia, mas quando me mostrou as roupas *on sale*, não mencionou o significado e saiu de perto. Somente quando a questionei foi que ela voltou para conversarmos e eu educadamente me posicionei contra essa atitude de falar em inglês léxicos para os quais temos os termos correspondentes em língua materna, mas deixei explícito que este seria o meu posicionamento particular como professora de língua inglesa. Ainda sugeri que ela poderia continuar falando sobre as roupas *on sale* porém, que ela poderia complementar com a informação que são as roupas em oferta uma vez que, não são todos os clientes que entendem o termo.

Mediante o relato acima, observamos as pessoas internalizando o uso da língua inglesa nas mais variadas situações de fala, e talvez futuramente uma mudança, provocada pela variação utilizada atualmente. Uma influência considerável da cultura do outro.

2.3 Expressões Idiomáticas: ‘a cultura do outro’

De acordo com o dicionário *online* de significados (2020, s.p.)⁷ a cultura apresenta diversos conceitos:

(I) Cultura significa todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro.

(II) Cada país tem a sua própria cultura, que é influenciada por vários fatores. A cultura brasileira é marcada pela boa disposição e alegria, e isso se reflete também na música, no caso do samba, que também faz parte da cultura brasileira. No caso da cultura portuguesa, o fado é o patrimônio musical mais famoso, que reflete uma característica do povo português: o saudosismo.

(III) Cultura na língua latina, entre os romanos, tinha o sentido de agricultura, que se referia ao cultivo da terra para a produção, e ainda hoje é conservado desta forma quando é referida a cultura da soja, a cultura do arroz etc.

⁷ Disponível em: <https://www.significados.com.br/cultura/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

(IV) Cultura também é definida em Ciências Sociais como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade.

Considerando esses diferentes significados atribuídos à cultura, parte-se do entendimento de que a principal característica da cultura é o mecanismo adaptativo, que consiste na capacidade que os indivíduos têm de responder ao meio de acordo com mudança de hábitos, mais até que possivelmente uma evolução biológica.

A cultura é também um mecanismo cumulativo porque as modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, onde vai se transformando, perdendo e incorporando outros aspectos procurando assim melhorar a vivência das novas gerações. Ela é um conceito que está sempre em desenvolvimento, pois com o passar do tempo, a cultura é influenciada por novas maneiras de pensar inerentes ao desenvolvimento do ser humano.

Dentre as manifestações linguísticas e culturais destacam-se as expressões idiomáticas ao retratarem a sublime tradução de uma cultura e da vida social de um povo ou de um grupo de falantes. Metaforicamente, as expressões idiomáticas se comportam como raízes porque são profundas e muitas vezes estão cristalizadas, sendo que ao alterarmos um item lexical de uma determinada expressão idiomática implicará na perda ou alteração do seu sentido básico. Assim Xatara define “expressão idiomática como uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (XATARA, 1998, p. 170).

A autora continua explicando o conceito de expressões idiomáticas:

[...] lexia complexa porque tem o formato de uma unidade locucional ou frasal; *indecomponível* porque constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita; *conotativa* porque sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes; *cristalizada* porque sua significação é estável, em razão da frequência de emprego, o que a consagra (XATARA, 1998, p. 170).

Para quem desconhece a cultura do outro, as expressões idiomáticas podem se tornar uma armadilha. No caso, essas expressões assumem o papel de figuras de linguagem e estando dentro de uma frase ou o termo carregam um significado distinto dos quais as palavras teriam separadamente. Além disso são diversas as vantagens de se saber empregar as expressões idiomáticas em uma conversa, facilitando a

comunicação com outros falantes nativos, fazendo com que se conectem mais adequadamente um com o outro, ao deixar a conversa mais natural.

Segundo Xatara (1995, p.192) a escrita perpetuamente se manteve como modelo padrão para apoiarmos a nossa fala, e nos estudos linguísticos por muito tempo se priorizou o estudo da língua, e posteriormente a fala obteve também destaque na linguística. As expressões idiomáticas ou idiomatismos, estão profundamente associadas a fala e não a língua. São consideradas a 'cara' do seu povo, uma característica única dos falantes de um idioma.

O primeiro paradigma científico da linguística remonta à linguística histórica e comparativa de H. Paul, K. Brugman, H. Osthoff etc.; no século XK. O segundo emerge com Saussure e se impõe com o círculo linguístico de Praga, tendo ainda uma vertente com os estruturalistas americanos. Um terceiro paradigma encontra-se na teoria gerativo-transformacional de Chomsky. Contudo, de modo geral, pode-se dizer que tendo a língua (*langue*) permanecido por muito tempo o objeto da linguística, os idiomatismos foram automaticamente excluídos por pertencerem, *a priori*, à fala (*parole*). Por muito tempo a semântica e a pragmática foram marginalizadas, ciências essas imprescindíveis para o estudo das EI. Entretanto, alguns linguistas pioneiros ocuparam-se desse assunto quando as pesquisas sintáticas imperavam soberanas, e ainda mais quando a sintaxe começa a perder espaço (XATARA, 1995, p. 196).

Procuramos com o nosso estudo aproximar ao máximo as expressões idiomáticas da língua inglesa com as expressões idiomáticas da nossa língua portuguesa fazendo comparações e buscando a origem dessas expressões baseadas na cultura local da língua em questão.

Por exemplo, essas expressões fazem parte da nossa cultura e dos usos pelos falantes, como quando alguém menciona que 'está derretendo com esse calor' para se referir ao clima que geralmente apresenta temperaturas bastante elevadas na maior parte do ano, distanciando-se do significado literal.

Na língua inglesa não acontece diferente, segundo Jacobs (2001) aproximadamente são criadas cerca de mil palavras por dia em inglês, e juntamente com as palavras no decorrer dos diálogos e conversas informais dentro dos grupos criadores destes termos, surgem as expressões idiomáticas, que irão consolidar essas novas palavras dentro do idioma.

Se tentamos aprender bem o inglês, devemos conhecer e incorporar diversas expressões idiomáticas, e muitas delas nos guiam por

armadilhas linguísticas, insinuando ser algo totalmente diferente do que de fato significam. Por exemplo, “you can't have your cake and eat it”, não quer dizer em português “você não pode ter seu bolo e comê-lo”, como indica a tradução literal. Na verdade, a expressão quer dizer que você não pode querer ter tudo de uma vez só (BBC, 2020, s.p.).⁸

Para internalizarmos expressões idiomáticas em outro idioma, precisamos compreender a cultura do outro que é expressada principalmente pela sua língua, que para Oliveira (2014, p. 62) é o símbolo cultural mais poderoso dentro de uma comunidade.

Como professores de língua inglesa da educação básica, estamos em consonância e harmonia com a Base Nacional Comum Curricular (2019) uma vez que, precisamos trabalhar as indicações contidas no documento principalmente compostas no eixo de ‘Conhecimentos Linguísticos’. Nessa diretriz constam as orientações perante às práticas de análise linguística para a reflexão sobre o funcionamento da língua inglesa, com base nos usos de linguagem trabalhados nos eixos da ‘Oralidade, Leitura, Escrita e Dimensão intercultural’ (BRASIL, 2019, p. 250).

Este trabalho vem ao encontro das instâncias contidas nessa diretriz, visto que, com o aparato tecnológico adequado à realidade que os alunos se encontram, uma boa parcela deles mesmo com condições econômicas desfavoráveis, munidos de aparelhos celulares sofisticados e de um valor consideravelmente elevado, conseguimos atrair a atenção deles para a tela de um projetor multimídia.

Como podemos conferir nesta parte do documento que o tratamento dado ao componente na BNCC (2019, p. 241) prioriza o foco da função social e política do inglês e, nesse sentido, passa a tratá-la em seu *status* de língua franca. O conceito não é novo e tem sido recontextualizado por teóricos do campo em estudos recentes que analisam os usos da língua inglesa no mundo contemporâneo.

Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do ‘estrangeiro’, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês ‘correto’ – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos.

⁸ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-48923475>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

O presente estudo corrobora com a BNCC no sentido de que vários personagens, apresentados nos episódios da série *Desventuras em Série*, se comunicam em língua inglesa, apresentando sotaques distintos, velocidade, intensidade, utilizando a norma padrão (ou não) e mostra, na prática, a funcionalidade do idioma.

No caso do nosso estudo salientaremos o ensino e a aprendizagem em língua inglesa, mas o uso da língua materna, se faz necessário em múltiplos momentos da aula, uma vez que, ela é um recurso valioso e poderoso que nos conduz a conquista do domínio da língua inglesa englobando toda sua diversidade.

O referido documento ainda nos traz respaldo para trabalharmos os aspectos da variação linguística em língua inglesa, além da definição do que é certo e do que é errado, e que essas descobertas devem propiciar reflexões sobre noções como 'adequação', 'padrão', 'variação linguística' e 'inteligibilidade, levando o estudante a pensar sobre os usos da língua inglesa.

Para tanto, a diretriz questiona por exemplo: "Essa forma de usar o inglês estaria 'adequada' na perspectiva de quem? Quem define o que é o 'correto' na língua? Quem estaria incluído nesses usos da linguagem? Quem estaria silenciado?" (BRASIL, 2019, p. 243).

De modo contrastiva, a Base Nacional Comum Curricular infere que o professor de língua estrangeira deva também explorar relações de semelhança e diferença entre a língua inglesa, a língua portuguesa e outras línguas que, porventura os alunos também conheçam. Para além de uma comparação trivial, com vistas à mera curiosidade, o transitar por diferentes línguas pode se constituir um exercício metalinguístico frutífero, ao mesmo tempo em que dá visibilidade a outras línguas, que não apenas o inglês.

No artigo de Cristovão e Gamero (2009) intitulado *Brincar aprendendo ou aprender brincando? O inglês na infância*, os autores pontuam que ao falarmos de ensino de língua inglesa, partimos do conceito de linguagem como determinante para as ações e intervenções humanas e entendemos a língua como sócio-histórica, culturalmente desenvolvida e constitutiva de nossa identidade em constante transformação.

A reflexão é um movimento intelectual que conduz o aluno a buscar conjuntos de informações de modo autônomo para que ele seja designer de significados, gerando novos sentidos a partir do que já existe, isto em grupo, desenvolvendo a sua

criticidade. E com a abrangência do alunado e o profissional com a atividade de adquirir aparato cultural por meio da série televisiva, juntos desenvolvem conceitos do seu próprio progresso.

Aprender Inglês no nosso contexto social e histórico é algo significativo na vida do indivíduo, pois além do idioma esse sujeito, nesse caso o aluno da escola pública, passa a ter contato com novas culturas e o ajuda a tornar-se uma pessoa criteriosa que terá mais elementos para saber usar devidamente corretamente as informações por ela recebida.

É conveniente, ainda, salientar que mesmo para os falantes mais fluentes em língua inglesa, as expressões idiomáticas são capazes de aproximar ou afastar os interlocutores, por este e outros motivos, faz-se necessário conhecer e reconhecer a cultura do outro, respeitando os limites do seu próximo que os códigos linguísticos nos mostram e nos impõem.

CAPÍTULO 3 - TECNOLOGIAS E ENSINO DE LÍNGUA

3.1 Aprender a Língua por meio de Ferramentas Digitais: um caminho possível?

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) estão presentes em todas as esferas da nossa sociedade, seja uma tecnologia mais simples como roupas, instrumentos domésticos como panelas ou móveis, ou aparelhos eletrônicos mais avançados como computadores, celulares ou *drones*. É inegável o avanço tecnológico que vivenciamos, seja na área agrícola, no campo da medicina e nos relacionamentos interpessoais, a comunicação é parte essencial para que estas progressões ocorram.

Essas tecnologias também estão presentes em contextos formais de ensino, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem. Tratando-se do aprendizado de uma língua estrangeira, é esperado uma determinada competência comunicativa, sociocultural e discursiva do idioma alvo, o que significa que vai além do conhecimento léxico, gramatical, morfológico e sintático, pois envolve cultura, entendimento de rotinas sociais, costumes da fala e tratamento. Nos dias atuais, não é possível admitir um ensino que não leve em conta esses aspectos.

[...] ao iniciar o estudo de um idioma estrangeiro, traz determinadas crenças sobre aprendizagem de língua e cultura. Isso se qualifica como um aspecto significativo e, portanto, pode ser objeto de problematização e discussão por parte dos professores e pesquisadores (SCHMIDT, 2017, p. 62).

Nos dias atuais, vivemos em um mundo emaranhado de tecnologias e, seja por meio do celular, computador ou televisor via satélite, as diferentes tecnologias estão modificando a forma de produzir conhecimento em sala de aula, os alunos se tornam cada vez mais espertos, vão ficando cada vez mais atualizados, autônomos, produzindo informação e solucionando problemas de forma independente. Embora essa não seja uma realidade verificável em todas escolas do Brasil, é possível que encontremos acesso à *internet*, no entanto, ainda, o maior desafio é oferecer tecnologia em equidade para alunos e professores.

Isso é possível verificar no cenário recorrente, marcado pela globalização, pelos avanços tecnológico e midiático, que a distâncias e as barreiras linguísticas, culturais e econômicas diminuíram e que virtualmente as pessoas se aproximaram, sendo que as línguas

estrangeiras adquiriram um novo significado, uma nova função social, ao mediar a comunicação (SCHMIDT, 2017, p. 22).

Os laboratórios de línguas estrangeiras estão com os dias contados. Aquelas cabines que isolavam os alunos com gravadores individuais e fones de ouvido e impedindo que os mesmos interajam com os colegas, cada vez mais cedem lugar aos laboratórios multimídia ou Quadros Interativos com acesso à *internet*, e várias outras tecnologias educacionais. Os novos laboratórios rompem as paredes da sala de aula e propiciam a comunicação com o mundo, trazendo para dentro da escola possibilidades variadas de interação com nativos ou aprendizes da língua alvo.

Conforme Castells (2004), a *internet* não é uma simples tecnologia de comunicação, mas o epicentro de muitas áreas da atividade social, econômica e política. A *web* é uma tecnologia que tem alto potencial para criar ambientes de aprendizagem inovadores e desafiantes ao facilitar o acesso a grandes fontes de informação dificilmente acessíveis por outros meios, assim como a grandes quantidades de recursos multimídia. Uma outra ferramenta que podemos explorar para o aprendizado da língua inglesa seria o *Skype*, que nos possibilita interagir em tempo real com falantes nativos e pessoas de diferentes nacionalidades também falantes de língua inglesa, podendo assim, ter contato com os mais variados sotaques e variações do idioma, fazendo com que a natureza da variação da linguagem se torne visível para os aprendizes.

Em meados dos anos 90 emerge um movimento no meio acadêmico chamado trans-humanismo ou pós-humanismo que consiste na fusão do homem com a máquina, nos aparatos tecnológicos que utilizamos no nosso corpo diariamente como óculos para corrigir problemas de visão, anticoncepcionais para o controle da natalidade, remédios para hipertensão, diabetes, HIV, entre outras doenças que antes eram uma sentença de morte, hoje com o avanço da medicina podemos ter longevidade e qualidade de vida, e tudo isso se deu graças a nossa capacidade de comunicação, de transmitir conhecimento por meio da linguagem. O nosso aparelho fonológico, a nossa fala, é algo tecnológico, visto que, somos o único animal que a utiliza como meio de comunicação.

Desde meados do século XX, com o desenvolvimento acelerado das tecnologias digitais, especialmente a partir da convergência explosiva do computador e das telecomunicações, as sociedades complexas foram crescentemente desenvolvendo uma habilidade surpreendente

para armazenar e recuperar informações, tornando-as instantaneamente disponíveis em diferentes formas para quaisquer lugares. Pela mediação de interfaces do ser humano com as máquinas, o mundo está se tornando uma gigantesca rede de troca de informações. Se podemos estar certos de alguma coisa a respeito do futuro é que a influência da tecnologia digital continuará a crescer e a modificar grandemente os modos como nos expressamos, nos comunicamos, ensinamos e aprendemos, os modos como percebemos, pensamos e interagimos no mundo (SANTAELLA, 2007, p. 128).

Não apenas nas escolas, mas em todas as camadas sociais observamos um número elevado de pessoas usufruindo de seus aparelhos celulares, manuseando-os com destreza e cuidado, eles são quase uma extensão do próprio braço, dado que, correntemente mesmo sem utilizar o mesmo, estão segurando com uma das mãos. Atualmente o que os profissionais da educação presenciam nas escolas, é um grande número de estudantes munidos de aparelhos celulares de tecnologia de última geração, boa parcela deles com acesso à internet que os permitem navegar em todo e qualquer contexto que desejarem, sem que haja alguém na escola regulamentando o conteúdo acessado, levando-os a visualizar assuntos que não promovem a ascensão intelectual.

Embora a palavra “prótese” seja bem funcional para caracterizar as extensões tecnológicas do corpo, a meu ver o significado dessa palavra ficou muito colado ao aspecto visível das extensões, ideia que busco evitar, visto que, cada vez mais, as extensões estão aderindo à fisicalidade de nossos corpos e habitando seus interiores, indicando uma tendência para se tornarem invisíveis e mesmo imperceptíveis (SANTAELLA, 2007, p. 130-131).

Santaella já publicou diversos textos e obras a respeito do assunto, e o ponto principal relacionado ao nosso trabalho é a relevância da comunicação, da disseminação do conhecimento científico por intermédio da linguagem, sem a qual não teríamos chegado onde estamos e continuamos avançando a passos largos rumo a um futuro que facilitará nossas vidas.

O sema comum que as une encontra-se no hibridismo do humano com algo maquínico-informático, que estende o humano para além de si. Assim, a condição pós-humana diz respeito à natureza da virtualidade, genética, vida inorgânica, ciborgues, inteligência distribuída, incorporando biologia, engenharia e sistemas de informação. Por isso mesmo, os significados mais evidentes, que são costumeiramente associados à expressão “pós-humano”, unem-se às inquietações

acerca do destino biônico do corpo humano (SANTAELLA, 2007, p. 129).

Nos dias que correm nos beneficiamos de várias ferramentas tecnológicas que estão ao nosso alcance, algumas mais democratizadas como aparelhos de Televisão, computadores, *tablets*, projetores, relógios, celulares como acesso à internet e outros *gadgets* (aparelhos) que ainda não se popularizaram em todas as camadas sociais.

Sendo assim, o celular é um aparelho tecnológico pleno, cujo praticamente todo e qualquer cidadão comum têm alcance, e viabiliza a conquista de um novo idioma, posto que, na *internet*, mais especificamente no *YOUTUBE* encontra-se incontáveis canais nos quais são oferecidos gratuitamente cursos de diversos idiomas.

Também podemos empregar determinadas séries televisivas ou filmes legendados dispostos na rede mundial de computadores, a *internet*, para a apresentação, introdução e desenvolvimento da língua inglesa em sala de aula. Desta maneira as séries televisivas disponibilizadas pela plataforma *NETFLIX*, ou outras, auxiliam no aprendizado desse idioma. Mas é importante salientar que o professor deve estar familiarizado com essas tecnologias, do contrário, o aprendizado não acontece como podemos conferir na citação logo abaixo retirada do artigo intitulado *O uso da tecnologia no ensino de língua estrangeira*:

Com todo o avanço tecnológico agregado ao ensino de línguas, é evidente que o professor necessita também se tornar “tecnológico”, um profissional mais consciente e mais preparado para as transformações sociais. Cope & Kalantziz (2000) pontuam que a sociedade está em transformação e as relações de trabalho mudam também, ao demandarem profissionais que precisam decidir, ter iniciativa, pensar criticamente nas funções que lhes são atribuídas em um ambiente hierarquicamente mais horizontal. Desta forma, estar preparado para acompanhar as inovações tecnológicas e suas consequências pedagógicas constitui-se uma importante característica na atuação do professor (SILVA JUNIOR; FERREIRA DA COSTA, 2012, p. 2).

O professor de línguas estrangeiras pode também usar a música como recurso de aprendizado, pois a música tem o poder de mexer com as emoções, de acalmar ou entusiasmar a turma. Mesmo que não trabalhe com a letra da música em si, os alunos ao ouvirem uma música que lhes agrada, tendem a ficarem concentrados e fazem suas atividades de modo mais preciso e acurado.

3.2 Um vislumbre acerca do momento histórico de Pandemia de Coronavírus e as Tecnologias

Estamos no início de abril de 2020 e o momento que estamos atravessando devido à Pandemia de Coronavírus (Covid-19) nos exige confinamento domiciliar e isolamento social, para que o vírus não se propague e, as tecnologias que temos disponíveis em nossas residências nos assistem diariamente enquanto nos mantemos afastados do convívio social.

Notamos que a palavra *delivery* ganhou um significado demasiadamente importante, mesmo os veículos de comunicação oficiais utilizaram o termo para definir os pontos comerciais que atenderiam na modalidade de serviço de entrega, graças ao *delivery* a economia não estagnou.

Termos em língua inglesa como *lockdown*, *home office*, *internet banking*, *home schooling*, *live*, *status*, *stories*, *drive thru*, antes considerados desconhecidos e fora do alcance das camadas sociais menos abastadas socioeconomicamente, na atualidade, essas palavras fazem parte do nosso cotidiano. Isso, pois com a pandemia de Covid 19 não nos é mais permitido e conveniente ir e vir como estávamos habituados, e temos de fazer o máximo das nossas obrigações que antes eram realizadas no âmbito formal do trabalho ou na sociedade, agora são realizadas dentro dos nossos lares.

Presenciamos empresas realizando seus trabalhos com os funcionários em casa, escolas fechadas, mas os professores estão enviando atividades via *Whatsapp* e/ou *email* para que os alunos se mantenham atualizados em relação a disciplina, uma vez que o ano letivo de 2020 encontra-se comprometido, já que as aulas foram suspensas, em alguns lugares do Brasil, no início do mês de março e outras unidades escolares sequer começaram o ano letivo de 2020.

Durante o período que estamos encerrados em nossos lares, a tecnologia nos convida a embarcar em um domínio de viabilidades de entretenimento, aprendizado e comunicação. Como seres sociais e sociáveis que somos, a tecnologia se torna indispensável neste momento em que somos orientados a não termos contato físico com as pessoas devido ao risco de contaminação.

Notamos que mesmo os indivíduos mais resistentes a aceitar o uso do celular, do computador ou outros tipos de aparatos tecnológicos, estão aos poucos aderindo,

aceitando e reconhecendo a relevância de empregar estes equipamentos durante esta fase.

A escola, antes um ambiente de contato social, agora está convertendo-se forçosamente a modalidade de ensino à distância (ou ensino remoto), algo profundamente moroso, visto que as dificuldades são inúmeras, pois mesmo com planejamento há dificuldades, e com a urgência de suspensão das aulas não houve a elaboração de um plano de um projeto de ensino *online*.

O patrimônio cultural de muitas famílias é escasso, o acesso à *internet* é limitado ou não há, o âmbito familiar não favorece a dedicação do estudante para que o aprendizado se realize, e como os familiares irão desempenhar a função de tutores de ensino à distância, se não possuem formação para executar essa tarefa que demanda tamanha responsabilidade?

Com o passar dos dias fica cada vez mais evidente que o ensino à distância é uma alternativa hábil para que o aprendizado dos alunos seja menos afetado. Contudo, os governantes enfrentam muitos desafios para que isso seja possível para a maioria dos alunos, visto que uma quantia significativa de lares não dispõe do essencial para que o ensino da modalidade de forma remota (ensino não presencial) se realize, o acesso à *internet* de qualidade.

São numerosos os questionamentos a respeito deste assunto, o futuro da educação está, neste momento, incerto. Chefes de estado estão empenhados em alcançar a solução para ao menos, parte dos problemas. Neste interim, vamos nos adaptando a nossa nova realidade social, na qual a tecnologia é a protagonista deste cenário.

Uma nova realidade de congressos *online* se configura diante do quadro atual, surgindo neste momento referenciais teóricos que suportam essa parte do trabalho, onde o falar, que sempre foi importante para a humanidade é ressignificado pela sociedade, na qual também o individualismo.

De acordo do Rajagopalan (2020), em uma *live* exibida no dia 6/5/2020 transmitida pela ABRALIN⁹ (Associação Brasileira de Linguística) afirma que a

⁹ A Associação Brasileira de Linguística, fundada em 1969, é uma sociedade acadêmica que congrega profissionais de linguística no Brasil, tendo como objetivos promover, desenvolver e divulgar os estudos de linguística teórica e aplicada no país especialmente a partir de congressos, cursos e publicações. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_de_Lingu%C3%ADstica. Acesso em: 13 ago. 2020.

pandemia está sendo promovida, as pessoas estão pensando apenas no próprio bem-estar. Ele destaca o termo “umbigofilia” em sua fala, ou seja, olhar apenas para o próprio umbigo (temos aqui uma expressão idiomática que significa importar-se apenas consigo mesmo) e culpar a sociedade pelo atual cenário mundial, isentando-se da responsabilidade de fazer parte dessa sociedade.

Neste mesmo discurso, o autor salienta que a sociedade é um componente essencial constitutivo da linguagem e a prática da linguagem é essencialmente social, pois através de laços sociais se cria uma cultura comum, como por exemplo um gosto musical ou gastronomia. E a pandemia está promovendo o individualismo, o indivíduo pensa apenas no próprio bem-estar. Nesta fala Rajagopalan ressalta também o discurso de Margaret Thachter que, não há sociedade, há indivíduos e suas famílias, pois, a pandemia está fazendo com que as pessoas repensem seu lugar no mundo e como dependem do outro para terem bem-estar.

As incertezas sobre o destino da educação são preocupantes durante a pandemia e a pós pandemia. Novos questionamentos surgem a todo instante como, quais profissões deixarão de existir e quais serão necessárias para o desenvolvimento e continuidade da raça humana, e como o professor irá conduzir o andamento das aulas com essas incertezas.

No momento estamos vivenciando o popularmente chamado “o que temos pra hoje”, um improviso de aulas gravadas, as pressas, sem o devido preparo e treinamento dos profissionais da educação para se familiarizarem ao contexto digital, professores “se virando” para desempenhar seu papel por meio de vídeos gravados, famílias desinformadas sobre as plataformas digitais disponibilizadas pelo governo e a distribuição de materiais impressos pela secretaria.

Essa situação também atinge o *locus* deste estudo, a Escola Estadual Professora Jada Torres, que orientada pelos órgãos competentes do Estado de Mato Grosso, incentiva a busca pelas atividades de modo *online*, fazendo um levantamento de quantas crianças há na casa do aluno matriculado, e quais equipamentos eletrônicos possuem, pois não há possibilidade de imprimir material para os 415 alunos da escola.

Ao entrevistarmos uma colega de profissão da educação infantil que está semanalmente gravando vídeos de atividades para que os pais realizem junto com seus filhos, notamos a angústia experimentada por ela e outros profissionais que compartilham da mesma opinião.

Katia Moraes dos Santos Fernandes pedagoga na Escola Municipal de Educação Infantil Tia Fifi no município de Arenópolis-MT relata que ela e os demais colegas não tiveram treinamento sobre como gravar e editar os vídeos. Nas palavras dela: “É muito complicado, erro muito, falo errado, tenho que voltar várias vezes pra gravar, dá nervoso, dá vontade de chorar, de desistir, mas sei que é meu trabalho e gravo até sair algo que dê para o aluno entender e os pais”.

Notamos na fala da professora Katia o despreparo e o estranhamento ao contexto digital que inúmeros educadores estão experienciando neste cenário pandêmico que poderia ter sido amenizado se os órgãos competentes, os centros de formação, tivessem ofertado um treinamento referente ao uso de tecnologias.

Em uma conferência *online* do evento Colóquios sobre Linguística Aplicada e Práticas Contemporâneas de Ensino Aprendizagem na mesa intitulada, ‘O processo de formação de professores da área de linguagem na era digital: caminhos e desafios’, na Plataforma *Google Meet*¹⁰, as palestrantes Profa. Ms. Luciane Miranda Faria (SEDUC/CEFAPRO) e Profa. Ms. Carmem Zir Artuzo (UNEMAT/Pontes e Lacerda) nos comentários sobre o evento, um participante relatou que uma professora confessou que não sabia ligar um computador.

Nesta conferência, uma das palestrantes empregou a seguinte citação de Dudeney (2016) que define o cenário futuro que os alunos de hoje participarão:

[...] estamos preparando estudantes para um futuro cujos contornos são, na melhor das perspectivas, nebulosos. Não sabemos que novos postos de trabalho existirão. Não sabemos quais novos problemas sociais e políticos existirão (DUDENEY, 2016, p. 17).

Incontáveis são os desafios e as incertezas que estamos presenciando e que estão por vir, não é raro sermos interrogados a respeito de reposição dos dias letivos, opiniões acerca da possível perda do ano letivo 2020, a logística de como será o retorno das aulas e se haverá um retorno nos próximos meses, visto não temos como afirmar ou prever algo no momento.

O momento que confrontamos poderia ser trabalhado em grupo de professores no qual cada um assume uma posição no desenvolvimento de projetos interdisciplinares e explorar as diversas situações e contextos que os alunos estão inseridos em seus lares. Diversas atividades poderiam ser desenvolvidas com a

¹⁰ A referida conferência foi realizada dia 18 de maio de 2020, às 09h00.

autonomia do aluno, e os professores estando à disposição do aluno para esclarecimento de dúvidas, seja via *online* ou uma simples ligação via telefone fixo que ultimamente tem-se ressignificado.

De acordo com Rajagopalan (2020), o telefone fixo que ultimamente estava em desuso e sem valor, hoje adquire novos contornos de sentido e é reativado pelos usuários de todas as partes do globo terrestre, pois estamos utilizando todos os meios de comunicação à distância disponíveis ao nosso alcance.

Em virtude de tecnologias conectadas à *internet* ainda temos uma solução parcial, uma forma de amenizar a ausência das aulas presenciais. Mas o acesso a uma conexão de qualidade, e um ambiente favorável ao processo de ensino aprendizagem de forma remota, ainda é uma realidade distante da maioria dos alunos da rede pública estadual.

Em uma *live* no Instagram denominada '(Re) pensando sobre multiletramentos na pandemia'¹¹, a professora Roxane Rojo da Unicamp, afirmou que *internet* é algo multimodal agora, além de fundamental nesse momento e que multiletramentos são necessários e, assim, os alunos do ensino fundamental podem ter acesso ao conteúdo digital nesse período de pandemia.

Sabemos que a realidade do ensino de idiomas nas escolas públicas é algo que precisa ser modificado, e atualmente muitas escolas estão sendo modernizadas e equipadas com computadores, *tablets* e *internet*. Agora cabe aos educadores letrarem-se digitalmente e usar essa tecnologia em benefício aos alunos. O letramento, segundo Gilster (1997), é a habilidade de entender e usar a informação de diversas formas, a partir dos recursos apresentados através do computador, e pela *internet*.

Seria também o momento de incluirmos nas nossas aulas, quando voltarmos a modalidade presencial, o uso de celulares e/ou *tabletes* nas nossas aulas, adaptando nossos estudantes à um contexto tecnológico de ensino e aprendizagem mediados por esses recursos que antes eram vistos por eles apenas como entretenimento - ou na própria concepção dos aprendizes como passatempo-, pois não sabemos quando enfrentaremos outro momento que nos impossibilite de frequentarmos o espaço físico escolar.

¹¹ A referida *live* foi realizada em 25 de maio de 2020, às 18:00.

Muito aprendizado tivemos, estamos tendo e ainda teremos no enfrentamento da pandemia de Covid-19, uma nova realidade se configura diante do atual cenário. Faz-se então necessário, um olhar mais humano e menos técnico da esfera educacional. Entendemos a importância de se repensar e ressignificar a educação, os espaços físicos e virtuais da escola, incluindo ventilação dos ambientes, higiene, iluminação, espaços ao ar livre na sombra, adaptação dos horários das aulas presenciais, aproximação da família entre outras medidas.

As famílias têm apresentado diversas queixas relacionadas ao ensino à distância, os responsáveis alegam que não conseguem acessar a plataforma, ou que não tem capacidade ou paciência para aplicar a atividade sugerida com as crianças em fase de alfabetização. O contexto está um tanto caótico, visto que uma expressiva quantidade de crianças convive com os avós, e grande parte deles não é capaz de ajudar seus netos, pois não tiveram a oportunidade de se alfabetizarem.

Seria agora o momento oportuno para a comunidade escolar exigir as mudanças que há anos estamos esperando por parte dos governantes. Em consonância com o que Rojo (2020) pontua, temos incontáveis desafios no ensino e aprendizagem no ensino básico, entretanto, para ela, o maior deles ainda é o acesso à *internet* e a disponibilidade de aparelhos. E em momentos da sua conferência, ela evidencia a desvalorização do profissional da educação, sendo que de um modo geral, o mundo atualmente percebe o quanto se faz importante e necessário o professor na trajetória e na formação do ser humano.

Indo mais além, sob um olhar de pesquisador, a Sociolinguística está ao mesmo tempo, explicitamente e disfarçadamente, presente neste contexto de ensino à distância pois, o professor que grava o vídeo, ou produz o conteúdo digital esforça-se para que o maior número de alunos compreenda e assimile as atividades com a sua explicação e demonstração, adaptando e adequando a sua linguagem para adentrar nos lares dos estudantes pelas telas, almeja que o aprendizado intercorra de um modo significativo para o seu público neste momento incerto que se configura no planeta.

3.3 As Séries Televisivas Inglesas

Sabemos que a tecnologia já é parte da nossa rotina, e com ela temos as séries televisivas, dispondo de um gigantesco leque de opções para todas as idades, divididas em gêneros, classificadas de acordo com interesse do telespectador.

No nosso estudo destacaremos a série *Desventuras em Série*, que desde os primeiros minutos prende a atenção do telespectador dizendo para não assistirmos se esperamos um final feliz, e isso instiga para que pensemos: será isso mesmo?

Vejamos então algumas características relacionadas a essa série, tendo como foco o ensino/aprendizagem das expressões idiomáticas, uma vez que elas evidenciam o caráter dinâmico da língua.

A referida série é baseada em uma coleção de livros destinada ao público infanto-juvenil, envolvendo os telespectadores em uma misteriosa trama que consiste em apurar as causas de um incêndio que arruinou a residência da família e supostamente findaram a vida dos pais dos irmãos Baudelaire. Enquanto isso, eles são entregues aos cuidados de um parente distante, o Conde Olaf, um ator que está determinado a se apoderar da fortuna da família Baudelaire a qualquer custo, criando personagens para enganar as autoridades e continuar como tutor das três crianças.

Todos os capítulos da série são originais, aprazíveis e fieis à obra literária, assim como o modo de como os três personagens principais são tratados na obra pelos adultos e as habilidades extraordinárias de Violet, Klaus e Sunny. Os três possuem subjetividades distintas daquelas relacionadas ao comum.

É uma produção elaborada, mas há aspectos que trazem reflexão. Por mais que exista uma tendência maniqueísta entre o bem e o mal, torna-se perceptível conforme a passagem do tempo anacrônico que os personagens possuem características humanas. São constituídos por qualidades e defeitos da própria natureza humana. Em algum momento da história a Violet, o Klaus e Sunny pensam em empurrar o Conde Olaf do barco para que ele se afogue, mas desistem porque entram em conflito interno a respeito do que seria ético.

Por um outro viés, temos o Conde Olaf que em uma das últimas temporadas apresenta um ato de afeto pela personagem Kit, a qual ele sempre amou. Nesse sentido é possível entender quão é reflexivo a natureza humana. E até que ponto nós somos constituídos em ser bons ou maus. É um paradoxo, porque ao sermos humanos, possuímos essas duas subjetividades. Acreditamos que essa é a complexidade humana e a obra consegue trazer reflexões a respeito de como esses personagens são constituídos verdadeiramente humanos.

O narrador-investigador chamado Lemony Snicket consegue tratar de todos os fatos, dialogando com o telespectador/leitor de modo inusitado, além de questionar quem o assiste e o lê, ao se colocar como personagem, porém não dando detalhes

de quem, de fato seria Lemony Snicket. E o questionamento dessa premissa permeia toda obra, de forma que não há uma resposta concreta sobre esse personagem.

É ele que aclara, fartas vezes, os termos e as expressões idiomáticas empregadas nas falas dos personagens, a cena é interrompida por Lemony Snicket que explica de modo compreensível, claro e objetivo o que o personagem quis dizer.

Desventuras em Série é a série elegida como nosso veículo que proporcionou nosso objeto de estudo pelos determinantes citados anteriormente e pelo caráter pedagógico que ela apresenta. No entanto é significativo salientar que existem outras séries que também são capazes de fornecer benefícios semelhantes aos estudantes.

O aprendizado de expressões idiomáticas por meio de uma série televisiva proporciona a aquisição da língua inglesa de um modo singular e como as séries são contemporâneas os estudantes têm a oportunidade de acompanhar a evolução do idioma em sua concepção temporal e seu alargamento de visão relacionado a aquisição de uma nova cultura.

Para facilitar e agilizar a assimilação de EIs da língua-alvo é necessário que o professor esteja sempre atento para os fatos da interlíngua (presença de elementos da Língua Materna no uso da Língua Estrangeira, devido ao domínio insuficiente da Língua Estrangeira) e para os resultados de análises contrativas. É necessário pensar que tipos de exercícios devam ser utilizados para evitar ou corrigir possíveis desvios. Um deles poderia ser a tradução das EIs de uma língua para a outra. Outro exercício seria a contextualização das EIs em Língua Estrangeira, pois, ampliando-se as informações culturais significativas, facilitar-se-ia a aquisição/aprendizagem delas (XATARA 2001, p. 51).

Em caráter experimental, apresentamos alguns capítulos das séries *Super Girl* e *Flash*, pois no princípio os alunos se identificaram com os personagens, mas com o avanço dos capítulos, as falas foram se tornando mais técnicas e mais velozes. Esse fato gerou insatisfação nos estudantes, impossibilitando a continuidade do trabalho com as expressões idiomáticas, porém os aspectos culturais e sociais foram bem explorados.

A língua precisa ser concebida como interação social, que coloca à disposição dos seus usuários um conjunto de estruturas gramaticais e de palavras para que eles possam interagir socialmente em encontros culturalmente marcados tanto na fala quanto na escrita (OLIVEIRA, 2014, p. 37).

Essa abordagem comunicativa intercultural que temos por meio da série televisiva permite que, o aprendizado flua mais naturalmente, pois os alunos conseguem visualizar como a língua funciona e, em quais situações as expressões idiomáticas são empregadas. Ao mesmo tempo, permite que sejam problematizadas, promovendo a reflexão em sala a respeito das expressões idiomáticas, suas origens, comparar com a expressões idiomáticas em língua materna e realizar traduções literárias e/ou equivalentes. “O nome do método não deixa dúvidas quanto a sua filiação ao ensino comunicativo de línguas e, ao mesmo tempo, explicita a preocupação dos seus proponentes com os aspectos culturais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras” (OLIVEIRA, 2014, p. 180).

Levamos em consideração a velocidade que os personagens articulam suas falas, a relevância dos assuntos abordados nos episódios e a probabilidade dos estudantes se encantarem pela leitura da obra impressa, posteriormente e/ou simultaneamente.

O professor precisa ficar atento às necessidades linguísticas dos seus alunos para que possa ajudar a satisfazê-las. Portanto é interessante, no primeiro dia de aula, conversar com os alunos para perguntar-lhes quais são suas necessidades, perguntar por que eles estão estudando inglês (OLIVEIRA, 2014, p. 66).

O primeiro dia de aula com a turma costuma ser um momento de conhecer superficialmente os indivíduos, apresentar o plano de ensino e fazer um breve diagnóstico sobre o aprendizado deles em relação à língua inglesa. É um momento importante e único, no qual se estabelece limites, regras e normas de convivência e respeito, para a partir disto, se consiga estabelecer um diálogo natural e o aprendizado ocorra eficientemente.

CAPÍTULO 4 – CAMINHOS METODOLÓGICOS

4.1 Aspectos Metodológicos

No entendimento de Severino (2002), a pesquisa visa encontrar respostas a uma problematização vivenciada e que seja significativa para o pesquisador. Logo, pesquisar é um ato político e ideológico e não existe neutralidade na escolha da temática.

A partir disso, destacamos que a metodologia deste estudo se insere na abordagem qualitativa, de base descritiva-interpretativista. Para Bortoni-Ricardo (2008), a natureza interpretativa da pesquisa procura observar as práticas sociais e respectivos sentidos, os quais procuram descrever, interpretar e analisar a problemática em questão. Conforme essa pesquisadora “[...] a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32).

Além disso, a pesquisa de natureza qualitativa se justifica em decorrência aos dados coletados (*corpus*), provenientes do contato direto do pesquisador com a situação estudada em que se dá ênfase ao processo em detrimento ao resultado (JESUS; DOMINGUES, 2000). Numa pesquisa qualitativa, os participantes (no caso, os alunos) podem expressar suas opiniões, seus desejos e sentimentos, além de contribuírem com sugestões e críticas.

De acordo com Schmidt (2017), o aluno precisa fazer exercício de linguagem considerando o caráter social da língua, precisamente, o uso social da língua como fator de interação entre falantes, na qualidade de aprendizes e usuários de língua estrangeira. Logo, língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra, e sua língua está intimamente ligada à sua cultura.

Ainda no entendimento de Schmidt (2017), a metodologia de ensino de línguas estrangeiras no contexto contemporâneo requer uma abordagem que concilie os aspectos linguísticos aos socioculturais. Para ela:

O conceito de Abordagem intercultural surge a partir dos pilares da relação entre língua e cultura na interação e vem ganhando força no contexto contemporâneo, marcado pela globalização, pela rápida

troca de informações, pelo intercâmbio cultural e pela mobilidade social (SCHMIDT, 2017, p. 97).

Depreendemos que mediante a abordagem intercultural implícita numa série televisiva haja a possibilidade de um aprendizado contextualizado e natural, pois os alunos conseguem visualizar como a língua inglesa funciona e em quais situações as expressões idiomáticas são empregadas.

Temos como um exemplo ilustrativo a expressão idiomática equivalente a “está chovendo canivete” a expressão em inglês *it's raining cats and dogs*, cuja tradução literária é “está chovendo gatos e cães”. A explicação se encontra no contexto histórico medieval quando os telhados das casas não tinham forro e as vigas de madeira que os sustentavam eram os melhores lugares para os animais — cães, gatos, ratos e besouros se aquecerem. Quando chovia, as goteiras forçavam esses animais a pularem para o chão e, com isso, além da água da chuva também caíam animais.

Além disso, podemos, dessa maneira, problematizar a situação, pesquisar a respeito dessas expressões, averiguar suas origens, comparar com as expressões idiomáticas que temos no Brasil, na região Centro-Oeste, fazer traduções literais e equivalentes, entre outras questões.

Nesse sentido, as atividades desenvolvidas em sala de aula relacionadas às expressões idiomáticas seguiram o seguinte roteiro: identificar as expressões idiomáticas em um diálogo; identificar a tradução literal; identificar a tradução equivalente na língua portuguesa; propor jogos de adivinhações e rodas de conversa exclusivas empregando as *idioms* apreciadas no momento; e, por fim, propor atividades mais simplificadas como dever de casa.

É de conhecimento por parte dos educadores da rede pública estadual a carência e a indisponibilidade de equipamentos de *data show*, seja por estarem quebrados ou por já estarem sendo utilizados por outro profissional que havia reservado semanas antes. Devido a esses e outros motivos, fomos convidados a comprar nosso próprio aparato de multimídia, composto por: um projetor, um computador portátil e uma caixa de som potente para que assim houvesse maior qualidade na compreensão das expressões da língua estrangeira a ser adquirida.

Estimamos que a realidade das salas de aula de uma parte das escolas públicas está ainda longe de ser adequada para o efetivo aprendizado da língua inglesa, mas com a implantação das ferramentas tecnológicas na rede pública torna-

se possível para o aluno e o professor se projetarem para a realidade virtual, onde não há limites para se adquirir conhecimento.

Diante disso, reiteramos que essa pesquisa qualitativa procurará ater-se ao fenômeno linguístico e sociocultural para o qual será feito o levantamento de dados que serão descritos e discutidos posteriormente e nos quais serão pontuados as impressões e os pontos de vista dos participantes do estudo. Procuraremos elaborar perguntas abertas em que deixaremos o entrevistado à vontade para responder com base exclusivamente naquilo que pensa.

4.2 Estudo de Caso: a escola no estado de MT

Como informado anteriormente, nossa pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Jada Torres, localizada na Rua Vitória, nº 171-W, Jardim Dona Julia, no Município de Tangará da Serra, no Estado do Mato Grosso.

A escola foi criada pelo Decreto 2.877 de 17 de setembro de 1990, credenciado pelo inciso 133/09 – CEE/MT (Conselho Estadual de Educação) e pela autorização 174/09 – CEE/MT. A escola oferece as modalidades de Ensino Fundamental de 09 (nove) anos em forma de ciclos reconhecidos e autorizados pelo decreto e autorização acima citados.

Contando hoje com cerca de 400 alunos distribuídos em dois períodos, matutino e vespertino, sendo assim distribuídas 2 turmas de 1º ano, 2 turmas de 2º ano, 2 turmas de 3º ano, 2 turmas de 4º ano, 2 turmas de 5º ano, 2 turmas de 6º ano, 2 turmas de 7º ano, 2 turmas de 8º ano e 2 turmas de 9º ano, totalizando 18 turmas, sendo que do 1º ano ao 5º ano são 23 alunos por turma, e nas demais, do 6º ano ao 9º ano 25 alunos, totalizando 396 alunos matriculados.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2020), que é atualizado a cada ano, a escola Jada Torres tem por missão e objetivo contribuir para a melhoria das condições educacionais, garantindo acesso e a permanência dos alunos na escola, formando-os cidadãos críticos capazes de agir na transformação da sociedade. Vale destacar que a média de desempenho educacional apresentado pela escola através do IDEB é de 4,7 no ano de 2015, cuja meta era de 5,2.

A escola recebe alunos de bairros mais próximos a ela, bairros esses que uma parcela significativa dos habitantes é atingida pela vulnerabilidade social e pela ausência ou pouco capital cultural; é nesse interim que a escola desempenha o protagonismo em oportunizar a ascensão intelectual, social, cultural e conseqüentemente econômica.

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe (BOURDIEU, 2018, p. 81).

Faz-se necessário considerar os alunos portadores de necessidades especiais, pois eles se encontram presentes no contexto real da sala de aula, e também merecem um aprendizado significativo das expressões idiomáticas. Com esses alunos trabalhamos de modo distinto e com um número reduzido de quantidade das expressões e de uma forma mais simplificada, acompanhados por um colega ou um residente pedagógico, uma vez que, esses estudantes têm suas capacidades cognitivas alteradas por alguma patologia previamente diagnosticada.

Com o apoio e a aprovação da atual gestão 2017/2020, do nosso diretor Magno Alves dos Santos, fomos contemplados com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), de Língua Portuguesa, e o Programa de Residência Pedagógica de Língua Inglesa, dois projetos financiados pelo Governo Federal em parceria com a Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Com esses projetos inúmeras atividades e projetos foram desenvolvidos pelos acadêmicos de letras envolvidos nos dois programas.

Em relação ao Programa de Residência Pedagógica de Língua Inglesa, constam os seguintes objetivos:

1. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
2. Induzir a reformulação da formação prática nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;

3. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores;
4. Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹².

Compete a escola despertar o desejo do estudante pelo consumo da diversidade de culturas, promovendo visitas a museus, centros históricos locais ou mais distantes, incentivar pesquisas sobre a história e a cultura do seu entorno, independentemente deste aluno possuir capital cultural ou não, e enaltecer suas relações sociais.

Em conformidade com Magda Soares (1989, p. 14), não é adequado qualificar grupos sociais como “culturalmente deficientes”, ou “privados de cultura”, ou “carentes de cultura”, como faz a ideologia de deficiência cultural. O que se deve reconhecer é a existência de uma diversidade de “culturas”, distintas umas das outras, mas todas igualmente estruturadas, coerentes, complexas. A autora ainda enfatiza que qualquer hierarquização de culturas seria cientificamente incorreta.

Para muitos de nossos educandos a escola é o único meio que possuem para alcançarem todo e qualquer tipo de conhecimento, seja ele acadêmico ou não. São inúmeros relatos de professores que orientaram alunos de todas as idades e suas famílias a procurarem assistência médica, odontológica ou que os auxiliam no processo do desenvolvimento de hábitos de higiene ou hábitos alimentares.

E para isso o professor deve fazer uso de uma linguagem que o aproxime de seu aluno, que o deixe à vontade sem constrangê-lo ou menosprezá-lo, aqui inconsciente de suas ações o professor se beneficia da Sociolinguística, como conferimos no artigo das pesquisadoras Cyranka e Oliveira:

Os professores de língua e a escola estão diante de um grande desafio no que se diz respeito à aproximação do mundo do aluno, ou seja, quando se deparam com os saberes que os alunos trazem de casa (CYRANKA; OLIVEIRA, 2014, p. 3).

É no ‘chão da escola’ que o aluno entra em contato com a linguagem que irá promovê-lo socialmente e, concerne a todos os professores, não apenas os da área

¹²Disponível em: <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 18 jul. 2020.

da linguagem, estendendo-se aos funcionários da unidade escolar, propagar essa prática, uma vez que todas as disciplinas e ações educativas dependem da fala, da voz, da conversa, da comunicação para serem explanadas e internalizadas pelos discentes.

Nos capítulos da série televisiva que foi exibida e estudada, o narrador explicita inúmeras vezes a relevância da leitura na vida dos expectadores, ilustrando que a leitura é essencial para o desenvolvimento intelectual do ser humano.

Como por exemplo em um episódio que o narrador interrompe a cena em um momento oportuno com o personagem Klaus que é classificado como um “*book worm*”, ou seja, um devorador de livros e se apropria do conhecimento ofertado nos livros com o intuito de se defender das armadilhas do maléfico Conde Olaf, fazendo uma analogia de como o conhecimento pode nos livrar de situações indevidas.

Nesta série didática, outros conhecimentos são ‘embutidos’ nos capítulos, como algumas leis referentes a menores de idade; temas relacionados a adoção; trabalho infantil; estudos desenvolvidos com répteis; noções de geografia global; entre outros, dando um destaque notável à leitura, ao conhecimento que adquirimos por meio dela e incentivando de um modo muito discreto aos telespectadores a praticarem a leitura.

Ao mesmo tempo, o narrador consegue prender ainda mais a atenção do telespectador sendo pessimista de forma sutil, preparando quem assiste para uma determinada situação para não se aborrecerem.

Fato que realmente acontece na vida real, que são os problemas e as dificuldades que encaramos diariamente sem nenhuma fantasia para amenizar a situação, assim os estudantes conseguem fazer uma correlação entre a realidade e a ficção e solucionar os desafios impostos pela sociedade de um modo mais pacífico.

Considerando os procedimentos apresentados e com base nos dados coletados, tecemos a análise sociolinguística e documental desses fatos por meio de livros, documentários e trabalhos acadêmicos. Realizadas essas etapas do levantamento de dados, demos sequência ao diagnóstico desses dados com a intenção de tabular os objetos, etiquetar e qualificar as informações para assim, construir e, finalmente, apresentar as discussões analíticas com as informações verificadas como veremos mais adiante.

4.3 Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada no município de Tangará da Serra – MT, na Escola Estadual Professora Jada Torres, onde oferta-se o Ensino Fundamental, sendo que ela está localizada em uma zona periférica da cidade e atende uma parcela significativa das crianças em idade escolar, dos bairros considerados desvalidos.

Para tanto, os procedimentos metodológicos depreenderam de diversas ações e instrumentos de coleta de dados, conforme exposto em seguida.

No decorrer dos anos letivos de 2018 e 2019 durante as aulas de língua inglesa desta pesquisadora, foram desenvolvidas atividades envolvendo a série *Desventuras em Série*, cuja inspiração iniciou-se após um estágio realizado por uma acadêmica do curso de Letras na referida turma. E o envolvimento com os alunos foi tão memorável ao ponto de eles pedirem para que a professora continuasse exibindo os capítulos seguintes.

4.3.1 Contato e ‘Sondagem’

Na primeira etapa da coleta dos dados, com o intuito de fazermos um levantamento e contato inicial, houve uma conversa formal com os gestores (diretor e secretária) da referida escola.

Nesse encontro presencial ocorrido em março de 2020, houve a apresentação do projeto de pesquisa, dos objetivos e a intenção de se fazer uma pesquisa nesse contexto escolar, especialmente com os alunos da autora/pesquisadora deste trabalho. Ao mesmo tempo, este contato inicial também teve a intenção de obter dados gerais sobre os alunos em questão.

Ademais, por meio de documentos relacionados ao Comitê de Ética, a gestão da Escola Estadual Professora Jada Torres, de Tangará da Serra – MT, foi previamente informada com a apresentação dos objetivos da pesquisa, consultada e, conseqüentemente, concedida a devida autorização para que o trabalho se desenvolvesse plenamente.

Na sequência, a escola entrou no período de quarentena devido à pandemia do novo Coronavírus (Covid-19), e nossa pesquisa foi desenvolvida remotamente com os alunos da escola. Nesse sentido, contamos com a tecnologia que temos a nosso

favor e realizamos a coleta de dados por meio do aplicativo de comunicação de mensagens instantâneas o *WhatsApp*.

A princípio tínhamos o objetivo de entrevistar 30 alunos das duas turmas dos 9º anos A e B durante o período letivo, mas devido a interrupção das aulas presenciais fomos convidados a reduzir significativamente este número para 15 estudantes, uma vez que não são todos os alunos que possuem celular ou outros dispositivos com acesso à internet.

Por meio do grupo de professores de área da Escola Estadual Professora Jada Torres, em junho de 2020 contatamos o professor intitulado a gerenciar o grupo de *WhatsApp* da turma que seria inicialmente entrevistada e ele nos informou os respectivos números de contato dos estudantes do 9º ano para que assim fizéssemos uma conexão preliminar, a fim de reestabelecemos um vínculo que pudesse dar sequência aos próximos passos da pesquisa.

À medida que conseguimos falar com os alunos, eles foram informados sobre o questionário a ser aplicado, considerando a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa. Concomitantemente, fomos averiguando e adaptando a linguagem que seria empregada nas questões contidas no nosso instrumento de coleta de dados, considerando seu repertório linguístico cultural.

Como já vimos anteriormente que a língua é um fato social e um instrumento de poder, dominar um idioma, inteirar-se de suas propriedades e comportamentos resulta em compreender também a cultura, visto que língua e cultura estão profundamente atados, portanto constatamos que as expressões idiomáticas refletem justamente na interação social dos indivíduos, sejam eles pertencentes ao mesmo lugar ou não.

Ao passo que as conversas com os estudantes foram fluindo, inserimos na nossa comunicação expressões idiomáticas em frases informais tais como “eu não estou enchendo teu saco, não?”, ou quando ficavam em silêncio “o gato comeu sua língua?”, e para incentivá-los dizíamos “vamos pôr a mão na obra” entre outras.

4.3.2 Entrevista

Considerando o objetivo geral do estudo que consiste em investigar se em que medida algumas expressões idiomáticas do inglês veiculadas em séries televisivas

podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa e suas variações linguísticas e culturais, seguem as descrições com os dados gerados.

A princípio, nos deparamos com alguns desafios causados pela Pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19) como o medo; a introspecção; a alteração da rotina de estudos; a adaptação à nova realidade que se configurava; o estudo remoto; o confinamento em casa; o distanciamento social; o uso de máscaras; assim como a constante higienização de mãos e dos objetos que nos circundam. Esses fatores interferiram, redirecionaram e, em partes, prejudicaram diretamente e indiretamente os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

Outro aspecto que interferiu em nossa pesquisa foram as entrevistas sucedidas fora do ambiente escolar, pois as escolas estavam com as aulas presenciais suspensas. Deste modo, a maioria das entrevistas ocorreram de forma remota, por meio de ligações feitas a partir da rede telefônica fixa e móvel, vídeo-chamadas, mensagens de áudio e mensagens de texto, utilizando o aplicativo de mensagens *WhatsApp*.

Considerando essa situação de ordens comportamental, sanitária e socioeducacional, foi feito um levantamento de dados por meio de 15 entrevistas (ver Anexo O) no período de novembro e dezembro com os alunos-participantes deste estudo, em que foram gravados e anotados seus relatos, para assim verificar como utilizam essa variedade linguística dentro e fora do âmbito escolar. Desse modo:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informações contidas na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está focalizada (MINAYO, 1994, p. 57).

No tocante a essa etapa da coleta de dados, vale destacar que apenas duas entrevistas aconteceram de forma presencial, especificamente nas residências dos informantes. Nessas duas conversas pedimos, via ligação telefônica, a aprovação dos alunos e de seus responsáveis, seguindo todos os critérios de segurança recomendados pelas autoridades da área da saúde, utilizando máscara facial, álcool em gel e mantendo uma distância mínima de dois metros dos informantes.

Porém um certo desconforto e tensão no início pode ser notado, talvez pelo horário que foi na parte da manhã, aproximadamente às 09h00 e, é sabido que, de forma geral, os adolescentes não apreciam acordar cedo, ou o receio de contrair a doença, dado que não se sabe como e nem quando vamos contrair o vírus da Covid-19. Mas após alguns instantes de diálogo, fomos percebendo que a conversa se tornou descontraída e os informantes e seus responsáveis, que estavam presentes o tempo todo, entreteram-se com a conversa que fluiu naturalmente.

Em contrapartida, quatro entrevistas remotas foram custosas, pois marcávamos horário com antecedência esclarecendo sobre a duração e o teor da entrevista e os informantes apresentavam resistência ou simplesmente não correspondiam ao compromisso. Assim, de modo cauteloso marcávamos novamente um novo dia e horário sendo que, mesmo assim, não compareciam ou não tínhamos sinal de internet ou de telefonia móvel satisfatória. Somente após algumas tentativas é que conseguimos realizar as entrevistas com sucesso e obtermos respostas plausíveis aos nossos questionamentos.

Cumpramos também salientar que durante os meses de novembro e início de dezembro de 2020, quando se desenvolveram as entrevistas, houve uma crise hídrica sem antecedentes históricos no município de Tangará da Serra–MT. Esse fato também teve implicações na coleta de dados, vindo a comprometer a aplicação do nosso instrumento, pois todos os moradores precisaram criar mecanismos para conseguir e armazenar água para as necessidades básicas do dia a dia e com o agravante da pandemia de Covid-19 os informantes relataram em conversas informais, antes da aplicação do questionário, suas angústias provocadas pela ausência de água em seus lares.

4.3.3 Perfil dos Colaboradores

No tocante a entrevista instrumento investigativo central adotado neste estudo vale ressaltar que a primeira pergunta é sobre o perfil dos participantes da pesquisa, especificamente algumas questões de identificação, o que pode ser observada na tabela abaixo (Tabela 1).

Para fins de preservação da identificação dos colaboradores, fazemos uso do seguinte código: Aluno A, Aluno B, Aluno C e assim sucessivamente.

Tabela 1: O perfil dos colaboradores

Código do Aluno	Idade	Sexo	Série	Local de Nascimento	Reside na Zona Urbana e/ou rural	Desenvolveu atividades sobre a série televisiva
Aluno A	16	M	9º ano	Tangará da Serra/MT	Urbana	Sim
Aluno B	15	M	9º ano	Barra do Bugres/MT	Urbana	Sim
Aluno C	14	F	9º ano	Barra do Bugres/MT	Urbana	Sim
Aluno D	15	F	9º ano	Tangará da Serra/MT	Urbana	Sim
Aluno E	14	F	9º ano	Tangará da Serra/MT	Urbana	Sim
Aluno F	14	F	9º ano	Tangará da Serra/MT	Urbana	Sim
Aluno G	14	F	9º ano	Campo Novo do Parecis/MT	Urbana	Sim
Aluno H	16	F	9º ano	Tangará da Serra/MT	Urbana	Sim
Aluno I	14	M	9º ano	Tangará da Serra/MT	Urbana	Sim
Aluno J	15	M	9º ano	Tangará da Serra/MT	Urbana	Sim
Aluno K	15	F	9º ano	Tangará da Serra/MT	Urbana	Sim
Aluno L	14	F	9º ano	Cáceres/MT	Urbana	Sim
Aluno M	14	F	9º ano	Maceió/AL	Urbana	Sim
Aluno N	14	F	9º ano	Tangará da Serra/MT	Urbana	Sim
Aluno O	16	F	9º ano	Tangará da Serra/MT	Urbana	Sim

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Dentre os fatores extralinguísticos que podem ser identificados na tabela acima (Tabela 1), é possível constatar que a idade dos participantes varia entre 16 e 14 anos, sendo mais da metade apresentam idade de 14 anos. Os alunos acima de 14 anos estão com idade escolar desfasada, não por repetirem o ano, mas em consequência de entrarem na escola tardiamente.

Quanto ao dado sexo, onze são do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Notamos pelos dados acima que o sexo feminino se destacou em número na

pesquisa. Podemos depreender que isso deriva de uma maior afinidade, interesse e participação que as meninas têm demonstrado pela professora/pesquisadora, se comparado aos alunos do sexo masculino que participaram desta coleta.

Todos os alunos participantes encontram-se no 9º ano do Ensino Fundamental e residem na zona urbana, e as residências dos mesmos localizam-se nos bairros que circundam à escola. Além disso, a maioria, especificamente doze alunos são naturais de Tangará da Serra, do Estado do Mato Grosso.

Já, em relação aos elementos pedagógico-linguísticos, todos os informantes desenvolveram atividades sobre a série televisiva nas aulas de língua inglesa, no período de fevereiro a setembro de 2019.

Desenvolvemos debates a respeito das temáticas dos capítulos vistos em aulas mediante atividades de pronúncia, de *listening* (exercício de audição), caça palavras, mímicas das expressões idiomáticas, desembaralhar as palavras para formar a expressão, desembaralhar as letras de uma ou mais palavras que formam essa expressão, ligar as expressões entre outras, como no exemplo a seguir:

Figura 5: Atividade sobre a série

Thursday April 4th, 2019

Idioms

My bad - foi mal
 stop for nothing - não parar para nada
 anyway - de qualquer forma
 cover it - cobrir gastos / pagar
 dizzy - enerve / assustado
 you know what I mean - se é que você me entende
 go away - vá embora / cai fora
 oh boy! - peço a vida!
 we can handle it - a gente aguenta / nós damos conta

Activities

1. Link the expressions:

a) Go	() it
b) We can	() away
c) Stop	() boy!
d) My	() handle it
e) Oh	() for nothing
f) cover	() bad

2. Com as suas palavras explique em quais situações utilizamos as expressões abaixo:

a) Oh boy!
 b) Go away
 c) you know what I mean:

Fonte: Dados elaborados pela autora (2019).

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 O Projeto Piloto: Expressões Idiomáticas

Dado os objetivos que estão explicitados na parte introdutória deste estudo, alguns passos da coleta de dados e análise foram necessários. Assim, primeiramente, buscamos fazer uma abordagem inicial com os colaboradores (informantes – aprendizes) acerca do uso da série televisiva no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa no referido contexto escolar.

Diante da situação da pandemia, foi criado um projeto piloto com um determinado grupo de alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Professora Jada Torres. Este grupo é constituído por dez alunos que estão participando voluntariamente na modalidade à distância por meio do aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*.

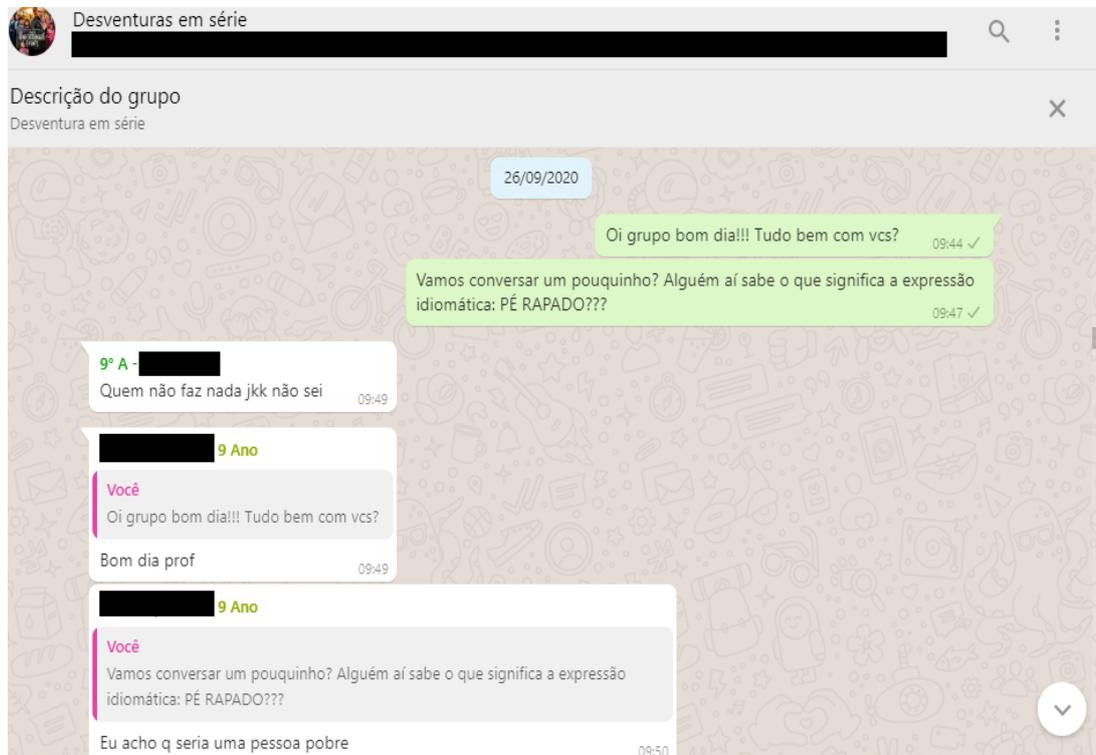
O grupo foi criado em julho de 2020 com o intuito de retomar o conteúdo das expressões idiomáticas apresentadas no seriado *Desventuras em Série*, apresentado para a turma 8º ano nas aulas de língua inglesa em 2019, como parte do currículo da disciplina.

Os alunos se mostraram interessados e entusiasmados em participar do grupo e prontamente responderam aos questionamentos propostos pela pesquisadora. Desse modo, quinzenalmente fizemos uma interação pelo referido aplicativo com perguntas relacionadas à série televisiva, sugerindo uma revisita aos capítulos e apresentando informações congruentes às expressões idiomáticas, tais como a tradução literal, tradução equivalente e a origem das expressões.

Entrementes, os episódios da série foram transmitidos com o áudio em língua inglesa e a legenda em língua portuguesa, possibilitando aguçar a habilidade de *listening* e, simultaneamente, aprimorar a leitura em língua portuguesa, que desta forma acaba por refinar a leitura em língua materna. E isto é algo que beneficia o estudante em todas as disciplinas, fato que os outros professores de área concordam.

Por meio das amostras de conversas que tivemos preliminarmente com o grupo formado por dez participantes, notamos que despertamos o interesse e a curiosidade dos alunos, como podemos conferir nos diálogos, nas interações feitas no grupo de *WhatsApp* denominado “Desventuras em série” que seguem (Figuras 6 – 13):

Figura 6: Amostra de conversa 1



Fonte: Dados elaborados pela autora (2020).

Figura 7: Amostra de conversa 2



Fonte: Dados elaborados pela autora (2020).

Figura 8: Amostra de conversa 3



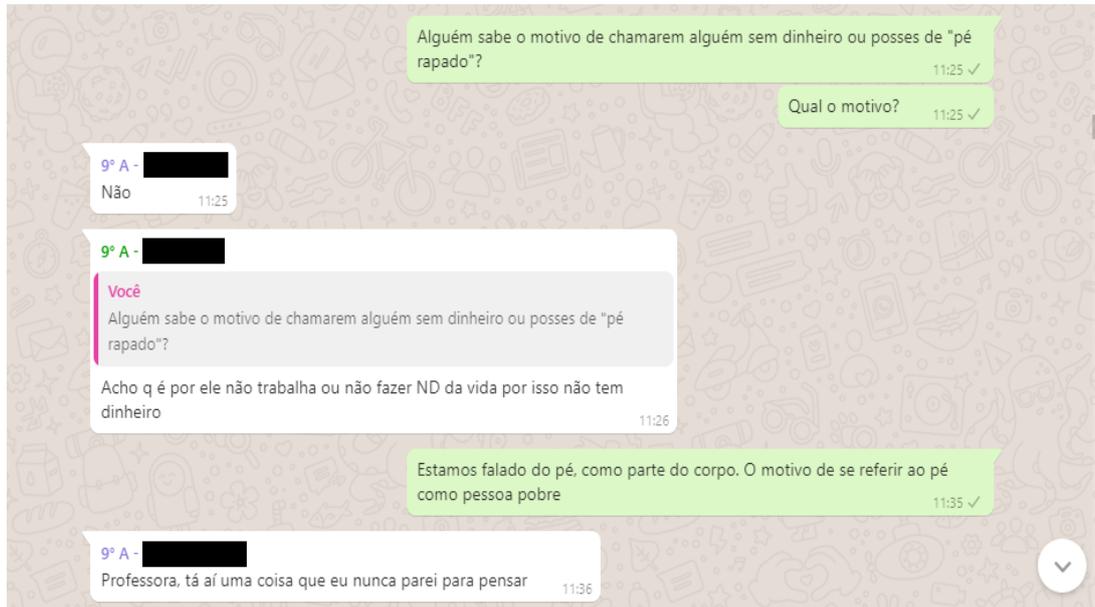
Fonte: Dados elaborados pela autora (2020).

Figura 9: Amostra de conversa 4



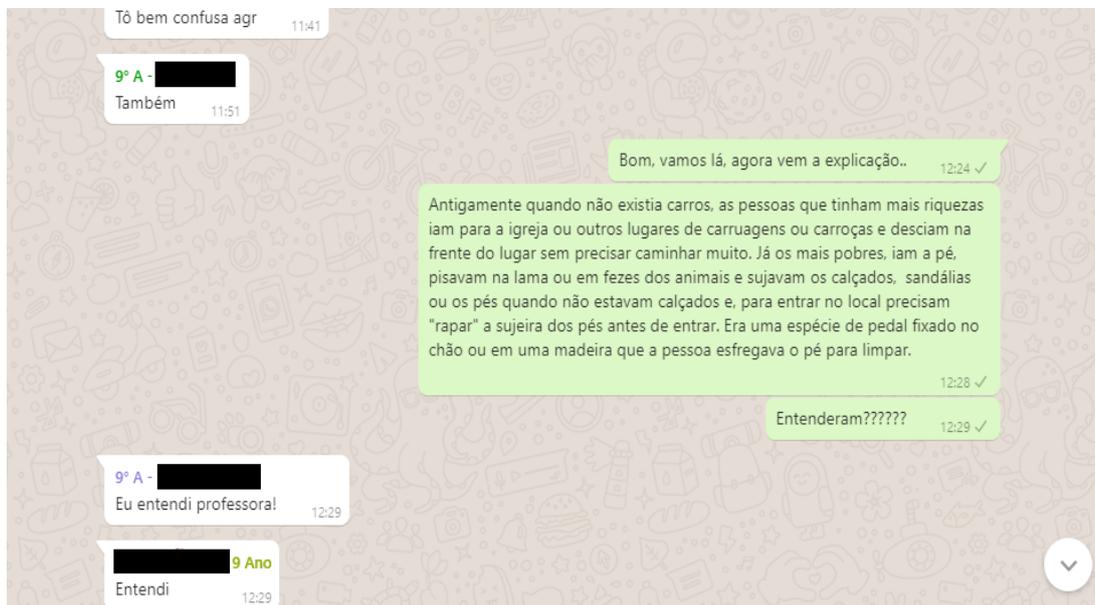
Fonte: Dados elaborados pela autora (2020).

Figura 10: Amostra de conversa 5



Fonte: Dados elaborados pela autora (2020).

Figura 11: Amostra de conversa 6



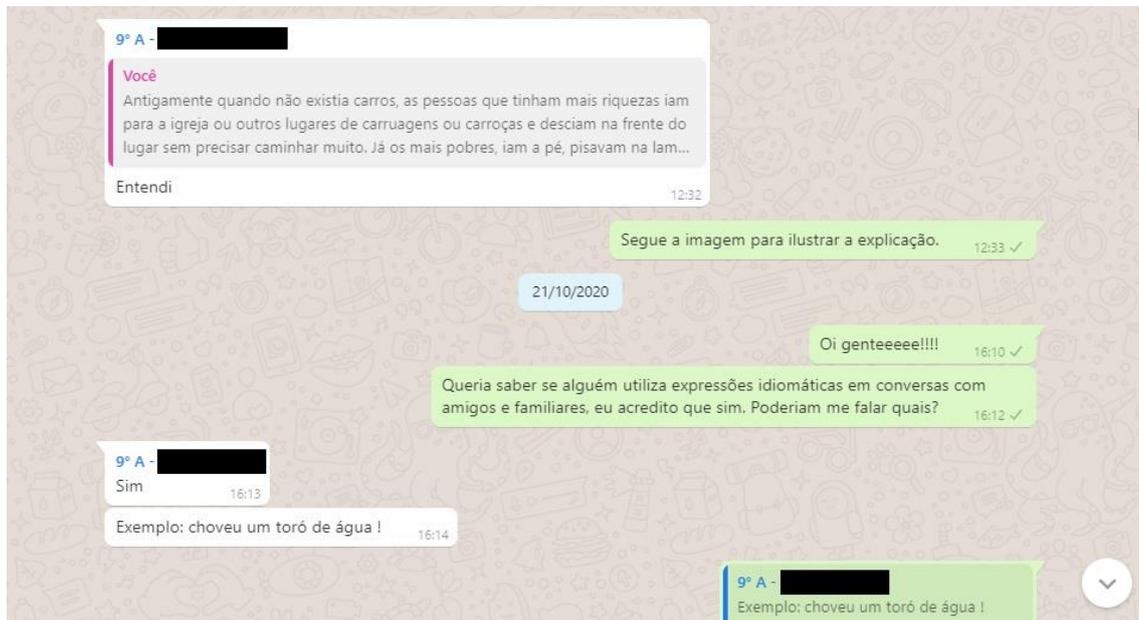
Fonte: Dados elaborados pela autora (2020).

Figura 12: Amostra de conversa 7



Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Figura 13: Amostra de conversa 8



Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Com base nesses excertos apresentados anteriormente (Figuras 6-13), os alunos/aprendizes de língua inglesa – colaboradores deste estudo, ao focarem/refletirem sobre a expressão idiomática “pé rapado”, procurando de forma interativa chegarem ao significado dela, revelado no *post* da Figura 13 conforme o *site*

Blasting News¹³, a origem desta expressão no período colonial remete a tipos de “pedais” que eram utilizados pelos pedestres para rasparem a lama das solas dos sapatos antes de entrarem nos recintos.

Somente os mais pobres tinham os pés sujos de barro, pois os cidadãos abastados chegavam a cavalo ou de charrete e, portanto, não sujavam os sapatos. A expressão “pé rapado” surgiu na informalidade, para designar pejorativamente os cidadãos das classes mais desprovidas socioeconomicamente. O termo se popularizou primeiro nas zonas rurais, onde muitas vezes era a própria sola do pé descalçado que tinha a lama “rapada” no objeto acima mostrado.

Deprendemos que o uso de ferramentas tecnológicas, como o aplicativo *WhatsApp* nos assessorou prestimosamente em todas as etapas da pesquisa, simplificando a comunicação entre todos os envolvidos.

A partir desses dados, foi possível construir uma síntese de todas as expressões idiomáticas trabalhadas nas aulas presenciais e nas interações remotas, via mensagem instantânea. Dessa forma, na sequência constam expressões idiomáticas presentes na referida série e que, por sua vez forma tema de debate, que evidenciam algumas reflexões e resultados, os quais estão elencados no quadro seguinte.

Quadro 1 - Expressões idiomáticas presentes na série *Desventuras em Série*

Expressões Idiomáticas em Inglês	Tradução literal	Tradução equivalente	Expressão Semelhante sugerida por alunos	Significado simplificado fazendo uso da norma padrão
TGIF Thanks God it's Friday	Graças a Deus é sexta feira	Graças a Deus sexta feira chegou	Vem ni mim sexta feira sua linda	Que bom que hoje é sexta feira
To eat one's heart out	Comer o coração de alguém	Dor de cotovelo	Dor de corno	Com ciúmes
Better safe than sorry	Melhor a salvo do que lamentar	Melhor prevenir do que remediar	O seguro morreu de velho	Se prevenir de algo ruim
It costs an arm and a leg	Custar um braço e uma perna	Custar os olhos da cara	Custou uma facada no bucho	Algo que custa muito dinheiro

¹³ Disponível em: <<https://br.blastingnews.com>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

It's raining cats and dogs	Está chovendo gatos e cachorros	Está chovendo canivete	Está caindo um dilúvio	Chuva intensa
Safe and sound	Seguro e som	São e salvo	Tá de boa	Fora de perigo
My bad	Meu mal	Foi mal	Vacilei	Agi errado
No way	Sem modo	Sem chance	Nem que a vaca tussa	Algo sem perspectiva de ocorrer
You bet	Você aposta	Pode apostar	Tá suave	Vai dar certo
What a pity	Qual um dó	Que pena	Uma pena	Sinto muito
Piece of cake	Pedaço de bolo	Mamão com açúcar	Moleza/ mole mole	Muito fácil
Look after	Olhar depois	cuidar	Passar o zói	Tomar conta
Look so down	Olhar tão baixo	Estar para baixo	Tá mal	Parecer depressivo
Book worm	Minhoca de livro	Devorador de livros	Cdf/ nerd	Pessoa que lê muito
Get it through your head	Pegue isso através da sua cabeça	Coloque isso na sua cabeça de uma vez por todas.	Falô?	Entenda isso por favor
Can I sleep on it?	Posso dormir nisso?	Posso pensar e responder depois?	Depois eu te falo	Posso pensar melhor e responder em um outro momento?
Let's head home	Vamos encabeçar pra casa	Vamos para casa	Bora pra casa	Vamos para casa
She's dead serious	Ela está morta seria	Ela está falando muito sério	Ela tá na moral	Ela está seriamente dizendo a verdade
Look away	Olhe longe	É melhor não olhar	Tira o zóio	Não olhe
Really?	Realidade/ verdade?	Sério?	Fala sério	Isso é verdade?
Yes-man	Sim homem	Puxa saco	Lambe cu	Alguém que vive fazendo favores a um indivíduo visando benefícios em troca

A piece of cake	Um pedaço de bolo	Mamão com açúcar/ mel na chupeta	Moleza/ Demorô	Algo extremamente fácil de se fazer
It rings a bell	Soa um sino	Isso soa familiar	Isso me lembra...	Algo que dizem que nos remete a outra coisa
When pigs fly	Quando os porcos voarem	Nem que a vaca tussa/ dia de São Nunca	Nem a pau/Nem fudendo	Algo que nunca irá acontecer
Kick the bucket	Chutar o balde	Bater as botas	Bater as botas/ ir para o bebeléu	Morrer/ falecer
It's raining cats and dogs	Está chovendo gatos e cães	Está chovendo canivete/ está caindo um dilúvio	Está chovendo pra caralho	Está chovendo volumosamente
He doesn't have two nickels to rub together	Ele não tem nem duas moedas para esfregar uma na outra	Ele é um pé rapado	Ele é pobre pra caralho/ Ele é um fudido nessa vida	Ele é uma pessoa de poucas ou nenhuma posse

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Conforme o Quadro 1, notamos que os estudantes atribuíram suas próprias definições às expressões idiomáticas apresentadas na série televisiva, sendo perceptível pelas suas definições um certo grau do uso de humor e gírias, fato comum, que ocorre constantemente na comunicação dentro e fora da sala de aula.

Concomitantemente Preti (1984, p. 19) afirma que “A gíria se apresenta como um vocabulário agregado à linguagem corrente, sendo usada nas mais variadas situações e pelos mais diversos tipos sociais de falante”. Assim, sabemos que o vocabulário gírio está presente há muito tempo na sociedade, contudo, por se tratar de um recurso linguístico particularmente oral.

A gíria, historicamente, apareceu nos grupos sociais excluídos da sociedade: favelados, bandidos, ciganos, assaltantes, criminosos e outros. Ela evidencia a identidade linguístico-cultural de cada falante que, por meio da expressão oral, revela desejos, inquietações, anseios, ideias, e, além disso, toda a possibilidade dentro da língua.

É justamente nessa conjuntura que, uma fração expressiva do nosso alunado se encaixa, visto que são provenientes dos bairros menos prestigiados do município e coabitam com os grupos de vulnerabilidade social e que sem pormenorizar incluem-se nessa coletividade marginalizada.

Labov (2008, p. 313) aponta que “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística”. Dessa forma, podemos concluir que as gírias se configuram como variação sociocultural.

O humor é um componente que se faz presente em todos os episódios da série cujo deixa o conteúdo mais leve, agradável e estimulante, sendo assim os estudantes se sentem motivados e entusiasmados a aprender progressivamente, absorvendo lentamente os aspectos culturais e linguísticos expostos nos capítulos.

Por isso, a importância de se propor a discussão do ensino de línguas sob um viés sociocultural, em que se propõe uma reflexão sobre a língua aprendida a partir da língua materna dos aprendizes. Esta discussão possibilita a interrelação entre a língua e a cultura dos nativos e não nativos (HOGETOP, 2018. p. 3).

É neste contexto de heterogeneidade cultural e linguística que vamos ressignificando a vivência de cada um, partindo de um grupo com peculiaridades comuns até alcançarmos cada aluno singularmente, valorizando, e enaltecendo seu vernáculo sem deixar de expor a norma padrão e indicar seu uso em concordância com a circunstância.

Nesse sentido Schmidt (2017, p. 35) afirma que o usuário dispõe de uma variedade de diversos modos de falar, um feixe de variedades linguísticas que se centram na situação de uso real, precisamente, no contexto de interação sociocultural.

Ao analisarmos o quadro anterior (Quadro 1), podemos notar que algumas expressões se assemelham com a sua respectiva tradução em língua materna, outras divergem significativamente. Sendo assim, o estudante de língua estrangeira, para se inteirar totalmente da língua, precisa conhecer e dominar o uso das expressões idiomáticas na língua falada, uma vez que essa flui naturalmente durante a comunicação com o falante nativo.

Em seu artigo denominado “O ensino do léxico: as expressões idiomáticas”, (XATARA, 2001, p. 49) afirma que podemos estimular especificamente a

compreensão e aquisição das expressões idiomáticas, despertando os aprendizes para as peculiaridades dessas unidades lexicais, iniciando-se pelo seu próprio reconhecimento no interior dos enunciados e posteriormente dando conta da conotação, ou seja, o sentido que as envolve, além de levar os aprendizes a sua utilização como um recurso discursivo.

Nessas interações linguísticas e culturais, as pessoas expressam suas intenções e necessidades, verbalizam suas concepções de mundo e deixam marcados seus posicionamentos, enfim, vão se constituindo como sujeitos, logo construindo suas identidades (SCHMIDT, 2017, p. 22).

Se observarmos o Quadro 1 (ver p. 76 e 77) é perceptível esse reconhecimento que Xatara se refere, e a aplicação de expressões semelhantes nos discursos dos estudantes ao tomarem conhecimento de expressões mais “antigas”, porém com o mesmo grau de sentido e significado.

Para o estudo da língua a fala cotidiana dos falantes reais, ao ensino cabendo, portanto, a tarefa de facilitar aos alunos a aquisição da competência lexical e de habilitá-los a usar também as palavras ou expressões que revelam os sentimentos, as emoções e as sutilezas de pensamento do falante nativo da língua-alvo (XATARA, 2001, p. 50).

Aqui uma vez mais, a Sociolinguística revela-se essencial na aquisição de uma segunda língua, ou terceira demonstrando a relevância de compreender a cultura, pois por meio da fala utilizando as expressões idiomáticas transmitimos nossa tradição, costumes e crenças.

Conforme Hogetop (2018, p. 5), as questões como o ensino de LE/LA (língua estrangeira/ língua alemã) nas perspectivas cognitivista e sociocultural e a relação cultura e língua como dois conceitos indissociáveis e, portanto, inseparáveis na área de ensino de LE/LA.

Constatamos a relevância do conhecimento científico ao questionar informalmente colegas professores de língua inglesa sobre a possibilidade de se aprender inglês por meio de expressões idiomáticas contidas em uma série televisiva, ou em filmes, músicas, livros didáticos.

Para essa enquête obtivemos múltiplas respostas e, o que foi mais recorrente refere-se ao fato de que os professores envolvidos com a Pós-graduação ou aqueles

que têm interesse em se qualificar profissionalmente responderam ser possível adquirir a língua inglesa por meio das expressões idiomáticas contidas em tais os veículos já mencionados.

Porém, os professores ‘mais presos às amarras do ensino tradicional’, ou seja, sem utilizar tecnologias digitais, não consideraram ser possível a aquisição do idioma empregando as expressões idiomáticas. Por fim um deles respondeu ser impossível transmitir a cultura de um povo por meio das expressões idiomáticas.

A partir do exposto, constatamos a ilustre presença da variação linguística empregada pelos alunos para expressarem seus sentimentos atados ao que a série representa para eles. “A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

5.2 Discussão dos Dados: a perspectiva dos Colaboradores

A escolha das perguntas e a linguagem utilizada nas mesmas foram selecionadas de acordo com o grau de conhecimento dos informantes e em consonância ao Comitê de Ética e Pesquisa para que, assim todos os participantes pudessem compreender integralmente as questões do instrumento de coleta de dados.

Foi sugerido aos alunos que revisitassem alguns capítulos da série *Desventuras em Série*, uma vez que distantes, fisicamente, das salas de aula, os estudantes estão no momento, inseridos em um outro contexto de ensino, o ensino remoto. E notamos que alguns não se sentem motivados o suficiente para continuarem seus estudos em casa sem o auxílio e a orientação de seus professores, uma vez que, a época que estamos presenciando não nos permite aglomerações, ou contatos presenciais sem as devidas medidas de segurança sugeridas pela Organização Mundial de Saúde a OMS.

Quando desenhamos o projeto com a entrevista, almejávamos, que fluísse naturalmente dentro da sala de aula e com o número previsto de informantes, porém, devido a pandemia da Covid-19, fomos convidados a nos adaptar a essa nova realidade, onde o virtual é o ideal e mais seguro para o presente momento.

Com o distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais na rede pública estadual de ensino, uma parcela significativa dos estudantes apresentaram um determinado grau de resistência em participar das entrevistas, tanto presenciais, seguindo as normas de segurança recomendadas pela OMS mantendo uma distância de dois metros, usando máscara e álcool 70 para constantemente higienizar as mãos, como as entrevistas realizadas por meio de ligação regular utilizando a operadora de telefonia móvel, ou chamadas pelo aplicativo de mensagens instantâneas o *WhatsApp*.

No decorrer das conversas preliminares envolvendo os aprendizes, alguns alegaram não desejarem participar da entrevista por motivos obtusos, como falta de tempo ou declararem não se lembrarem de absolutamente nada sobre a série *Desventuras em Série*. É importante salientar que durante as aulas presenciais no ano de 2019, os estudantes foram informados repetidas vezes sobre a pesquisa que seria realizada em 2020, e na época todos concordaram prontamente e voluntariamente em participar.

Após selecionar os alunos da escola Jada Torres que assistiram ao referido seriado no ano de 2019, pois o grupo criado anteriormente com o propósito de alcançar mais facilmente os alunos, estava se desfazendo, os informantes saíram do grupo.

Nesse sentido, contatamos os alunos utilizando mensagens de texto por meio do aplicativo *WhatsApp* e os mesmos foram avisados de um modo polido a respeito de como seriam executadas as entrevistas, a duração e sobre o que se tratava, utilizando mecanismos e recursos sociolinguísticos para que, assim, o enunciado fosse compreendido de forma clara e objetiva.

O pesquisador deve entrar em contato com o informante e estabelecer, desde o primeiro momento, uma conversa amistosa, explicando a finalidade da pesquisa, seu objeto, relevância e ressaltar a necessidade de sua colaboração. É importante obter e manter a confiança do entrevistado, assegurando-lhe o caráter confidencial de suas informações. Criar um ambiente que estimule e que leve o entrevistado a ficar à vontade e a falar espontânea e naturalmente, sem tolhimentos de qualquer ordem. A conversa deve ser mantida numa atmosfera de cordialidade e de amizade (*rapport*) (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.199).

Reiteramos que, aos informantes foram ofertadas as modalidades de entrevistas por ligação telefônica, ligação via aplicativo *Whatsapp* e a modalidade presencial. De modo geral iniciamos nossas conversas com perguntas corriqueiras, triviais, como por exemplo “como você está?” ou “o que você tem feito de legal nesta pandemia?”, “você está sentindo falta da escola, das aulas?”, assim eles se sentiam menos pressionados para que a comunicação ocorresse de modo confortável e se sentissem autoconfiantes para responderem ao questionário de forma mais natural possível. Contudo, mesmo assim, alguns informantes demonstraram estarem um tanto apreensivos e com receio de responderem algo errado, talvez pelo fato de a professora deles estar fazendo as perguntas.

[...] a língua falada a que nós temos referido é o vínculo linguístico de comunicação usados em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados (TARALLO, 1999. p. 20).

Findando as questões, os informantes relataram que a entrevista foi bem mais descomplicada e tranquila do que imaginavam, pois a linguagem utilizada nas questões foi acessível e clara. Alguns colaboradores – alunos - relataram estarem apreensivos com a entrevista por pensarem que a mesma seria filmada com uma câmera e transmitida pela TV local, uma vez que, eles tinham apenas essa definição do termo “entrevista” em seus conceitos, e logo depois da explicação de como ocorreria o processo de coleta de dados, os alunos aceitaram participar.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195).

No tocante aos dados obtidos com base na entrevista com perguntas abertas (ver Anexo O), temos na pergunta número 2 que compreende o seguinte enunciado: *Você tem o hábito ou gosta de assistir filmes ou série de TV?* Obtivemos apenas respostas afirmativas de 100% dos informantes, que alegaram gostar ou gostar muito

de assistir filmes ou seriados, um fato que nos chamou a atenção nos remete a resposta da Aluna C o seguinte: “Eu gosto de assistir filmes, as séries eu não tenho muita paciência, e já pulo para o final”, esta foi a única resposta distinta das demais.

Ao averiguar a questão número 3 onde respectivamente temos: *Você gosta da série ‘Desventuras em Série’?* Também recebemos uma parcela significativa de variadas respostas positivas nos 15 questionários aplicados, como: “sim”, “eu gosto”, “gosto”, “adoro”, “muito”, “curto muito”, “achei muito interessante” e a Aluna H conseguiu fazer uma observação além do que foi questionado respondendo: “ Ela é meio triste mas, gostei muito dela”. Evidenciando que ela teve um olhar mais profundo e reflexivo referente aos elementos conteudísticos da série.

Quanto à sistematização das questões constantes na entrevista estruturada, destacamos que optamos por sistematizar os dados obtidos em forma de tabelas simples e lógicas para facilitar o entendimento do leitor, uma vez que, este trabalho pode despertar o interesse não somente de pesquisadores como de qualquer tipo de público dado que, as expressões idiomáticas refletem a cultura dos seus usuários.

Quanto mais simples for a tabela ou o quadro, concentrando-se sobre limitado número de ideias, melhor; ficam mais claras, mais objetivas. Quando se têm muitos dados, é preferível utilizar um número maior de tabelas para não reduzir o seu valor interpretativo (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.170).

O professor precisa estar atento às necessidades de seus aprendizes e ao fazer o uso da empatia, o eleva tanto como profissional como ser humano, bem como promove autorreflexões: Estou ensinando como eu gostaria de ser ensinado? E ou ainda: Sou o tipo de profissional que me agradaria em ter como meu professor?

Pois Oliveira (2014) afirma que facilitar a aprendizagem significa contribuir para a criação de uma atmosfera afetiva (emocional e psicológica) positiva na sala de aula. Afinal, um professor irônico, arrogante, impaciente ou mal-humorado faz com que o clima da aula seja tenso, chato, levando os alunos a não sentirem a menor vontade de irem para suas aulas o que se percebe em comentário assim: “Hoje tem aula daquela criatura. Ninguém merece!”. Um professor desse tipo, obviamente, contribui para dificultar o processo de aprendizagem. Já um professor paciente, organizado, bem-humorado e que prepara as aulas contribui positivamente para que a aprendizagem ocorra.

Passando, para tanto, para a questão de número 4 temos: *Qual sentimento você tem em relação as aulas de língua Inglesa? Por quê?* Ao examinarmos as respostas, ficamos muito felizes e satisfeitos com todas as respostas, visto que obtivemos a simpatia e aceitação dos estudantes como podemos conferir na tabela que segue (Tabela 2).

Tabela 2: Respostas da questão 4 dos colaboradores

Código do Aluno	Qual sentimento você tem em relação as aulas de língua Inglesa? Por quê?
Aluno A	<i>Eu sou um aluno que esqueço muito fácil as tarefas, eu me sentia bem e alegre. Porque você era uma pessoa muito carinhosa com os alunos.</i>
Aluno B	<i>É muito importante porque num futuro próximo iremos usar e, me sinto muito bem nas aulas pois são divertidas.</i>
Aluno C	<i>Eu gosto, eu acho muito interessante.</i>
Aluno D	<i>A melhor aula era aquela porque a gente assistia e não precisava escrever tanto, e era mais fácil de entender as coisas.</i>
Aluno E	<i>Eu gosto muito das aulas de inglês porque eu aprendo bastante e penso que no futuro eu vou utilizar muito essas aulas.</i>
Aluno F	<i>Legal porque é uma língua fácil e o tempo passa rápido, as aulas são de qualidade e proveitosa.</i>
Aluno G	<i>Gostava muito, era minha aula preferida.</i>
Aluno H	<i>Eu gostava porque tinha vezes que você fazia umas brincadeiras e ficava bem melhor para aprender.</i>
Aluno I	<i>É diferente, eu não sei explicar, eu me sentia bem nas aulas</i>
Aluno J	<i>Eu gosto bastante das aulas, é uma das minhas aulas preferidas porque eu tenho uma vontade muito grande de aprender um novo idioma.</i>

Aluno K	<i>Gosto bastante, ficava bem feliz, porque eu gosto bastante de inglês.</i>
Aluno L	<i>Eu gosto muito pelo fato de aprender uma outra língua e uma oportunidade pra gente no futuro.</i>
Aluno M	<i>Acho que normal, a gente vai aprendendo um idioma pra gente saí do país.</i>
Aluno N	<i>Pra mim eram minhas aulas preferidas quando a gente estava na escola. Porque eu sempre saía de casa sabendo que tinha aula de inglês, eu...eu ficava interessada porque a senhora mostrava coisas interessantes dos Estados Unidos, como os preços dos carros por exemplo.</i>
Aluno O	<i>Sim eu gostava muito das aulas de inglês, porque você é uma professora muito atenciosa e explicava muito bem, porque se algum dia eu for para os Estados Unidos como a senhora foi, ou para a Inglaterra eu vou precisar falar o idioma deles.</i>

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Aprender é um processo de transformação do indivíduo e, adquirir um novo idioma consiste em ressignificar conceitos antes tidos como verdades. No entanto, a sistematização de estudos de uma nova língua traz perspectivas distintas sobre o que se aprende e que o indivíduo pode ser capaz de desempenhar com essa habilidade.

Partindo para a questão 5 denominada: *Você acha que dominar um outro idioma traz oportunidades melhores?* Trazemos com essa pergunta constituir uma reflexão acerca das conveniências que a apropriação de um outro idioma pode proporcionar ao indivíduo que busca aprimorar seu domínio.

Tabela 3: Respostas da questão 5 dos colaboradores

Código do Aluno	Você acha que dominar um outro idioma traz oportunidades melhores?
Aluno A	<i>Sim se a pessoa se esforçar a aprender novas línguas, ela consegue conversar com outras pessoas.</i>

Aluno B	<i>Aprender outro idioma, por exemplo, uma pessoa que fala outro idioma tem melhores chances de conseguir um emprego, dependendo do emprego.</i>
Aluno C	<i>Sim porque eu acho que em outros países tipo Estados Unidos, você tem mais oportunidades, eu tenho a obrigação de saber inglês, algumas palavras em português eu só saberia a existência delas pelo fato de saber o nome em inglês, como por exemplo as partes do carro, frutas e cores.</i>
Aluno D	<i>Sim porque tem algumas empresas que tipo... exigem que você fale inglês, e para se comunicar e sair do país, essas coisas</i>
Aluno E	<i>Bom... eu acho que sim.</i>
Aluno F	<i>Sim porque nas empresas hoje em dia que tem uma linguagem a mais se sai melhor.</i>
Aluno G	<i>Sim muitas. Meu sonho é aprender mais sobre a língua inglesa.</i>
Aluno H	<i>Acho. Porque se eu tiver em uma concorrência de emprego e eu falar duas línguas eu acho que fico na frente dela.</i>
Aluno I	<i>Sim</i>
Aluno J	<i>Sim, eu acho</i>
Aluno K	<i>Sim, com certeza. Porque eu acho que a gente conhece coisas novas e culturas diferentes.</i>
Aluno L	<i>Eu gosto muito pelo fato de aprender uma outra língua e uma oportunidade pra gente no futuro.</i>
Aluno M	<i>Sim, tanto no trabalho, quanto pra você conversar com uma pessoa do exterior</i>
Aluno N	<i>Acho que sim porque aí você vai ter mais oportunidades de emprego, de poder viajar, de conversar com qualquer um que não fale a mesma língua que você.</i>

Aluno O	<i>Bom... eu acho que sim.... com certeza.</i>
---------	--

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Certamente ouvimos em algum momento da vida alguém se referir ao tempo carregado de nuvens escuras a seguinte frase: “Parece que vai cair um dilúvio” ou “Vai cair um pé d’água daqueles”. Expressões idiomáticas como estas são comuns na língua falada, embora poucos façam o uso consciente destes idiomatismos, muitos os aplicam em suas conversas.

As EI estão, portanto, à nossa volta, enraizadas em nosso dia-a-dia. Fazem parte da linguagem comum de registro informal, encontrando-se na modalidade oral ou escrita. Mas por que há ainda um número reduzido de estudos aprofundados sobre elas? Por que muitas das EI não fazem parte dos nossos dicionários? Por que há tão pouco espaço para elas nas gramáticas? Por que, enfim, são tratadas como um problema marginal na pesquisa linguística ou no ensino/aprendizagem da língua materna e de uma língua estrangeira? (XATARA, 1995, p.195).

Nesse sentido, concordamos com o posicionamento de Xatara, pois as expressões idiomáticas fazem parte do fenômeno linguístico, devendo, portanto, serem objetos de ensino, reflexão, análise e pesquisa, além de poderem constar nos manuais de consulta, como os dicionários e as gramáticas.

Agora vamos partir para a “cereja do bolo”, ou seja, o principal, começaremos as reflexões referentes às expressões idiomáticas contidas nas falas dos personagens da série que estamos trabalhando. Podemos conferir na próxima tabela que, embora a maioria não soube a definição acurada, souberam explicar o seu uso na comunicação, em situações reais da fala.

Tabela 4: Respostas da questão 6 dos colaboradores

Código do Aluno	O que são expressões idiomáticas?
Aluno A	<i>Não sei</i>
Aluno B	<i>Por exemplo algo que a gente falando a gente entende mesmo o sem saber o sentido, a gente usa por exemplo pode usar diariamente.</i>

Aluno C	<i>Você falar uma coisa que é tipo você está com a boca de cheia de sapo, falar sem parar. Falar abobrinhas</i>
Aluno D	<i>Eu lembro que a gente fez aquelas cartas na aula de Português sobre expressões tipo bater as botas, chutar o balde, dar com os burros n'água.</i>
Aluno E	<i>Vixe, agora esqueci, acho que são expressões que temos o uso de falar, tô tentando lembrar, a gente estudou esse ano, mas tô tentando lembrar</i>
Aluno F	<i>É uma forma de abreviar a palavra, tipo bateu as botas é que a pessoa faleceu, uma forma de brincadeira para você falar que você quer tipo uma abreviação...</i>
Aluno G	<i>Vixe eu não lembro não hein. Tem aquela que o fulano bateu as botas.</i>
Aluno H	<i>Eu não lembro.</i>
Aluno I	<i>Tipo bater as botas, não lembro a definição, agora deu branco</i>
Aluno J	<i>É tudo aquilo que a gente usa... é... como que eu posso te explicar, a gente usa tipo pra poder, é representar alguma coisa, tipo aquela pessoa bateu as botas significa que ela morreu né.</i>
Aluno K	<i>Eu acho que que é tipo alguém bateu as botas, quando alguém morreu.</i>
Aluno L	<i>São ai peraí eu esqueci, a gente usa no dia a dia no sentido figurado</i>
Aluno M	<i>Não lembro nada</i>
Aluno N	<i>É o jeito não formal de falar alguma coisa tipo bater as botas quando você quer falar que a pessoa morreu</i>
Aluno O	<i>Não consigo explicar.</i>

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

A língua assim como a sociedade está em constante mudança, e com a mudança veio a tecnologia e o convívio social praticamente impõe ao indivíduo a se atualizar de acordo com as tecnologias disponíveis e que estão ao seu alcance

econômico. Mas notamos com uma certa frequência, pessoas fazendo um investimento relativamente alto em aparelhos celulares com tecnologia de ponta, porém não são capazes de se beneficiar totalmente desse recurso. No entanto, um número significativo de estudantes utiliza as telas de seus *smartphones* para assistirem vídeos, filmes ou seriados.

Tudo muda no universo, e a língua também. A comparação da língua a um rio me faz lembrar o filósofo grego Heráclito, que disse que “ninguém se banha duas vezes no mesmo rio”: na segunda vez, já não é a mesma pessoa, já não é o mesmo rio (BAGNO, 2015, p. 169).

No entendimento do autor acima, somos únicos e cada um possui seu modo peculiar de se comunicar seja em língua materna ou estrangeira. Na questão número 7 *Você acredita ser possível aprender inglês por meio da série?* Também procuramos encorajá-los a devanear quanto a possibilidade do aprendizado da língua inglesa por meio da série Televisiva e as repostas dos alunos/aprendizes estão transcritas na tabela a seguir.

Tabela 5: Respostas da questão 7 dos colaboradores

Código do Aluno	Você acredita ser possível aprender inglês por meio da série?
Aluno A	<i>Sim porque cada série que fala inglês tem embaixo o inglês (se referindo as legendas).</i>
Aluno B	<i>Sim, não aprender completamente, mas como a gente já tinha ouvido e lido a legenda já sabia do que se tratava por causa que quando a série vai falando em inglês, a gente vai lendo a dublagem embaixo porque nas aulas você já viu mais ou menos o que eles falam.</i>
Aluno C	<i>Aprender o idioma na sua totalidade não, mas dá para aprender algumas palavras e expressões</i>
Aluno D	<i>Sim mas a legenda tem ser em inglês e o áudio em Português...</i>
Aluno E	<i>Sim por causa que a gente pode escutar eles falando e ainda ler a legenda</i>

Aluno F	<i>Sim por causa que quando a série vai falando em inglês, a gente vai lendo a dublagem embaixo porque nas aulas você já viu mais ou menos o que eles falam, depois que foi pra prática passando no quadro melhorou o aprendizado.</i>
Aluno G	<i>Sim claro, você olha as palavras lá e você lê e depois traduz, essas coisas.</i>
Aluno H	<i>Dá a gente vai aprendendo algumas palavras e vai absorvendo o inglês devagar</i>
Aluno I	<i>Acho</i>
Aluno J	<i>Sim, facilita bastante</i>
Aluno K	<i>Sim com certeza, eu mesma melhorou bastante o meu Inglês, era dublado e eles falavam em inglês e eu prestava atenção nas palavras, então melhorou bastante meu inglês.</i>
Aluno L	<i>Sim porque você tá ouvindo e tendo contato com o idioma, desenho infantil é melhor, eu gosto mais do espanhol eu assisto mais em espanhol.</i>
Aluno M	<i>Sim eu acho que depende muito da força de vontade da pessoa.</i>
Aluno N	<i>Sim porque você está ouvindo, lendo e aprendendo a todo instante.</i>
Aluno O	<i>Pra quem já é avançado eu acho que sim, mas quem não é eu acho que as aulas normais são melhores.</i>

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

A partir dessas respostas, constatamos que a opinião deles em relação a este questionamento foi que acreditam, cada um a seu modo, ser sim possível aprender não somente a língua inglesa, mas também qualquer outro idioma que esteja disponível em áudio e legenda, como a Aluna L que relata sua preferência pela Língua Espanhola.

Com sua “pegada” didática, a série demonstrou inúmeros elementos pedagógicos dando ênfase a alguns apontamentos de critério moral, como por exemplo valores familiares.

Dando sequência à tabulação das respostas do instrumento de coleta de dados, os informantes demonstraram se sentirem mais à vontade e se preocupando cada vez menos com o seu modo de falar, deixando sua fala fluir naturalmente e respondendo à questão de número 8 que se configura: *Você acha que aprende ou aprendeu algo importante com a série? Se sim, o que por exemplo?*

Tabela 6: Respostas da questão 8 dos colaboradores

Código do Aluno	Você acha que aprende ou aprendeu algo importante com a série? Se sim, o que por exemplo?
Aluno A	<i>Sim. Hum, eu acho que vou lembrar só de uma, que é você nunca fazer as coisas erradas.</i>
Aluno B	<i>Sim aprendi que nem sempre tem final feliz, e que tem parentes que mesmo sendo crianças não são respeitadas em seus direitos.</i>
Aluno C	<i>A importância da leitura</i>
Aluno D	<i>Sinceramente se eu aprendi eu não lembro, mas me lembro que tipo que se eles estão unidos eles conseguem escapar do conde.</i>
Aluno E	<i>Sim, eu aprendi que assim trabalhar em equipe a gente consegue ajudar mais uns aos outros e é bem melhor</i>
Aluno F	<i>Geralmente, eles falavam das partes que eles sofriram, e que na vida não é só alegrias, tem bastante sofrimento também...</i>
Aluno G	<i>Aprendi algumas palavras novas em inglês e português também...</i>
Aluno H	<i>A valorizar nossos pais.</i>
Aluno I	<i>Olha, se eu aprendi eu não me lembro porque faz muito tempo né.</i>
Aluno J	<i>Sim, tipo várias expressões que eles usam, palavras, frases...</i>

Aluno K	<i>Como a leitura é importante em qualquer situação da nossa vida, e como a vida pode ser dura, mas sempre tem o lado bom de tudo.</i>
Aluno L	<i>Sim treinando a leitura, o vocabulário, o som das palavras.</i>
Aluno M	<i>Geralmente, eles falavam das partes que eles sofriam, e que com o conhecimento dos livros venciam as armadilhas do Conde Olaf</i>
Aluno N	<i>Sim principalmente a valorizar a família a se proteger, tipo valores familiares</i>
Aluno O	<i>Bom eu não me recordo dos momentos da série ou algo do tipo, não consigo responder essa pergunta.</i>

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Em relação aos posicionamentos apresentados na tabela acima (Tabela 6), podemos destacar que quase todos inferiram que a série lhes havia possibilitado algum conhecimento, sendo que dois colaboradores (Alunos I e O) mencionaram não se recordarem e outro (Aluno D), apesar de expressar não se recordar de algo, acabou apresentando uma informação.

Além das expressões idiomáticas, o aluno também aprende com os episódios da série a valorizarem suas vidas, a se empoderarem como crianças e adolescentes, a aprenderem valores que são discutidos em outros contextos sociais e culturais, como herança, adoção, audiência jurídica, administração de bens, entre outros.

Quanto à questão seguinte da entrevista (Questão 9), um fato que nos ‘saltou aos olhos’ foi a de que os informantes verbalizaram que a expressão idiomática mais utilizada por eles é ‘bater as botas’, totalizando 100% das respostas. Podemos depreender que esse resultado reflita o que ocorreu (e está ocorrendo) devido ao momento mórbido de pandemia que estamos passando, pessoas próximas dos informantes acabaram falecendo em decorrência de patologias desenvolvidas pela Covid-19.

Ao pesquisarmos a respeito da origem da expressão ‘bater as botas’, de acordo com o sítio eletrônico *soportugues*¹⁴, apuramos que pode ter se originado na primeira

¹⁴ Disponível em: <<https://www.soportugues.com.br/>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

invasão holandesa ao Brasil, ocorrida em 1624, em que os negros, não estando acostumados com os armamentos que lhe foram dados, constantemente tropeçavam nas próprias botas, virando um alvo fácil para os holandeses. Deste modo, os demais negros costumavam se referir aos colegas que morriam em batalha, dizendo que “havia batido as botas”.

Já a expressão equivalente em língua inglesa tem seu significado literal compatível com “chutar o balde” que não possui o mesmo significado em língua portuguesa, uma vez que para nós chutar o balde quer dizer que desistimos de algo, já na cultura norte americana se refere ao ato do suicídio, onde a pessoa subia em um balde de com uma corda em volta do pescoço pendurada em uma árvore ou algo do tipo, e chutava o balde vindo a falecer enforcada.

Pelas expressões idiomáticas que os estudantes têm acesso por meio da série, eles conseguem agregar valores culturais referentes ao seu próprio repertório linguístico, deste modo se sentem empoderados dentro do respectivo modo de se comunicar, ampliam seus conhecimentos acerca da sociedade e da cultura alvo.

No tocante aos aspectos pedagógicos da série, temos a pergunta de número 10 que consiste em: *Você acredita que por meio desta série é possível aprender a respeito de outra disciplina da escola sem ser a língua Inglesa? Se sim, qual ou quais?*

Desventuras em Série se configura numa série um tanto educativa, fazendo alusões literárias, culturais e religiosas, como referências aos autores Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe, George Orwell, e cientistas como Albert Einstein. Outro aspecto interessante é a quantidade de livros: treze, pois esse número é simbólico ao representa azar ou má sorte em determinadas culturas, assim como nos Estados Unidos da América onde os livros foram escritos e a série foi produzida. E precisamente na cidade de Nova Iorque inúmeros edifícios não possuem o 13º andar sendo que, do 12º pulam para o 14º, omitindo e ignorando a existência do número 13.

Culturalmente, os norte-americanos também temem esse número porque uma das explicações se refere à Santa Ceia que numa quinta-feira, Jesus e seus 12 apóstolos (13 pessoas) sentaram-se à mesa para aquela que ficou conhecida como a última refeição. Um dia depois, Jesus foi crucificado e assim o estigma do número estava posto para os cristãos. Até hoje, o 13 é associado pelos mais fervorosos ao paganismo e a coisas ruins e também relacionado a Judas que traiu Jesus Cristo o 13º apóstolo.

No caso, apenas um colaborador (Aluno I) verbalizou de forma negativa, e a maioria destacou afirmativamente, e declarou aprenderem pelo menos uma disciplina, além da língua inglesa como podemos observar na TABELA 7.

Tabela 7: Respostas da questão 10 dos colaboradores

Código do Aluno	Você acredita que por meio desta série é possível aprender a respeito de outra disciplina da escola sem ser a língua Inglesa? Se sim, qual ou quais?
Aluno A	<i>Tem uma parte que dá pra ser feito na aula de matemática...</i>
Aluno B	<i>Sim por exemplo tem uma parte que fala sobre biologia, e sobre os animais.</i>
Aluno C	<i>Sim, física e mecânica, quando a Violet coloca a fita no cabelo e cria as invenções</i>
Aluno D	<i>Ai acho que sim, a história dos livros, matemática que envolve engenharia.</i>
Aluno E	<i>Acho que eles falavam muito de leitura, de invenções científicas.</i>
Aluno F	<i>Acredito que aprendi ciências, biologia.</i>
Aluno G	<i>Sim, português por causa da legenda.</i>
Aluno H	<i>Um pouco de cada disciplina</i>
Aluno I	<i>Não me lembro.</i>
Aluno J	<i>Sim, o português, porque a gente lê legendado e dá pra ter uma base escrita do português.</i>
Aluno K	<i>Sim, ciências, gastronomia, literatura.</i>
Aluno L	<i>Treina bastante a leitura, e o vocabulário, aprendo palavras novas.</i>
Aluno M	<i>Sim, a língua portuguesa</i>
Aluno N	<i>Eles falavam muito de leitura e de invenções científicas</i>
Aluno O	<i>Leitura em português, por causa da legenda</i>

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

No entendimento de Oliveira (2014, p. 25) o professor precisa ter o cuidado de não subestimar os aprendizes de inglês. E subestimar os alunos significa não levar em conta os conhecimentos que eles contribuíram ao longo de suas vidas e que levam para a sala de aula, os quais incluem conhecimentos linguísticos e textuais, provenientes do seu aprendizado da língua portuguesa de outras disciplinas na escola, e conhecimentos enciclopédicos ou conhecimentos de mundo, provenientes de suas experiências pessoais ao longo da vida e da exposição que circula na internet, constituindo assim a sua concepção de cultura.

No tocante aos aspectos culturais nosso trabalho vem ao encontro dessa temática com as expressões idiomáticas e, dando sequência a ideia do autor acima temos a questão de número 11: *Em relação aos aspectos culturais, o que você conseguiu observar? O que te chamou a atenção sobre a cultura do povo Norte Americano?*

Tabela 8: Respostas da questão 11 dos colaboradores

Código do Aluno	Em relação aos aspectos culturais, o que você conseguiu observar? O que te chamou a atenção sobre a cultura do povo Norte Americano?
Aluno A	<i>Nada</i>
Aluno B	<i>As roupas são bem diferentes da nossa, e os horários e alimentação principalmente o jantar, as comidas são diferentes.</i>
Aluno C	<i>O estilo da roupa, roupas mais antigas, muito serias</i>
Aluno D	<i>Ter banheira no banheiro, eles comem as coisas com a mão, por exemplo a pizza.</i>
Aluno E	<i>É uma cultura interessante quando a mulher que é tia Josefina aparece, eles mostram pessoas de várias culturas diferentes.</i>
Aluno F	<i>As comidas são diferentes das nossas.</i>
Aluno G	<i>As casas sem muro ou cerca.</i>

Aluno H	<i>Eles têm um costume de levar pratos para novos vizinhos.</i>
Aluno I	<i>As comidas.</i>
Aluno J	<i>Eles, a cultura deles? Deixa eu lembrar aqui, é eles o habito alimentar deles é... eles... como é que eu posso explicar...deixa eu tentar lembrar aqui... não lembro..</i>
Aluno K	<i>A vestimenta deles é bem diferente, nos lembra o passado.</i>
Aluno L	<i>A forma de se vestir, roupas pesadas..</i>
Aluno M	<i>O clima</i>
Aluno N	<i>As casas não tem muro</i>
Aluno O	<i>No filme eu não me recordo mas nas explicações que a senhora dava nas aulas, eu me recordo dos hábitos de higiene como tomar banho, no inverno os norte-americanos não tomam banho todo dia.</i>

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Nas repostas da tabela acima (Tabela 8), novamente apenas um informante (Aluno A) respondeu que não se lembra de nada, já todos os outros pontuaram aspectos da cultura, revelando recordarem-se de algo ao darem um destaque aos hábitos alimentares, seguidos das vestimentas e das moradias, as quais, segundo alguns colaboradores, não tem muros, ou cercas.

Também o fato ressaltado pelo Aluno O, ao inferir que se lembra de determinados hábitos culturais, dando ênfase aos norte-americanos que não tomam banho diariamente, em períodos do inverno. Trata-se de aspectos sociais e culturais comuns em países como Estados Unidos, Canadá, Alemanha e Japão — o que para aprendizes brasileiros pode causar/representar estranhamento.

Quanto as respostas mais recorrentes, elas “deram pano para a manga” nas interações e discussões em sala de aula, ou seja, estes e outros aspectos culturais que foram abordados discretamente nos capítulos da série, como pontualidade e horários para se iniciar e finalizar eventos, foram bem explorados, explanados e

comparados pelos estudantes em 2018 e 2019, quando estávamos em aulas presenciais.

Concernente à indagação se algum fato social apresentado na Série havia saltado aos olhos deles, houve a necessidade de explicar esta expressão “saltar aos olhos”, correspondendo a chamar a atenção, ou deixar inquieto. Nesse momento, vale ressaltar que foi expressiva a quantidade de alunos/colaboradores que se referiram a algum comportamento negativo do personagem Conde Olaf, demonstrando que eles diferenciam comportamentos considerados “normais” e aceitos pela sociedade, quanto comportamentos que não são toleráveis facilmente.

Tabela 9: Respostas da questão 12 dos colaboradores

Código do Aluno	Algum fato social apresentado na série te saltou aos olhos?
Aluno A	<i>Não sei responder</i>
Aluno B	<i>O casamento do conde Olaf com a Violet.</i>
Aluno C	<i>O comportamento tóxico do Conde Olaf, muito psicopata.</i>
Aluno D	<i>Não me lembro de ver eles se desculpando por algo</i>
Aluno E	<i>Na escola deles que eles pagaram a comida e aqui não pagamos a comida.</i>
Aluno F	<i>Não lembro</i>
Aluno G	<i>Os irmãos ajudarem o conde Olaf mesmo fazendo tantas maldades.</i>
Aluno H	<i>A casa do Conde Olaf, a pessoa que estava com a tutela dos órfãos deixar eles numa casa imunda.</i>
Aluno I	<i>Fato social? Não</i>
Aluno J	<i>Hum, é... quando eles tinham que fazer tipo alguma coisa tipo uma invenção, a Violet e o Klaus trabalhavam juntos</i>
Aluno K	<i>O casamento do Conde Olaf com Violet achei muito estranho e triste.</i>
Aluno L	<i>O conde se vestia a moda antiga.</i>

Aluno M	<i>O conde aprisionava os órfãos.</i>
Aluno N	<i>Acho que tipo, eles sempre estavam em casa de pessoas diferentes, as casas eram todas diferentes, a casa que mais me chamou atenção foi a do Conde Olaf porque ela era muito nojenta.</i>
Aluno O	<i>Fato eu não lembro</i>

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Viver em sociedade implica conviver com outros, pacificamente de preferência, e para que isso ocorra, carecemos de nos comunicar, transmitir nossos anseios e necessidades, nos comportar de acordo com o ambiente, vivemos sob regras comportamentais e culturais assim como os personagens presentes na obra fictícia.

Ficção a parte, a dura realidade nos mostra um fato incontestável: é impossível a transferência de conhecimentos de uma pessoa para outra pessoa. Evidência cabal disso é o fato de um professor ter muitos alunos numa mesma aula e esses alunos aprenderem em graus diferentes ou simplesmente não aprendem nada a partir do que o professor abordou na aula. Alguns poderiam se sentir tentados a rebater essa evidência colocando a culpa no professor, atribuindo-lhe incompetência ou falta de conhecimento, argumento que é facilmente derrubado: mesmo que se trate de um professor competente, ou seja, com muitos conhecimentos específicos e didáticos e com muitas habilidades para dar aulas maravilhosas, seus alunos aprenderão em graus distintos. Isso é indiscutível e irrefutável (OLIVEIRA, 2014, p. 24).

Na questão número 13 onde respectivamente temos: *Referente à fala dos personagens, você considera que o modo de falar de um personagem seja de mais fácil compreensão que outro?* Temos a maioria considerando a fala da personagem Violet de mais fácil compreensão com quatro informantes se referindo a ela, e depois a personagem da juíza Strauss com três informantes que compartilham da mesma opinião.

Tabela 10: Respostas da questão 13 dos colaboradores

Código do Aluno	Referente à fala dos personagens, você considera que o modo de falar de um personagem seja de mais fácil compreensão que outro?
------------------------	--

Aluno A	<i>Sim mas não lembro quem.</i>
Aluno B	<i>O capanga do Olaf de mãos de gancho.</i>
Aluno C	<i>A juíza Strauss</i>
Aluno D	<i>Acho que foi aquelas duas velhinhas as irmãs gêmeas.</i>
Aluno E	<i>Sim a fala da Violet é mais fácil de entender do que a do Klaus e da Sunny na segunda temporada dá para entender melhor.</i>
Aluno F	<i>Os irmãos Klaus e Violet dá para entender bem.</i>
Aluno G	<i>Eu acho que eu entendia melhor a Violet</i>
Aluno H	<i>As crianças falam palavras mais fáceis, principalmente a Violet.</i>
Aluno I	<i>Acho que sim, o Conde Olaf era de mais fácil compreensão</i>
Aluno J	<i>Sim o Senhor Poe, não falava tão certo no tom certo</i>
Aluno K	<i>A juíza Strauss</i>
Aluno L	<i>Sim em episódios diferentes, em momentos de surpresa que a pessoa fala mais devagar.</i>
Aluno M	<i>Sim a Violet e o Conde.</i>
Aluno N	<i>Eu consegui compreender a fala normal de cada um.</i>
Aluno O	<i>Eu acho que a Juíza Strauss</i>

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Conforme os dados acima apresentados na Tabela 10, apuramos que 9 dos 15 participantes consideram a fala de personagens femininos mais fácil se serem compreendidas, que incluem a irmã mais velha dos Baudelaires chamada Violet, a juíza Strauss e as irmãs gêmeas que cooperam com os impiedosos planos do Conde Olaf em razão da sua ganância em afanar a fortuna dos órfãos.

Esses resultados podem revelar uma realidade dos colaboradores deste estudo, uma vez que, uma parte significativa dos nossos colaboradores convivem apenas com suas mães e/ou avós. Sendo que na escola, a maioria dos profissionais da educação com os quais os alunos têm contato diário são do sexo feminino, fato que pode justificar o entendimento deles referente a fala dos personagens femininos da série.

Na penúltima pergunta da entrevista, temos a pergunta 14 que consiste em: *Qual personagem você considera que apresentou uma linguagem de maior grau de complexidade, ou seja, que você encontrou dificuldade em compreendê-lo(a)?*

Apresentamos o oposto da pergunta número 13, e obtivemos respostas surpreendentes o que evidencia a opinião de Oliveira (2014) referente ao grau de compreensão dos estudantes, pois apresentamos o mesmo conteúdo para todos e cada um demonstrou uma compreensão distinta, como podemos conferir na tabela a seguir:

Tabela 11: Respostas da questão 14 dos colaboradores

Código do Aluno	Qual personagem você considera que apresentou uma linguagem de maior grau de complexidade, ou seja, que você encontrou dificuldade em compreendê-lo(a)?
Aluno A	<i>A bebezinha Sunny.</i>
Aluno B	<i>O Narrador Lemony Snicket.</i>
Aluno C	<i>O senhor Poe, por causa da tosse, e o conde Olaf quando imitava sotaque.</i>
Aluno D	<i>Acho que o Senhor Poe falava mais rápido e por causa da tosse.</i>
Aluno E	<i>Klaus.</i>
Aluno F	<i>O Conde Olaf.</i>
Aluno G	<i>Klaus falava difícil.</i>
Aluno H	<i>O conde Olaf tenta complicar a linguagem, mas as crianças acabam corrigindo ele.</i>
Aluno I	<i>O irmãozinho do meio o Klaus</i>
Aluno J	<i>O Olaf, o conde Olaf porque ele falava de uma forma que não conseguia entender muito.</i>
Aluno K	<i>Klaus</i>
Aluno L	<i>O Conde</i>
Aluno M	<i>A mulher e o bebê</i>
Aluno N	<i>Eu acho que o narrador (Lemony Snicket) falava muito rápido, que isso significa isso, eu ficava meio perdida porque sou um pouco lerda</i>

Aluno O	<i>Ai prof eu não sei hein, mas acho que o Conde Olaf</i>
---------	---

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Conferimos na tabela anterior (Tabela11) que, seis participantes consideram a fala do personagem Conde Olaf de mais difícil compreensão que de outros personagens. Nos capítulos vistos e trabalhos em aula de inglês, este personagem fazia o uso da hipercorreção tentando fazer com que sua fala parecesse formal. Contudo, sua tentativa era sempre interrompida por um dos irmãos Baudelaires que o corrigiam e explicavam o uso correto que algum termo que frequentemente eram sonoramente parecidos, mas semanticamente distintos, que o Conde Olaf utilizava e isso o irritava.

Concomitantemente Tarallo e Alkimin (1987) definem hipercorreção como a tendência de informantes de um determinado grupo usarem incorretamente formas que julgam típicas e marcadoras do grupo superior culto, o grupo de prestígio na comunidade.

Os irmãos órfãos Baudelaires são herdeiros de uma enorme fortuna, e o Conde Olaf um ator falido que, claramente passa por uma delicada crise financeira, além de ser ganancioso e apresentar características maniqueístas, reconhece que a linguagem tem o poder de promover o indivíduo e que a variação mais prestigiada é muito parecida com forma que os irmãos Klaus e Violet Baudelaire utilizam.

Dessa fora, em várias tentativas frustradas o Conde Olaf tenta empregar palavras e termos rebuscados em sua fala, porém é corrigido ou interrompido por um dos irmãos, fato que nos leva a uma reflexão linguística.

A Sociolinguística Educacional defende os diversos modos de falar, deste modo não carecemos de corrigir nosso próximo, e sim mostrar que assim como vestimos trajes de acordo com o evento temos de adequar e ou adaptar nossa linguagem de acordo com a situação e expor o tipo de linguagem mais prestigiada pela sociedade.

No entanto, ainda referente a questão 14, temos em segundo lugar no quesito dificuldade de compreensão, pois que a fala do personagem Klaus Baudelaire utiliza a norma padrão, eleita como a norma de prestígio pela maioria que compõem a sociedade. Nesse sentido, notamos um certo desconforto por 4 colaboradores e, se tivéssemos tido a oportunidade de entrevistar mais alunos, acreditamos que este número poderia ser mais significativo, pois devido ao notável hábito de leitura

apresentado durante toda a série pelo personagem Klaus, sua fala se manifestou rebuscada em expressivos momentos da série, de certa forma, dificultando o entendimento do alunado.

Todavia, essa forma de falar do personagem Klaus possibilitou a exploração de novas possibilidades de aplicação desses termos elaborados em suas falas dentro e fora do âmbito escolar.

No mundo atual devemos encarar a realidade que, de modo geral, não é um “mar de rosas” para a maioria dos seres humanos, particularmente para uma parcela significativa dos alunos de escolas como a nossa, periférica que atende os bairros que margeiam nosso município. E este seriado televisivo trouxe uma perspectiva divergente sobre diversos assuntos, singularmente sobre as dificuldades de ser órfão, e os irmãos Baudelaires conseguem superar as mais inimagináveis situações de conflito com sabedoria, paciência e calma, provavelmente adquiridas por meio das leituras.

Isso pois que, em vários momentos, ficava subentendido que a personagem Violet também realizava leituras importantes devido ao seu grau de entendimento com invenções mecânicas e também se notou que por vezes apenas não fazer nada para piorar a situação era o melhor a ser feito.

Para os aprendizes de língua inglesa, as falas das personagens do sexo feminino são mais fáceis de serem compreendidas; em contrapartida, os falantes do sexo masculino tendem a complexificar sua maneira de se expor, dificultando a compreensão dos alunos que assistiram a esta série.

Novamente, isso evidencia que os fatores extralinguísticos não estão dissociados dos elementos linguísticos, revelando que a língua e a sociedade estão ligadas intrinsecamente, conforme postulados sociolinguísticos.

Portanto, tornou-se possível aprender não somente conteúdos didáticos, mas exemplos de ocorrências conflituosas que podemos tirar vasta serventia para experiências futuras, visto que os informantes relataram indicar esta série para pessoas que estimam ou que julguem se interessarem por esta temática.

Ao finalizar o roteiro de perguntas, consta questão de número 15: *Você indicaria esta série para algum amigo ou professor?* E 100% dos informantes relataram o desejo de indicarem esta série para amigos, familiares e professores de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências, e ainda declararam que a série é boa e interessante, assim conferimos logo na Tabela 12.

Tabela 12: Respostas da questão 15 dos colaboradores

Código do Aluno	Você indicaria esta série para algum amigo ou professor?
Aluno A	<i>Sim eu indicaria para a minha prima porque ela gosta muito de filmes, porque ela é uma série que você pode aprender muitas coisas, e tem lugar que eles fazem coisas boas e outras coisas ruins.</i>
Aluno B	<i>Sim recomendo para todo mundo, alunos, meus pais, professores de outras línguas.</i>
Aluno C	<i>Não sei se meus amigos gostam deste tipo de série, mas dependendo da pessoa indicaria sim.</i>
Aluno D	<i>Sim para a professora de Português porque ela gosta muito de ler e ela me faz lembrar do personagem Klaus.</i>
Aluno E	<i>Indicaria sim para uma amiga minha e para uma professora minha da Isoldi (escola especializada em atender alunos surdos, cegos e baixa visão)</i>
Aluno F	<i>Indicaria sim para todos que me perguntarem de uma série boa e interessante.</i>
Aluno G	<i>Várias pessoas essa série é muito boa, muito maravilhosa.</i>
Aluno H	<i>Indicaria sim por ela ser uma história triste.</i>
Aluno I	<i>Sim para qualquer um porque compensa assistir, é diferente.</i>
Aluno J	<i>Sim</i>
Aluno K	<i>Sim com certeza para a minha irmã porque ela é inteligente e ela conseguiria entender.</i>
Aluno L	<i>Sim para todos que desejam aprender uma segunda língua.</i>
Aluno M	<i>Sim, para uma amiga.</i>
Aluno N	<i>Sim eu indiquei para a minha prima e ela está assistindo e está gostando.</i>

Aluno O	<i>Pra mim mesma, porque se a senhora está fazendo uma pesquisa sobre ela, então deve ser muito boa, como eu faltava muito por causa de problemas de saúde, eu não me lembro de muitos detalhe.</i>
---------	---

Fonte: Dados elaborados pela autora (2021).

Considerando os dados apresentados e discutidos, vale inferir que ao pesquisar e desenvolver este estudo significativo, ensinamos e aprendemos simultaneamente, sobretudo, o que são as dúvidas e os questionamentos que nos movem e nos incentivam a buscar o conhecimento e a compreender o objeto investigado. Para tanto, a partir das respostas transcritas, descritas e interpretadas, nos esforçamos para responder satisfatoriamente as três questões norteadoras deste estudo.

Em relação à primeira pergunta, que infere acerca da origem das expressões idiomáticas presentes na série investigada, e a tradução literal e/ou sua equivalência em língua materna, temos como entendimento que, no momento das aulas em 2019 com os participantes deste estudo, nas interações com grupo de *WhatsApp* averiguamos a origem das expressões, sua tradução literal, e os próprios informantes nos forneceram a tradução equivalente em língua materna. Portanto podemos inferir que este questionamento nos serviu de norte e trouxe resultados satisfatórios.

No tocante a nossa segunda questão: Em que medida é possível flexionar o verbo ou alterar o gênero de tais expressões idiomáticas e permitir que sejam transformadas sem que elas percam sua essência semântica? Conferimos que os informantes não exprimiram sentimentos de simpatia por este assunto, portanto não foi possível nos aprofundar satisfatoriamente neste quesito. Mas podemos retomar este assunto num momento futuro e nos empenharmos com mais dedicação a esta questão.

Porém, ao nos reportarmos à terceira questão orientadora, acerca dos aspectos sociais e culturais veiculados pela série, os entrevistados apresentaram um significativo grau de interesse no seu uso durante o ato da fala. Isso foi algo perceptível ocorrido durante as entrevistas, inclusive com os responsáveis pelos menores que, ao informarmos o propósito da pesquisa, notamos que em suas falas fizeram o uso de algumas expressões idiomáticas em que um deles afirmou, de um

modo bem-humorado e amistoso, que seu filho era “puxa saco” da professora pesquisadora, pelo fato de gostar muito das aulas de língua inglesa.

Em um dado momento de outra entrevista, outro responsável também empregou uma expressão idiomática em sua fala para não repararmos a bagunça na casa, porque a casa ainda não havia sido limpa e organizada e estava uma “zona”, expressão popular para se referir a qualquer lugar ou situação que não está em ordem.

No que concerne aos elementos sociais e culturais identificados e apreendidos nas expressões idiomáticas estudadas pelos participantes desta pesquisa, destacamos o uso inconsciente de expressões idiomáticas na sua comunicação, e inúmeras vezes empregando a sua criatividade e elaborando suas próprias expressões idiomáticas de acordo com a situação vivenciada pois, cada falante possui sentimento em relação a sua língua e ela se renova por cada um que a utiliza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é algo que flui naturalmente, sem as amarras da gramática normativa, é impraticável um indivíduo se comunicar espontaneamente aplicando regras gramaticais da sua língua materna ou a segunda língua.

Recordo-me de uma situação que vivi nos anos 2000/2001, com um certo grau de constrangimento, ocorrida nos Estados Unidos da América, quando participei de um intercâmbio cultural. Na escola, quando um colega estadunidense perguntava meu nome ou a minha idade, a minha resposta em língua inglesa era completa o que correspondia a: “O meu nome é Daniele Angélica Borges Foletto e eu tenho dezessete anos de idade” falando pausadamente com todas as letras, e isso causava estranheza e risos em quem ouvia, pois soava artificial ou robótico, pronunciar todas as sílabas, letras e sons, assim como são escritas.

Foi a partir da vivência e recebendo dicas de um amigo estadunidense que fui encurtando as respostas e as perguntas, pois assim soavam mais naturais. A partir dessa vivência comecei a me desprender da gramática tradicional veiculada nos livros didáticos quando adquiria a língua inglesa e iniciei um processo de aculturação da língua, fazendo o uso dela conforme a situação sociocomunicativa e cultural demandava.

Com os colegas, comecei a utilizar algumas gírias e a não pronunciar as palavras conforme a gramática, todavia com os professores, me esforçava para utilizar a norma padrão de um modo mais espontâneo.

A partir desta experiência pude aprimorar as aulas de língua inglesa, ensinando a gramática e a adaptando aos momentos de comunicação empregando os conceitos da Sociolinguística no ato da fala. Instruindo os estudantes quanto aos vários e distintos modos de falar, valorizando cada um e adequando sua comunicação para uma diversidade de situações.

Após concluir as análises e apurar as respostas dos nossos informantes (aprendizes-usuários da língua inglesa) constatamos que a escolha pelo objeto do estudo foi fortunosa, pois os participantes demonstraram interesse e estima pelo tema decorrido. Podemos inferir que isso se deve ao empenho da orientadora deste estudo que, desde o início não mediu esforços para que esta pesquisa acontecesse.

Considerando o exposto, entre os objetivos que conduziram esta pesquisa, podemos concluir quanto ao objetivo geral que algumas expressões idiomáticas do inglês veiculadas em séries televisivas são capazes de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa.

Ao mesmo tempo, as variações linguísticas e culturais estão presentes na fala dos informantes que fizeram parte da pesquisa, assim como na fala de outros alunos que não participaram das entrevistas por algum tipo de receio desconhecido. Isso foi verificado, por exemplo nas conversas informais que aconteceram durante as aulas de língua inglesa com a referida turma em 2019, já que os estudantes se comunicavam utilizando algumas expressões e esses informantes participantes interagiram e dialogavam livremente com os alunos que preferiram não colaborar diretamente nas entrevistas.

Em referência aos objetivos específicos foi possível notar que a fala e a cultura são elementos que caminham lado a lado na comunicação dos informantes, e que os mesmos se surpreenderam com alguns aspectos culturais e sociais presentes na série *Desventuras em Série* tais como o fato do jantar dos personagens acontecer antes do anoitecer; os tipos de comida serem diferentes do que estão habituados em seus lares; as vestimentas devido ao fator climático; e o horário da escola, apenas para mencionar algumas.

Cabe ao profissional de línguas refletir e conduzir discussões sobre essas particularidades culturais com sabedoria e imparcialidade, para que assim, o próprio estudante faça a sua reflexão acerca destas práticas linguísticas e sociais.

Conforme Schmidt (2017) pontua que:

Finalmente enfatizo a importância da função social do profissional de línguas, no sentido de não ignorar as diferenças culturais que são inerentes ao ensino e aprendizagem de língua estrangeira, a fim de não incorrer ao erro de julgar determinado hábito cultural como inadequado ou errado, pois as práticas linguísticas e culturais são providas de significados, os quais são construídos pelos seus falantes e podem ser apreendidos pelos demais (SCHMIDT, 2017, p. 21).

Desde o início da minha carreira como profissional da educação e professora de língua inglesa, mesmo sem conhecer profundamente o conceito da Sociolinguística Educacional, aconteciam momentos nas aulas de língua inglesa que a Sociolinguística estava presente. Momentos nos quais se fazia necessário colocar a língua em prática. O aluno por sua vez se sentia intimidado tanto por

pronunciar um idioma que lhe era desconhecido, como pelo fato de ser vítima de gracejos de outros colegas da sala de aula.

E eram nestas ocasiões que com cautela tentava demonstrar para a turma que existem várias formas de se pronunciar a língua inglesa, e que o importante era a comunicação, que o outro entendesse o que havia sido dito. E desta maneira, o preconceito e malquerer em relação ao aprendizado de uma segunda língua diminuía gradativamente.

Podemos nos considerar afortunados em relação à escolha do tema da pesquisa e os objetivos a serem alcançados, visto que obtivemos resultados positivos referentes aos mesmos, apesar dos obstáculos confrontados no decorrer do trabalho em razão da Pandemia do novo Coronavírus, principalmente.

Porém, foi perceptível pelas respostas dos participantes-alunos que as traduções literais das expressões idiomáticas em língua inglesa despertaram o interesse de buscarem mais conhecimento referente ao tema. Inclusive houve uma informante que relatou o desejo de sugerir para a professora de Língua Portuguesa que trabalhasse essa temática de modo mais profundo com a turma, a fim de fazerem novas descobertas.

Com um olhar mais técnico, os informantes foram capazes de identificar expressões idiomáticas empregadas nas suas falas com seus pares e distinguirem quais são mais utilizadas pelas pessoas que os cercam, ainda reconheceram que as expressões idiomáticas simbolizam a cultura linguística de um povo.

Depreendemos, por fim que nada está concluído, nossa língua é viva e dinâmica, assim como os falantes que a utilizam, pois vamos evoluindo à medida que desenvolvemos a nossa comunicação com nossos interlocutores. Portanto, como podemos (ainda) questionar se a Sociolinguística está presente em todos os ambientes onde há comunicação e se é possível haver comunicação sem a presença dos elementos sociolinguísticos?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José C. P. Língua além de cultura ou além da cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade. In: CUNHA, M. J. C.; SANTOS, P. **Tópicos em Português Língua Estrangeira**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 209-215.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 38 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2015.

BERUTTO, Gaetano (1979). **La sociolinguística**. México, Editorial Nueva Imagem.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães *et.al.* Campinas: Pontes, 1989.

BICUDO, Joaquim de Campos. **O ensino secundário no Brasil e sua atual legislação** (de 1931 a 1941). São Paulo: Associação dos Inspetores Federais de Ensino Secundário de São Paulo, 1942.

BORTONI-RICARDO. S. M. **Educação em Língua Materna**: A Sociolinguística na Sala de Aula. São Paulo, SP: Parábola, 2004.

_____. **Nos chegemos na escola, e agora?**: Sociolinguística e Educação. São Paulo, SP: Parábola, 2005.

_____. **O professor pesquisador** – Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

_____. **A linguística na escola**. In: Cuiabá, 2004. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/56ra/banco_conf_simp/textos/StellaRicardo.html>. Acesso em: 14 jan. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Pierre Bourdieu/ Maria Alice Nogueira e Afranio Catani (organizadores). 16. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. – (Ciências Sociais da Educação) 4ª reimpressão, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2019. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC EI EF 110518_versaofinal_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 05 maio 2020.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**. Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CONHEÇA OS IDIOMAS MAIS COBRADOS NO MERCADO DE TRABALHO. In: **CONHEÇA OS IDIOMAS MAIS COBRADOS NO MERCADO DE TRABALHO**. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://estudante.org.br/blog/08-06-2018-12-06-1528471554/conheca-os-idiomas-mais-cobrados-no-mercado-de-trabalho>.

Acesso em: 09 fev. 2020.

CRISTOVÃO, Vera L. Lopes; GAMERO, Raquel. **Brincar aprendendo ou aprender brincando?** O inglês na infância. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, 48(2):229-245, jul./dez. 2009.

CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça; OLIVEIRA, Luís Carlos de. **A reeducação sociolinguística na sala de aula**. *Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery* <http://re.granbery.edu.br> - ISSN 1981 0377 Curso de Pedagogia - N. 16, JAN/JUL 2014.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos Digitais**. Tradução Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FELIX, U. **Virtual language learning**. Melbourne; Language Australia, 1998.

FERREIRA, J. S. A. B.; RÖRHMANN, K. As Famílias Pluriparentais ou Mosaicos. **Web Revista do Direito Privado** v. 1, n. 1, 2008. p. 2-3.

GILSTER, Paul. **Digital Literacy**. New York: Wiley, 1997.

GUMPERZ, J. J. **On the ethnology of linguistic change**. The Hague: Mouton, 1966.

HOGETOP, Monica. **As Expressões Idiomáticas nos Livros Didáticos de LE/LA Top Notch 2 e Smart Choice 2a e Interculturalidade: uma discussão a partir da Perspectiva Cognitivista e da Perspectiva Sociocultural**. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2018.

IRUJO, S. **A piece of cake**: learning and teaching idioms, *ELT journal*, v. 40 n. 3, 1986. p. 236-242.

_____. **Don't put your leg in your mouth**: Transfer in the acquisition of idioms in a second language - *Tesol Quarterly* – Wiley Online Library., 1986.

JACOBS, Michael A. **Como não aprender Inglês**. 8. ed. São Paulo: Disal Editora, 2001.

_____. **Como não Aprender Inglês**. São Paulo: MAJ Livros, 2001. Vol II.

_____. **Tirando dúvidas de Inglês**. São Paulo: MAJ Livros, 2003.

JESUS, Renildo Machado de; DOMINGUES, Sandra. Pesquisa em Educação. **Poiésis: Revista Científica em Educação**. Unisul, SC, v. 1/2, n. 2/3, p. 113-117, jul./jun. 1999/2000.

JORDÃO, C. M. **Abordagem comunicativa, pedagogia crítica e letramento crítico–farinhas do mesmo saco?** Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

KNIJNIK, Gelza et AL. **A Educação em Tempos de Globalização.** Porto Alegre: 1996.

KOVALEK, O. **Estudos (inter)culturais em cadernos da língua inglesa da rede pública do estado de São Paulo.** Dissertação de Mestrado (UFSCar), São Carlos, SP: UFSCar, 2013.

LABOV, W. (1972). **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

LIMA, Denilso de. **Como começou o ensino de inglês no Brasil?** Inglês na Ponta da Língua, 2017. Disponível em:
<<https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2017/03/como-comecou-o-ensino-de-ingles-no-brasil.html>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem:** um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACEDO-KARIM, Jocineide. **A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT.** Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2004.

_____. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT:** aspectos linguísticos e culturais. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

MARCONI, M.D. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENDES, E.O. **O português como língua de mediação cultural:** por uma formação intercultural de professores e alunos de PLE. In: MENDES, E. (Org.) **Diálogos Interculturais:** ensino e formação em português língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p 139-158.

MICHELON, D. A motivação na aprendizagem da língua inglesa. **Revista Língua e Literatura.** v. 5, n. 8 e 9, 2003. Disponível em:
<<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/33/65>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

MINAYO, M. C. S.; et al. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1994.

MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MOTA, M. Consciência morfológica, aspectos cognitivos da linguagem e reconhecimento de palavras. **Interação em Psicologia,** v. 15, n. 1, 2011. p. 21-26.

OLIVEIRA, L. A. **Métodos de ensino de Inglês: teorias, práticas, ideologias/** Luciano Amaral Oliveira. 1. ed., São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2014.

PAIVA, E.V. **A formação do professor crítico reflexivo.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas.** São Paulo: T.A Queiroz: Edusp. 1984.

RICHARDS, J. C. **The role of Vocabulary Teaching.** *Tesol Quarterly*, v. 10, n. 1, mar., 1976.

ROSA, L. A.; SCHMIDT, C.; SOUZA, A. C. S. Desafiando a norma culta. **Web Revista SOCIODIALETO**, v. 8, n. 24, 2018. p. 53-64.

SAMPAIO, André. **Revista África e Africanidades** – Ano 2 - n. 7 - novembro 2009 - ISSN 1983-2354 Especial - Afro-Brasileiros: Construindo e Reconstruindo os Rumos da História.

SANTAELLA, Lucia. Pós-humano – por quê? **Revista USP**, São Paulo, n. 74, p. 126-127, 2007.

SCHMIDT, Cristiane. **O livro didático de língua alemã no contexto de formação de professores no Brasil.** Curitiba: Appris, 2017.

SCHMITT, N. **Vocabulary in Language Teaching.** Cambridge University Press. 2000.

_____. Current Perspectives on Vocabulary Teaching and Learning. *In: CUMMINGS, J.; DAVISON, C.; The International Handbook of English.* Chapter 50, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA JÚNIOR, José Henrique. O Uso da Tecnologia no Ensino de Língua Estrangeira. **História do Ensino de Línguas no Brasil**, Brasília, n.6, 2012. Disponível em: <<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-6-no-6-12012/198-o-uso-da-tecnologia-no-ensino-de-lingua-estrangeira>>. Acesso em: 04 ago. 2020.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81, 2002.

_____. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social.** São Paulo: Atica. 7ª ed. 1989.

TARALLO, Fernando; ALKIMIN, Tania. **Falares Crioulos: línguas em contato.** São Paulo: Editora Ática, 1987.

XATARA, Cláudia M. **Tipologia das Expressões Idiomáticas.** Alfa, São Paulo, v.39, p. 195-210, 1995.

_____. **O Resgate das Expressões Idiomáticas.** Alfa, São Paulo, v. 42, p. 169-176, 1998.

_____. **O ensino do léxico:** as expressões idiomáticas. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 37, Campinas, p. 49-59, jan./jun., 2001. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639325>.

YORIO, C. A. **Conventionalized language forms and the development of communicative competence.** TESOL Quarterly, 14, 1980. p. 433-442.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM CONTEXTO DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Pesquisador: DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 37197920.5.0000.5166

Instituição Proponente: UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.355.623

Apresentação do Projeto:

O objetivo desta pesquisa está pautado em investigar se e, em que proporções, as/algumas expressões idiomáticas da língua inglesa veiculadas em séries televisivas, podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem do idioma, bem como as suas variações linguísticas e culturais em uma escola pública do município de Tangará da Serra, no estado de MT. Analisaremos aspectos culturais e sociais inerentes em expressões idiomáticas da língua inglesa presentes na série "Desventuras em Série", buscaremos compreender as traduções literais de expressões inglesas e respectivas traduções, verificaremos a utilização de expressões idiomáticas em contextos de interação sociocultural e, por fim, investigaremos em que medida, elementos conteudísticos das séries, influenciam no modo de vida e no comportamento dos aprendizes de língua inglesa. A pesquisa será realizada no município de Tangará da Serra-MT, na Escola Estadual "Professora Jada Torres" onde oferta o ensino fundamental que está localizada em uma zona periférica da cidade e atende uma parcela significativa das crianças em idade escolar dos bairros considerados desvalidos. A primeira etapa da pesquisa será em forma de questionário aplicado aos estudantes da unidade como forma de pesquisa qualitativa, onde responderiam livremente às perguntas referentes ao conteúdo. No segundo momento, será feita a pesquisa por meio de entrevistas com os estudantes, professores e alunos, gravando e anotando seus relatos para assim verificar como utilizam essa variedade linguística dentro e fora do âmbito escolar, para que desse modo, juntamente com a escola, haja a possibilidade de fazer uma análise sociolinguística e documentar

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavanhada II

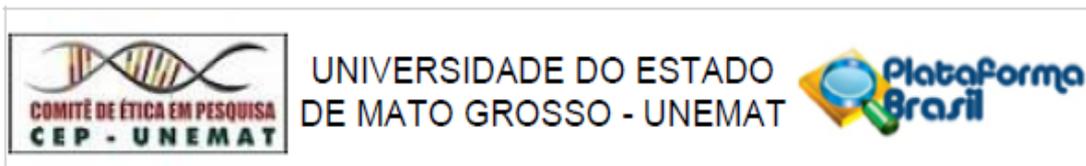
CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 4.355.623

esses fatos por meio de livros, documentários e trabalhos acadêmicos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Investigar se é possível realizar o aprendizado da língua inglesa e suas variações linguísticas e culturais com base na comparação entre algumas expressões idiomáticas do inglês e do português veiculadas em séries televisivas.

Objetivo Secundário:

- Analisar aspectos culturais e sociais inerentes em expressões idiomáticas da língua inglesa presentes na série Desventuras em Série;
- Compreender as traduções literais de expressões inglesas e respectivas traduções;
- Verificar a utilização de expressões idiomáticas em contextos de interação sociocultural;
- Investigar em que medida elementos conteudísticos das séries influenciam no modo de vida e no comportamento dos aprendizes de língua inglesa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a pesquisadora, "os possíveis riscos estão relacionados ao fato de o participante sentir que suas atividades cotidianas foram interrompidas durante a entrevista. Apesar de se tratarem de perguntas semiestruturadas, pode ocorrer de o participante, no momento da entrevista, falar de assuntos de cunho pessoal, e ainda, se emocionar ou se constranger durante a descrição do relato. Para minimizar a ocorrência desses riscos, a pesquisadora compromete-se em marcar um horário, para a entrevista, de acordo com disponibilidade do participante, informando-o da duração prevista da entrevista, em torno de uma hora. Com relação às informações de cunho pessoal que o participante vier a relatar, a pesquisadora compromete-se em excluí-las, eliminando qualquer risco de divulgação de uma informação pessoal do participante. Com o acontecimento da pandemia de Covid 19 que consterna o nosso globo terrestre, e nos impossibilita o contato presencial com os alunos, sobretudo no Brasil e com um ímpeto acentuado de contágio, no Estado de Mato Grosso no momento, nossa pesquisa, por questão de segurança e

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

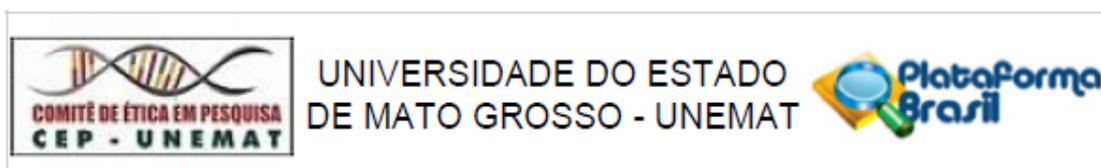
Bairro: Cavahada II

CEP: 78.200-000

UF: MT Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 4.355.623

proteger a saúde dos participantes, desenrolar-se-á por meio do aplicativo de celular, especificamente o Whatsapp, podendo assim, a entrevista durar mais ou menos tempo devido a fatores que não podemos controlar, como por exemplo a conexão da internet. Além disso, os informantes poderão, a qualquer momento, deixar de responder às perguntas, e até mesmo desistir de participar da entrevista. De modo geral, para minimizar quaisquer riscos possíveis, será criado um ambiente favorável e amigável para que o informante não se sinta desconfortável diante da pesquisadora. O pesquisador responsabiliza-se a publicar e disponibilizar os resultados da pesquisa para a comunidade pesquisada e para a instituição envolvida. Quanto aos benefícios são mostrar a importância da inclusão de variedades linguísticas culturais postas por meio das expressões idiomáticas, a conquista do domínio parcial ou total da Língua Inglesa, desenvolver a criticidade do estudante em relação a cultura do outro e a sua própria cultura. Possibilitar o interesse para produções relacionadas ao tema proposto. E por fim, contribuir para o desenvolvimento de estudos sobre os modos de falar as Expressões Idiomáticas e para as pesquisas na área da Sociolinguística Educacional, sobretudo em se tratando da aquisição do Idioma Inglês por meio de séries televisivas nas salas de aula da Escola Pública".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora faz ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos termos foram apresentados de acordo com a Resolução 510/2016 e Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde.

Recomendações:

Não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as solicitações foram atendidas.

- Currículo Lattes da pesquisadora e da orientadora; ATENDIDO

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada II

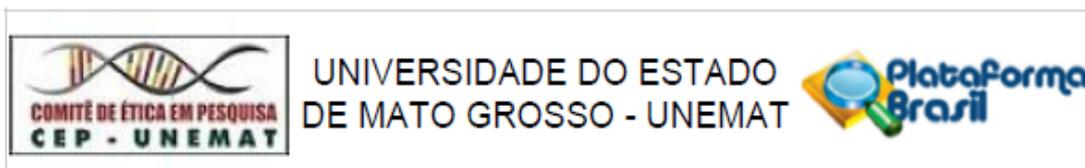
CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0087

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 4.355.623

- Termo de Compromisso da Unemat; ATENDIDO
- Folha de rosto; ATENDIDO
- TCLE dos entrevistados (maiores de idade) uma vez que na Metodologia Proposta do PB, a pesquisadora traz o seguinte: "No segundo momento, será feito a pesquisa por meio de entrevistas com os estudantes, professores e alunos, gravando e anotando seus relatos para assim verificar como utilizam essa variedade linguística dentro e fora do âmbito escolar, para que desse modo, juntamente com a escola, haja a possibilidade de fazer uma análise sociolinguística e documentar esses fatos por meio de livros, documentários e trabalhos acadêmicos". ATENDIDO
- É preciso quantificar, de forma detalhada quantas pessoas serão entrevistadas de fato. Serão apenas estudantes do 8º ano do ensino fundamental, pois no PB também aparecem professores. Dos 30 alunos do 8º ano, todos são menores de idade? Quantos professores serão entrevistados? Como serão realizadas as entrevistas, considerando a pandemia? É preciso rever essas questões, tanto no PB quanto nos termos de consentimento. É preciso seguir os protocolos da OMS vigentes. ATENDIDO
- Se houver entrevistados, maiores de idade, sejam professores ou estudantes, é preciso TCLE. (não serão entrevistados maiores de idade) - ATENDIDO
- Cronograma atualizado e detalhado da pesquisa, observando-se a situação atual da COVID 19 no país. ATENDIDO
- Orçamento detalhado da pesquisa; ATENDIDO
- É preciso que a pesquisadora apresente e descreva de forma detalhada os riscos e benefícios da pesquisa, faça a ponderação entre eles, apresente as medidas mitigadoras, tanto no PB, quanto nos Termos de consentimento. ATENDIDO
- No Termo de consentimento livre e esclarecido, a assinatura deve ser do responsável pelo menor. ATENDIDO

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavahada II

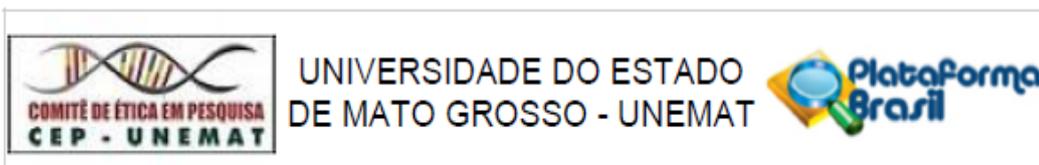
CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 4.355.623

Considerações Finais a critério do CEP:

O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNEMAT ORIENTA QUE O PESQUISADOR RESPONSÁVEL FIQUE ATENTO PARA APLICAÇÃO DE MEDIDAS PROTETIVAS INDICADAS PELA OMS VISANDO A SEGURANÇA DO PESQUISADOR E DOS PESQUISADOS NESSE PERÍODO DE PANDEMIA. QUANDO DO TÉRMINO DA PESQUISA, O PESQUISADOR RESPONSÁVEL DEVERÁ ENVIAR SEU RELATÓRIO FINAL VIA PLATAFORMA BRASIL.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1567421.pdf	23/09/2020 14:46:52		Aceito
Outros	TERMO_CONSENTIMENTOpreenchido.doc	23/09/2020 14:45:41	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Decl_orientador.doc	23/09/2020 14:38:12	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito
Outros	LattesDanieleAngelicaBorgesFolettto.pdf	23/09/2020 14:36:21	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito
Outros	LattesCristianeSchmidt.pdf	23/09/2020 14:35:44	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetopesquisaCEP.docx	23/09/2020 14:34:01	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito
Outros	PEDIDO_RECONSIDERAR.docx	23/09/2020 14:32:43	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito
Declaração de Manuseio Material Biológico / Biorepositório / Biobanco	instcoletadados.pdf	31/08/2020 00:03:04	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	infraestruturaassinadozulema.pdf	30/08/2020 23:59:03	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	oficio002.pdf	30/08/2020 23:52:52	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito
Declaração de concordância	termocompasspedagogica001.pdf	30/08/2020 23:49:19	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	declares4662012006.pdf	30/08/2020 23:47:56	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavalhada II

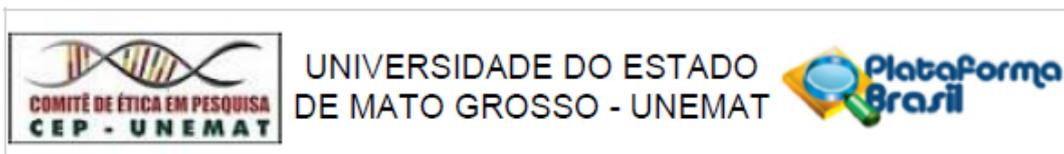
CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 4.355.623

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoassentimento004.pdf	30/08/2020 23:45:39	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto_zulema.pdf	30/08/2020 23:35:45	DANIELE ANGELICA BORGES FOLETTTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CACERES, 22 de Outubro de 2020

Assinado por:
Severino de Paiva Sobrinho
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavalhada II

CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br

ANEXO B – Birds of Prey (and the Fantabulous Emancipation of One Harley Quinn)



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO C – Yes! Touch



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO D – Top Charme



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO E – King Tênis



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO F – Champion Smartwatch



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO G – Foto New Color



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO H – Mr. Músculo



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO I – Salon Line



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO J – Veja Powe Fusion/Gold



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO K – Ypê Pink



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO L – Saf-instant



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO N – Off Family



Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO O – Instrumento de Coleta de Dados

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO/DOUTORADO**

Será utilizado como recursos para a coleta de dados, um gravador de áudio e\ ou blocos de anotações, mediante o conhecimento e autorização dos sujeitos entrevistados, que consiste em perguntas abertas e fechadas, com perguntas principais e que são complementadas por questões relacionadas ao assunto da pergunta ou tema da pesquisa.

INFORMAÇÕES PARA O(A) PARTICIPANTE VOLUNTÁRIO(A):

Você está convidado(a) a responder este roteiro de perguntas que faz parte da coleta de dados da Pesquisa com o título '**Expressões Idiomáticas em Contexto de Ensino de Língua Inglesa a partir de Séries Televisivas**' sob a responsabilidade da mestrandia Daniele Angélica Borges Foletto e orientação da Profa. Dra. Cristiane Schmidt no Mestrado em Linguística da UNEMAT.

Objetivo geral da pesquisa: Investigar se e em que medida algumas expressões idiomáticas do inglês veiculadas em séries televisivas podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa e suas variações linguísticas e culturais numa escola pública do Mato Grosso.

Perguntas norteadoras a serem respondidas por alunos da Escola Estadual Professora Jada Torres de Tangará da Serra, no Estado do Mato Grosso.

1) Questões de identificação:

Nome completo:

Idade:

Local de nascimento:

Nome da Escola em que estuda:

2) Você tem o hábito ou gosta de assistir filmes ou série de TV?

3) Você gosta da série 'Desventuras em Série'?

4) Qual sentimento você tem em relação as aulas de língua Inglesa? Por quê?

5) Você acha que dominar um outro idioma traz oportunidades melhores

6) O que são expressões idiomáticas?

7) Você acredita ser possível aprender inglês por meio da série?

8) Você acha que aprende ou aprendeu algo importante com a série? Se sim, o que por exemplo?

9) Alguma expressão idiomática que você já utilizava e que apareceu diversas vezes na série? Cite qual ou quais

10) Você acredita que por meio desta série é possível aprender a respeito de outra disciplina da escola sem ser a língua Inglesa? Se sim, qual ou quais?

11) Em relação aos aspectos culturais, o que você conseguiu observar? O que te chamou a atenção sobre a cultura do povo Norte Americano?

12) Algum fato social apresentado na Série te saltou aos olhos?

13) Referente a fala dos personagens, você considera que o modo de falar de um personagem seja de mais fácil compreensão que outro?

14) Qual personagem você considera que apresentou uma linguagem de maior grau de complexidade, ou seja, que você encontrou dificuldade em compreendê-lo(a)?

Observação: As perguntas poderão ter mudanças, em consonância com o orientador, pois estamos em fase de leitura para o referencial teórico.

Outra situação que o entrevistado deseja comentar, a respeito de expressões idiomáticas, cultura, vida em sociedade e aquisição de uma segunda língua.

ANEXO P – Termo de Consentimento



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, em que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável.

Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: *EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM CONTEXTO DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA A PARTIR DE SÉRIES TELEVISIVAS*

Responsável pela pesquisa: Daniele Angélica Borges Foletto

Endereço e telefone para contato: Rua 28, número 1248 N – Vila Horizonte – Tangará da Serra/MT – Fone: (65) 9964-5518

Equipe de pesquisa: Daniele Angélica Borges Foletto e Prof^a Dra. Cristiane Schmidt.

O objetivo desta pesquisa está pautado em investigar se e, em que proporções, as/algumas expressões idiomáticas da língua inglesa veiculadas em séries televisivas, podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem do idioma, bem como as suas variações linguísticas e culturais em uma escola pública do município de Tangará da Serra, no estado de MT.

A pesquisadora responsável assume que os sujeitos da pesquisa não serão identificados em qualquer das formas de divulgação do estudo e de seus resultados, preservando, assim, o anonimato dos mesmos.

Os possíveis riscos desta pesquisa estão relacionados ao fato de o participante sentir que suas atividades cotidianas foram interrompidas durante a entrevista, ou entender que a

entrevista está acontecendo em momento indevido. Pode ocorrer ainda de o participante se incomodar com a duração da pesquisa, que tem previsão de 1 hora, aproximadamente. Ainda, corre-se o risco de o participante, no momento da entrevista, falar de assuntos de cunho pessoal e ainda, se emocionar durante a descrição do relato. Porém, para minimizar a ocorrência desses riscos, a pesquisadora compromete-se em marcar um horário, para a entrevista, de acordo com disponibilidade do participante, informando-o da duração prevista da entrevista. Com relação às informações de cunho pessoal que o participante relatar, a pesquisadora compromete-se em excluí-las, eliminando qualquer risco de divulgação de uma informação pessoal do participante.

Além disso, os informantes poderão, a qualquer momento, deixar de responder às perguntas, expor algum detalhe que o incomode e até mesmo desistir de participar da entrevista. De modo geral, para minimizar quaisquer riscos possíveis, será criado um ambiente favorável e amigável para que o informante não se sinta desconfortável diante da pesquisadora.

O informante receberá uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e terá liberdade de retirar o Consentimento, sem qualquer prejuízo da continuidade do acompanhante/tratamento usual. Assinar a última página e rubricar as demais.

Local e data: _____

Nome: _____

Endereço: _____

RG/ou CPF: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Responsável pela Pesquisa:

DANIELE ANGÉLICA BORGES FOLETTO

Fonte: Autoria própria (2020).

ANEXO Q – Termo de Assentimento



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **“EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM CONTEXTO DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA A PARTIR DE SÉRIES TELEVISIVAS”**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa está pautado em investigar se e, em que proporções, as/algumas expressões idiomáticas da língua inglesa veiculadas em séries televisivas podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem do idioma, bem como as suas variações linguísticas e culturais em uma escola pública do município de Tangará da Serra, no estado de MT. A partir deste crescente interesse coletivo dos estudantes por séries, selecionamos títulos, assuntos e enredos que se amoldassem a faixa etária de cada turma, assim Barton e Lee (2015) apontam a linguagem como algo central nas mudanças contemporâneas. Como as aulas de inglês, lamentavelmente, são designadas como enfadonhas por uma parcela significativa de alunos, ou sem utilidade pois não conseguem associar a magnitude do conhecimento de um outro idioma com seus contextos, muitos demonstram resistência ao se expor em relação a sua pronúncia. Dessa maneira, pensamos a partir dessa premissa em uma forma de trabalhar expressões idiomáticas em Inglês, mediante a inserção de alguns seriados que chamam a atenção do público jovem.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista com perguntas relacionadas a série televisiva *Desventuras em Série* e as expressões idiomáticas contidas nela. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: a possibilidade de você se emocionar, ou sentir algum tipo de constrangimento, se envergonhar ao responder alguma questão, ou preferir falar livremente sobre o assunto. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, deixarei você a vontade para deixar de responder qualquer questão ou se preferir pode falar livremente sobre o assunto da pergunta. A pesquisa pode ajudar a você reconhecer as expressões idiomáticas mais recorrentes na Língua Inglesa e em Língua Portuguesa, aprender sobre a cultura e a vida social do povo norte americano e conseqüentemente adquirir um segundo idioma.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as

informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você.

Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos com para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Tangará da Serra, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do (a) menor

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável: Daniele Angélica Borges Foletto

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística

UNEMAT – Cidade Universitária (Cáceres)

Av. Santos Dumont, S/nº. - Santos Dumont, Cáceres-MT, CEP: 78.200-000

Contatos: (65) 3223-1466; ppgl@unemat.br

Fonte: Autoria própria (2020).